JOSÉ CARVALHEIRO

Rankings

Quem supera o esperado
Lista das mais de 500 escolas secundárias



Apostar no bê-á-bá, reduzir turmas, trabalhar com TIC: as estratégias dos professores quando os alunos se distinguem nas provas Moda

Lisboa só tem uma escola pública no top 100 do Ranking de Superação do ensino secundário

Escolas de municípios onde o peso dos estrangeiros mais subiu desceram nos rankings: análise da directora da Pordata

Os rankings fazem 25 anos, o que mudou?

"Professor, estou aqui graças a si": como Monção subiu do fundo da tabela ao topo

PÚBLICO
Católica Porto School of Business and Economics

RANKINGS Resultados no ensino secundário e no 9.º ano

Os rankings em 5 pontos

1. Com 17% das escolas do país, Porto ocupa 35% do topo

As escolas do Norte continuam a ganhar terreno nos lugares cimeiros e as da Grande Lisboa a ficar para trás. Esta tendência sai reforçada da nova edição do Ranking de Superação feito pelo PÚBLICO e pela Católica Porto School of Business and Economics (Católica Porto SBE) a partir dos resultados dos alunos nos exames nacionais do ensino secundário em 2025. Números: 35 das 100 escolas que mais superam o que seria de esperar estão no distrito do Porto, onde vive 17% da população portuguesa. Seis são estabelecimentos privados e 29 públicos — a **Básica e Secundária de Coronado e Castro** (13,02 valores de média), na Trofa, é a escola pública deste distrito que mais vai além do esperado.

Já o distrito de Lisboa, onde, de acordo com a Pordata, se concentra quase um quarto (23%) da população do país, só coloca oito escolas no top 100 do Ranking de Superação. Apenas uma delas é pública (a **Escola Básica e Secundária D. Filipa de Lencastre**, com 13,59 valores).

Estamos a falar de distritos com um número semelhante de escolas — 97, no Porto, 107, em Lisboa — que representam 17% e 19%, respectivamente, das 562 escolas ordenadas pelo PÚBLICO no Ranking de Superação do secundário.

Face a 2024, o distrito de Lisboa perde peso no top 100 (menos quatro escolas), e o Porto ganha (mais cinco).

Se em vez de distritos dividirmos o país em NUT II, o hiato alarga-se: o Norte concentra 60% das escolas do top 100 e a Grande Lisboa 8%.

O PÚBLICO e a Católica Porto SBE voltam a apresentar dois rankings: o Ranking de Exames ordena as escolas em função da média obtida pelos seus alunos nos exames nacionais do ensino secundário em 2025; já no Ranking de Superação, de que acabámos de falar — e que é aquele a que o PÚBLICO dá primazia —, as escolas são ordenadas da que mais supera a média "esperada" para a que mais fica aquém do expectável. Só estabelecimentos de ensino com um número mínimo de 56 provas nas oito disciplinas que têm mais estudantes sujeitos a avaliação externa entram na seriação.

Médias nos exames do secundário
As oito disciplinas que entram no ranking

◆ Pública ◆ Privada

	N.º de provas	Média nos exames	Dif.
PT	52.106 6248	13,05 14,83	1,78
MAT A	20.042 3711	10,78 13,78	3,00
BG	15.353 1622	12,66 14,96	2,30
FQ	14.793 2212	11,06 13,75	2,69
GEO	12.147 821	10,32 11,48	1,16
HIST	7972 475	10,87 12,73	1,86
ECO	7324 1651	11,82 14,28	2,46
FIL	12.645 1127	10,32 12,43	2,11

Fonte: cálculos do PÚBLICO com base nos resultados de 160.249 provas realizadas nas oito disciplinas consideradas, em todas as escolas

2. Vouzela é n.º 1 no Ranking de Superação do secundário

A escola número 1 do Ranking de Superação não fica, contudo, nem no Norte, nem em Lisboa. Está no centro e é uma escola do contexto mais desfavorável dos três definidos na análise que é feita pelo PÚBLICO e pela Católica Porto SBE, com base no perfil socioeconómico dos alunos. A **Secundária de Vouzela**, com quase 30% dos seus estudantes abrangidos pela Acção Social Escolar (ASE), atribuídos a jovens de agregados com rendimentos mais baixos, lidera o Ranking de Superação do secundário. Já na edição dos rankings de 2023 se tinha destacado.

A média desta escola é de 13,66 valores (numa escala de zero a 20), 50.ª mais alta do país, se considerado ensino público e privado. José Alberto Pereira, o director, descreve-a assim: é uma escola diversa, com alunos de diferentes origens sociais, incluindo de várias nacionalidades — "Brasileiros, israelitas, moldavos, ucranianos... E isso é bom." É também uma escola que nos últimos anos tem "perdido" alguns professores que, através dos mecanismos de mobilidade, tentam aproximar-se mais de Viseu, onde vivem, a meia hora de carro. Mas isso, até ver, não teve impacto negativo nos resultados deste estabelecimento de ensino que já se tinha destacado em edições anteriores dos rankings.

Aqui, continua o professor, pratica-se a "proximidade" com alunos e famílias e conhece-se as suas necessidades. Por exemplo: todos se organizam para que as crianças e os jovens possam fazer boa parte dos trabalhos de casa na própria escola, entre as 15h15 e as 17h30 — até porque muitos têm viagens longas, de transportes públicos, pela frente, no final do dia, diz. E há sempre professores disponíveis para dar apoio aos TPC. "Esta é uma medida que temos há muito tempo" e que, nota, é importante por várias razões. "Quando estão em casa, as crianças devem ter tempo para brincar e estar com a família."

Para construir o Ranking de Superação, o PÚBLICO e a Católica Porto SBE começam por distribuir os estabelecimentos de ensino em diferentes grupos em função de três indicadores: percentagem de alunos de famílias com rendimentos mais baixos (os que recebem apoio no âmbito da ASE); idade média dos alunos; habilitações dos pais. Distribuídas as escolas por diferentes contextos, os resultados dos alunos nos exames de cada escola são comparados com os resultados dos alunos de outras de contexto semelhante.

Para as escolas privadas, o ministério não fornece indicadores de contexto. Por isso, as que não têm qualquer financiamento do Estado (e cobram propinas) são comparadas com outras nas mesmas circunstâncias; e os colégios que recebem financiamento do Estado, por colmatarem a falta de oferta de escolas públicas, são comparados entre si. Por fim, e porque também para as regiões autónomas não há informação socioeconómica, Madeira e Açores constituem mais dois contextos próprios. Todas as escolas são ordenadas em função da diferença entre os resultados nos exames e os resultados "expectáveis".

Ficar aquém do esperado significa que uma escola se sai pior do que outras com características semelhantes. O **Real Colégio de Portugal**, em Lisboa, **e a Secundária José Cardoso Pires**, em Loures, estão, nesta lista, nos últimos lugares.

As cinco escolas públicas com a média mais alta
Secundário

Posição nos Rankings: □ ... de Superação ■ ... de Exames
■ N.º de provas □ Média nos exames

4.º	38.º	ES de Monção, Monção	221	14,08	I
3.º	44.º	EBS de Anadia, Anadia	282	13,92	I
16.º	45.º	ES Alves Martins, Viseu	1191	13,91	F
1.º	50.º	ES de Vouzela, Vouzela	94	13,66	D
38.º	51.º	ES Eça de Queirós, Póvoa de Varzim	815	13,62	F

Contexto socioeconómico: F — Favorável, I — Intermédio, D — Desfavorável

Nota: entram no Ranking de Superação do secundário 562 escolas, onde se realizaram, pelo menos, 56 provas nas oito disciplinas com mais inscritos. Os valores apresentados foram arredondados após a ordenação das escolas

As cinco escolas que mais superam a média esperada
Secundário

◆ Pública ◆ Privada
Posição nos Rankings: □ ... de Superação ■ ... de Exames
■ N.º de provas □ Média nos exames ■ Diferença de valores face ao esperado

1.º	50.º	◆ ES de Vouzela, Vouzela	94	13,66	2,6	D
2.º	1.º	◆ Grande Colégio Universal, Porto	144	16,82	2,27	P
3.º	44.º	◆ EBS de Anadia, Anadia	282	13,92	2,21	I
4.º	38.º	◆ ES de Monção, Monção	221	14,08	2,17	I
5.º	2.º	◆ Colégio Nossa Senhora do Rosário, Porto	415	16,53	1,99	P

Contexto socioeconómico: D — Desfavorável, I — Intermédio, P — Privada sem financiamento estatal

Nota: entram no Ranking de Superação do secundário 562 escolas, onde se realizaram, pelo menos, 56 provas nas oito disciplinas com mais inscritos. Os valores apresentados foram arredondados após a ordenação das escolas

As cinco escolas do país com médias de exames mais altas
Secundário

◆ Pública ◆ Privada ■ N.º de provas □ Média nos exames
Posição no Ranking de Exames

1.º	◆ Grande Colégio Universal, Porto	144	16,82
2.º	◆ Colégio Nossa Senhora do Rosário, Porto	415	16,53
3.º	◆ Colégio Efanor, Matosinhos	227	16,34
4.º	◆ Academia de Música de Santa Cecília, Lisboa	71	16,25
5.º	◆ Colégio Nova Encosta, Paços de Ferreira	116	16,18

Nota: no Ranking de Exames entram 563 escolas, onde se realizaram, pelo menos, 56 provas. Os valores apresentados foram arredondados após a ordenação das escolas

3. Grande Colégio Universal tem a média mais alta dos exames

O tradicional Ranking de Exames premeia sobretudo as classificações absolutas,

Lisboa perde peso e só tem uma escola pública no top 100, Porto reforça protagonismo



enquanto o Ranking de Superação procura medir o que cada escola acrescenta face a outras. No dos exames do secundário dominam o topo da tabela as escolas privadas — entre as 50 melhores médias, só há quatro públicas. O que significa que o ensino público volta a perder lugares na lista das classificações mais altas (em 2024 eram sete, em 2023, seis, em 2022, cinco). Já no Ranking de Superação ganham destaque muitas escolas públicas do interior e, por vezes, de contextos mais desafiantes: das 50 que mais superam, 38 são públicas.

Também há escolas que se saem bem em ambos os rankings: no ensino secundário, uma média de 16,82 valores coloca o **Grande Colégio Universal**, no Porto, a liderar o Ranking de Exames. Este estabelecimento, fundado em 1910 por dois padres e um advogado, e dirigido por Rui Brito, é, simultaneamente, a segunda escola que mais supera o que seria esperado. Não é novidade: há anos que este colégio, onde as propinas vão dos 415 aos 495 euros, apresenta bons resultados, tanto no básico como no secundário. Nos exames do 9.º, nesta edição, tem a 6.ª melhor média do país (em mais de mil escolas) e é 24.º no Ranking de Superação.

Algumas características da escola, segundo o seu director: professores "resilientes e comprometidos" com o projecto da escola, que comunicam muito entre si e "dão *feedback* permanente aos coordenadores das disciplinas"; um acompanhamento próximo de cada aluno (cada um tem uma espécie de tutor que o acompanha ao longo dos anos); o compromisso de que cada criança e jovem deve adquirir "fortes conhecimentos científicos" e, ao mesmo tempo, treinar para os exames ("o exame é um exercício técnico que merece treino e temos aí um grande *know how*, todos os alunos do secundário são treinados para esse exercício").

E numa altura em que se fala muito da escassez de professores, como tem a escola gerido isso? Rui Brito diz que, "até ver", não tem tido dificuldades em recrutar e valoriza, aliás, a ideia de ir ajustando o seu corpo docente à medida das necessidades — mais do que um corpo "estável e estático", prefere "um grupo dinâmico". Admitindo que paga "acima da tabela do ensino privado", nota, contudo, que os colégios não conseguem acompanhar os salários do ensino público, mais elevados em algumas categorias profissionais.

Por fim, qual a importância da origem social dos alunos neste desempenho? O director recusa que no privado só andam os meninos ricos: "Temos filhos de pequenos empresários, profissionais liberais, médicos..." Em comum, esses pais têm um facto que não é de somenos: consideram "a educação um bem de primeira necessidade". Uns pagarão as propinas com mais folga, outros, menos.

Outra escola que sai bem na fotografia dos dois rankings é a **Secundária de Monção**. Com 23% dos alunos do 12.º ano abrangidos pela ASE, é o estabelecimento de ensino público com a média mais alta e o 4.º, entre públicos e privados, que mais supera o seu contexto. Leia a reportagem nas páginas que se seguem.

As cinco escolas do país com médias de exames mais altas
9.º ano

◆ Pública ◆ Privada — N.º de provas — Média nos exames

Posição no Ranking de Exames

1.º	◆	Colégio de Nossa Senhora do Alto, Faro	50	4,26
2.º	◆	Colégio Didálvi, Barcelos	49	4,2
3.º	◆	Colégio de Nossa Senhora da Conceição, Guimarães	94	4,18
4.º	◆	Externato das Escravas Sagrado Coração de Jesus, Porto	74	4,08
5.º	◆	Colégio Moderno, Lisboa	287	4,07

Nota: no Ranking de Exames entram 1057 escolas, onde se realizaram, pelo menos, 42 provas

As cinco escolas que mais superam a média esperada
9.º ano

◆ Pública ◆ Privada

Posição nos Rankings: □ ... de Superação ■ ... de Exames

■ N.º de provas □ Média nos exames ■ Diferença de valores face ao esperado

1.º	24.º	◆ Escola do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, Braga	86	3,8	2,93	F
2.º	43.º	◆ EB Francisco Torrinha, Porto	120	3,7	2,93	F
3.º	47.º	◆ Escola do Conservatório de Música do Porto, Porto	134	3,66	2,93	F
4.º	40.º	◆ Colégio de Nossa Senhora de Fátima, Leiria	112	3,71	3	CA
5.º	54.º	◆ Escola de Música do Conservatório Nacional, Lisboa	102	3,63	2,93	F

Contexto socioeconómico: F — Favorável, **CA** — Privada com contrato de associação

Nota: entram no Ranking de Superação do básico 1053 escolas, onde se realizaram, pelo menos, 42 provas. Os valores apresentados foram arredondados após a ordenação das escolas

4. Escola Calouste Gulbenkian de Braga lidera lista no 9.º ano

Deixemos o secundário. Quatro escolas públicas marcam presença no topo do Ranking de Superação do 9.º ano do básico, incluindo três escolas de música. O **Conservatório de Música Calouste Gulbenkian**, em Braga, está em 1.º lugar. Teve 3,80 valores de média (numa escala que vai até 5), a mais alta do país no ensino público e a 24.ª no ranking nacional. O director está habituado à pergunta: qual é o "segredo"? Pode ler mais sobre este tema na página 9, mas para já Jorge Faria lembra que a escola que dirige, que tem alunos do 1.º ao 12.º ano, foi o primeiro conservatório a testar o ensino integrado (assim se designa quando as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e outras, são leccionadas na mesma escola que dá formação específica em artes visuais, dança ou música). Depois de um estudo encomendado pelo Governo em 2007, a experiência alargou-se. Hoje, em Braga, as vagas não chegam para as 240 candidaturas por ano que ali recebem. Faz-se selecção de alunos, desde logo com provas de aptidão musical. Mas o que o director mais valoriza na hora de explicar os resultados não é isso. Jorge Faria destaca a "elevada qualidade dos professores" que ali trabalham; "a preocupação que estes pais têm em acompanhar os filhos" e o que o espírito de orquestra faz às cabeças dos miúdos desde cedo: "Numa orquestra há muitas regras, todos têm de entrar no tempo certo, no momento em que o maestro dá a ordem"; há organização, esforço, "reforço positivo"; e tudo isso contagia o resto, o que não é música. "Estes alunos aprendem a organizar-se desde muito cedo." O baixíssimo rácio professor-aluno que aqui existe (desde logo porque as aulas de instrumento são individuais) também ajuda.

No Ranking de Superação do 9.º ano são tidas em conta as 1053 escolas onde se realizaram, pelo menos, 42 provas de Português e Matemática. A lista mimetiza o que se passa no secundário: 61 das primeiras 100 escolas são da NUT II Norte (47 públicas e 14 privadas) e apenas oito são da Grande Lisboa (seis públicas e duas privadas). Os **externatos Flor do Campo**, em Odivelas, e **António Sérgio**, em Beja, são os que mais ficam aquém do esperado.

Médias nos exames do 9.º ano
As oito disciplinas que entram no ranking

◆ Pública ◆ Privada

	N.º de provas	Média nos exames	Dif.
PT	83.816	2,91	0,50
	9870	3,41	
MAT	86.224	2,67	0,82
	10.013	3,49	

Fonte: cálculos do PÚBLICO com base nos resultados de 189.923 provas realizadas nas duas disciplinas consideradas, em todas as escolas

5. Colégio católico de Faro tem a melhor nota

Há muito que o Algarve é uma das regiões com piores indicadores de sucesso escolar. Está abaixo da média nacional dos exames tanto no ensino básico como no secundário. Mas nesta edição dos rankings o **Colégio de Nossa Senhora do Alto** chama a atenção. A escola de Faro supera em larga medida o valor esperado, e ultrapassa, em termos de médias, colégios bem mais famosos de Lisboa e do Norte. Os bons resultados não são de agora, mas em 2025, com 50 provas, este estabelecimento católico passou a número 1 (4,26 valores) no Ranking de Exames e a 7.º no de Superação. **Andreia Sanches**

As cinco escolas públicas com a média mais alta
9.º ano

Posição nos Rankings: □ ... de Superação ■ ... de Exames

■ N.º de provas □ Média nos exames

1.º	24.º	Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, Braga	86	3,80	F
2.º	43.º	EB Francisco Torrinha, Porto	120	3,70	F
3.º	47.º	Conservatório de Música do Porto, Porto	134	3,66	F
5.º	54.º	Escola de Música do Conservatório Nacional, Lisboa	102	3,63	F
6.º	56.º	EBS da Quinta das Flores, Coimbra	186	3,62	F

Contexto socioeconómico: F — Favorável

Nota: entram no Ranking de Superação do básico 1053 escolas, onde se realizaram, pelo menos, 42 provas nos exames do 9.º ano. Os valores apresentados foram arredondados após a ordenação das escolas

RANKINGS Escola de Monção é das que mais superam o esperado no secu



Quase um quarto dos alunos recebe apoio no âmbito da acção social

1.º lugar Melhor média nos exames do ensino público

4.º lugar Ranking de Superação

Escola Secundária de Monção
Monção

12.º ano

Média nos exames	14,08
N.º total de provas 2025	221
Valor esperado face ao contexto	11,91
Habilitações dos pais dos alunos do 12.º ano	9,14
Habilitações das mães dos alunos do 12.º ano	11,76
Alunos do 12.º ano com Acção Social Escolar	23,3%
Idade média dos alunos do 12.º ano	17,19
Taxa de retenção no 12.º ano	3%
Contexto	Intermédio
Tipo de escola	Pública

"Professor, estou aqui graças a si": a escola que subiu do fundo da tabela ao topo das públicas

Numa zona rural, a Escola Secundária de Monção passou das últimas 100 a referência nacional. Um corpo docente disposto a dúvidas por *email* e fora de horas ajuda a explicar sucesso

Reportagem
Daniela Carmo Texto
e Nelson Garrido Fotografia

Carlos Novo não tem falsa modéstia quando constata os bons resultados que os alunos a quem deu aulas na Escola Secundária de Monção, no distrito de Viana do Castelo, conseguiram no exame nacional de Economia A. "Já é costume", afirma, munindo-se de números: se, em 2025, os estudantes conseguiram alcançar uma média de 16,28 valores na prova, este ano os resultados foram ainda melhores, chegando a uma média de 17,1 valores (numa escala de zero a 20).

Alunos empenhados e motivados por um quadro docente estável, no qual confiam e com quem se sentem à vontade para colocar todas as dúvidas – mesmo que seja por *email* e fora de horas, quando há questões que surgem durante o estudo autónomo –, apoios de preparação para os exames e uma familiaridade com a linguagem utilizada nas provas externas parecem ser alguns dos ingredientes para o sucesso da escola, que alcançou, no ano passado, o primeiro lugar no ranking, entre os estabelecimentos estatais, da avaliação externa do ensino secundário. Mas, para chegar aqui, foi preciso fazer "uma travessia no deserto", como caracteriza o director do agrupamento, Sérgio Gonçalves, à frente daquela escola há 11 anos. Quando entrou na sala da direcção pela primeira vez, a escola estava colocada entre as últimas 100 da tabela e agora, refere, orgulhoso, colhe os frutos do investimento que fez à data para criar condições de estabilidade e de confiança entre os profissionais.

Procurou, desde logo, "atacar os inícios de ciclo", por exemplo, com programas de linguagem oral ainda no pré-escolar. Depois, no 1.º e no 2.º anos de escolaridade, criou-se o projecto "Dividir para somar", focado em Português e Matemática, que consistia em dividir uma turma em pequenos grupos de alunos para um ensino mais individualizado. "Imagine que a carga horária é de quatro horas semanais, havia uma aula que era desdobrada para podermos atacar logo as dificuldades que surgissem."

"Na educação, as medidas não têm efeitos imediatos. Às vezes é preciso esperar oito ou dez anos, que é o que está a acontecer. Os alunos que beneficiaram no 1.º ciclo daqueles primeiros projectos são os que fizeram exames nestes últimos dois anos", abona. E os resultados estão à vista.

ndário

A secundária de Monção alcançou uma média de 14,08 valores nas oito disciplinas que entram no ranking do PÚBLICO-Católica Porto SBE de 14,08 valores nos exames nacionais de 11.º e 12.º anos de 2025, destacando-se como a primeira escola pública a surgir na lista ordenada. Acima, figuram apenas colégios privados no ranking divulgado hoje pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação. É preciso descer ao 38.º lugar para encontrar o primeiro estabelecimento de ensino público da ordenação.

E mesmo no Ranking de Superação, em que as escolas são ordenadas da que mais supera o que seria esperado para a que menos supera, também com base nos resultados obtidos nos exames, está entre as cinco primeiras, ocupando o 4.º lugar da lista. Em primeiro lugar ficou a Escola Secundária de Vouzela, no distrito de Viseu, que o PÚBLICO visitou em 2023, quando já estava nesta posição.

O Ranking de Superação é alternativo ao dos exames, uma forma diferente de olhar para os resultados das escolas. No essencial, funciona assim: os estabelecimentos de ensino onde se realizam pelo menos 56 provas das oito disciplinas com mais alunos inscritos a nível nacional são ordenados dos que mais superam para os que mais ficam aquém de um valor esperado que é calculado pelo PÚBLICO e pela Católica Porto SBE.

Em 2025, o valor esperado face ao contexto da escola de Monção para a média das oito disciplinas fixava-se em 11,91 valores. A escola conseguiu mais 2,17 valores.

Para Carlos Novo, as boas notas são o reflexo do "empenho de todos desde o primeiro dia". "Focamo-nos na meta e fazemo-lo desde o princípio até ao fim. E os alunos acompanham. Também não se pode fazer nada se os alunos não colaborarem. Nós damos sempre o foco e eles vêm atrás. Vamos construindo pouco a pouco até chegar àquilo que o exame pede", reflecte o professor de Economia.

Em Setembro último, aliás, um antigo estudante daquela secundária ligou-lhe para lhe agradecer. Durante a chamada, disse-lhe: "Professor, estou aqui graças a si." "Não é verdade, mas fiquei contente que ele tivesse atingido os objectivos a que se tinha proposto", apressa-se a dizer. O ex-aluno entrara na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, instituição onde a média do último colocado na 1.ª fase de 2025 no curso de Gestão foi de 17,8 e, no de Economia, de 17,23 valores.

"Isto é sempre um trabalho colectivo. Toda a gente contribui para o sucesso e para lhes dar uma opção para eles poderem concorrer ao ensino superior, porque as médias nas universidades estão extremamente elevadas. E nós ficamos contentes quando os alunos conseguem ir para as universidades que querem", completa ainda.



Inserida num contexto intermédio, em que quase um quarto dos alunos (23,3%) recebe apoio no âmbito da Acção Social Escolar, que só está disponível para famílias com rendimentos baixos, a secundária está localizada numa zona rural e afastada dos grandes centros urbanos. "Estamos mais isolados, apesar de Monção ser uma vila até bastante desenvolvida, comparativamente aqui aos nossos vizinhos, e com alguma dinâmica económica e empresarial. Mas somos o único agrupamento público neste concelho. Aqui não podemos seleccionar alunos, nem dizer que não temos vagas. A porta está aberta e isso, às vezes, é um desafio grande", problematiza o director.

A escola tem-se debatido com o aumento da população de alunos (contando, actualmente, mais de 1800 em todo o agrupamento), inclusive quando o ano lectivo já está em curso, o que, na prática, significa que podem acabar por existir turmas maiores do que deveriam. E isso, por um lado, põe em causa a aprendizagem dos estudantes e levanta dificuldades aos professores, e, por outro, obriga a direcção a fazer uma ginástica para os conseguir encaixar nos espaços físicos existentes, que são limitados.

"Quando chegam alunos a meio do ano, por exemplo, nós somos obrigados a recebê-los, o que cria, às vezes, desconformidades e a turma pode ter 29 ou 30 alunos e os professores têm de se adaptar. Claro que alguns resmungam, os pais também questionam. E depois é preciso este jogo de cintura para perceberem que temos de chegar a todos. Não podemos deixar ninguém de fora da porta", refere ainda Sérgio Gonçalves.

Desde o último ano lectivo que os andaimes, as vigas, os pilares ou os carrinhos de mão passaram a fazer parte da paisagem, num investimento de 5,5 milhões de euros que a escola recebeu para requalificação dos espaços ao abrigo do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). Mas as obras já eram pedidas havia quase 20 anos, numa estrutura cuja construção data de 1976. A verba recebida contemplava, porém, apenas a requalificação, pelo que não foi possível construir um novo bloco, como a direcção ansiava, para acolher mais alunos.

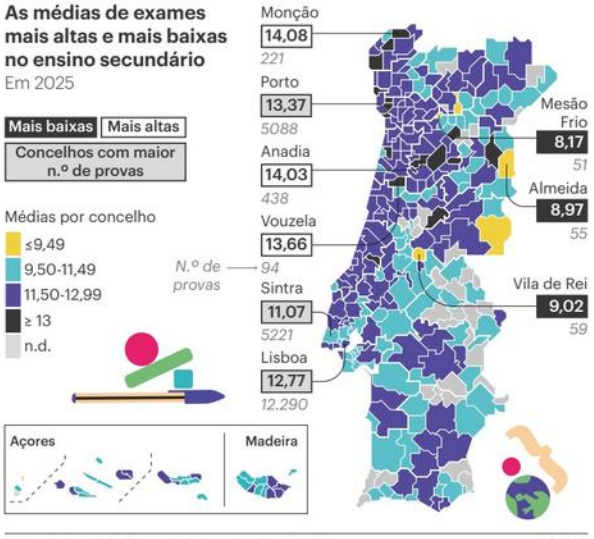
> **Aqui não podemos seleccionar alunos, nem dizer que não temos vagas. A porta está aberta**
>
> **Sérgio Gonçalves**
> Director

Agora há dossiers espalhados um pouco por toda a parte, os cabides que hão-de passar para os balneários (e que chegaram no dia anterior àquele em que o PÚBLICO visitou a escola) estão montados provisoriamente no novo anfiteatro. "Não liguem que isto está mesmo em 'pantanas'", avisa Ana Teresa, profissional não docente, que deixa escapar alguns suspiros quando recorda as idas e vindas e trocas de pousos ocorridas no último ano escolar para que as obras pudessem decorrer nos cinco blocos.

Com o investimento, instalaram-se sistemas de renovação de ar e ar condicionado em todas as salas, melhorou-se o isolamento (antes, no Inverno, não eram raros os dias em que só com uma manta nas pernas se conseguia combater o frio), fizeram-se laboratórios novos para as aulas de Biologia, de Física e de Química, compraram-se computadores novos e também uma impressora 3D para os cursos profissionais. Tudo pronto a estrear. É quase como uma prenda pelo sucesso escolar. "Agora, com tão boas condições, vamos ver se não se desleixam", brinca Sérgio Gonçalves.

Maria Celeste Gonçalves, professora naquela casa há mais de 30 anos, acompanhou uma das turmas da colheita de alunos que prestou provas em 2025 e que conseguiu "resultados fabulosos". Com um sorriso largo, que revela a felicidade por a turma ter conseguido uma média de 15,7 valores no exame de Biologia e Geologia (a média total da escola nesta disciplina foi de 13,21), a professora crê que a proximidade e a boa relação que cria com os alunos, "sem tabus", são a chave. E também, claro, o grau de exigência que coloca em cada avaliação, que é "bastante elevado". "Tem de ser assim, porque a maior parte dos alunos que escolhe esta área [ou seja, um curso científico-humanístico de ciências socioeconómicas para acabar o secundário] quer cursos de saúde. Este ano que passou, dois desses alunos entraram para Medicina, outros também entraram para cursos muito bons", refere, para reforçar o entusiasmo: "A relação é muito boa."

As médias de exames mais altas e mais baixas no ensino secundário
Em 2025



Fonte: cálculos do PÚBLICO a partir da base de dados ENES/INE — PÚBLICO

RANKINGS A Escola Francisco Torrinha, no Porto, está no pódio no básico

"Uma continuação do quintal dos avós"



Apesar da tinta descascada das paredes, a Escola Básica Francisco Torrinha ocupa o segundo lugar no Ranking de Superação do PÚBLICO no ensino básico. O segredo parece ser a "massa humana"

Reportagem
Catarina Pinho Texto
e Nelson Garrido Fotografia

Assim que Cristina Sousa sai da zona de gabinetes e pisa o recreio da Escola Básica Francisco Torrinha, no Porto, é interpelada por um grupo de alunas preocupadas com o teste de Inglês da semana seguinte. A docente de Educação Visual, agora adjunta da direcção, garante-lhes que a directora de turma as vai ajudar em breve. "Sentem segurança se um adulto os tranquilizar", comenta. Menos de cinco minutos depois, está a repreender alguns alunos por estarem a jogar matraquilhos na hora das aulas. "Como é que sabe o meu nome, professora?", estranha um. A resposta parece estar no "ambiente familiar", as palavras que mais vamos ouvir para explicar o sucesso da escola.

Ao aproximarmo-nos do edifício da Francisco Torrinha parece que recuámos no tempo. A estrutura foge ao contemporâneo bloco branco, ouvem-se crianças a brincar e a tinta descascada da fachada não impressiona. "Nem tudo é perfeito", refere Cristina Sousa, ao subirmos por uma escada estreita de pavimento gasto. Nas salas de aulas, com janelas para a foz do Douro, vão faltando azulejos no chão, os quadros de cortiça precisam de ser substituídos e as paredes de ser pintadas.

Apesar disso, a escola, que pertence ao Agrupamento de Escolas Garcia de Orta, foi a segunda melhor no Ranking de Superação do ensino básico de 2025, realizado pelo PÚBLICO e pela Católica Porto Business School. Isso significa que foi a segunda instituição de ensino, entre privadas e públicas, cujos alunos mais superaram as classificações esperadas para o contexto socioeconómico em que estão. Esta classificação alternativa das escolas considera 1053 instituições de ensino.

O Ranking de Superação considera três indicadores da envolvente: a percentagem de alunos de famílias carenciadas e que usufruem da acção social escolar (ASE), a idade média dos alunos no 9.º ano e as habilitações dos pais e mães. A Francisco Torrinha tem um contexto favorável. Apenas 8,10% dos alunos do agrupamento recebem apoios da ASE, em contraste com outras escolas onde a proporção de alunos com dificuldades financeiras pode ultrapassar os 65%. Tanto os pais como as mães estudaram, em média, mais de 14 anos, o que corresponde a níveis de escolaridade superiores ao ensino secundário. Por sua vez, a idade média dos alunos do 9.º ano situa-se nos 14,14 anos, estando alinhada com o expectável. Mesmo partindo com vantagem, a escola, ainda assim, superou-se: esperava-se uma média de 2,93 no conjunto das provas de Matemática e Português do 9.º ano, mas os alunos atingiram uma média de 3,70.



Para Cristina Mendes, professora de Português há quase 30 anos na Francisco Torrinha, preparar os alunos a pensar nos exames do final do ano parece "infrutífero". A docente descreve que os resultados mostram que os alunos têm "uma boa retaguarda", proveniente de um trabalho contínuo. "Nós temos um grupo disciplinar muito coeso. Conversamos muito [entre professores] e temos um sistema de acompanhamento dos alunos muito próximo", explica.

A palavra-chave parece ser mesmo essa: proximidade. Todos os alunos do 9.º ano com quem conversámos – o Gonçalo, a Alice, a Madalena, a Ana e a Isabel – partilham da opinião de que aquilo de que mais gostam na escola, que frequentam desde o 5.º ano, são mesmo os professores. "Estão sempre dispostos a ajudar e a cuidar de nós", afirmam quase em coro. Das salas de aulas ninguém sai com dúvidas, e depois da escola ninguém precisa de explicações ou aulas de apoio extra. "Não precisamos porque os professores ensinam mesmo bem", concluem.

A atenção "menos invasiva" à fragilidade

A professora Cristina Mendes acredita que cabe aos professores ir para lá das páginas dos manuais e transmitir cultura geral, valores e experiências aos alunos. Essa troca apenas pode acontecer num ambiente seguro. "Esta escola tem um ambiente mais familiar, uma espécie de continuação da quinta dos avós. Noto que se trabalha com gosto, que se veste a camisola", repete a docente, que também lecciona Francês e Português como língua não materna. Sobre o corpo docente, Cristina Sousa, da direcção, descreve que uma parte significativa dos professores tem mais idade, incluindo profissionais com muitos anos de casa e outros que escolhem a escola para terminar a carreira. "Como temos uma escola tranquila, alguns professores escolhem-na para



A Francisco Torrinha, com 2396 alunos, fica no edifício do antigo Colégio Brotero, edificado em 1933

2.º lugar
Ranking de Superação

Escola Básica Francisco Torrinha
Porto

9.º ano

Média nos exames	3,70
N.º total de provas 2025	120
Ranking de Exames	43.º
Habilitações dos pais dos alunos do 3.º ciclo	14,71
Habilitações das mães dos alunos do 3.º ciclo	14,54
Alunos do 9.º ano com Acção Social Escolar	8,10%
Idade média dos alunos do 9.º ano	14,14
Taxa de retenção no 9.º ano	0%
Contexto:	Favorável
Tipo de escola:	Pública

passarem os anos antes da reforma", conta. As consequências são positivas e negativas, nomeadamente porque a idade avançada causa alguns constrangimentos com baixas médicas.

A ideia de família parece estender-se ao recreio. Numa escola com 2396 alunos, não era esperado que os auxiliares conhecessem as crianças pelos nomes, mas conhecem. Como comenta Cristina Sousa, os assistentes operacionais estão sempre atentos aos alunos. Reparam se estão mais tristes e identificam quando um estudante deixa de levar lanche. Isto faz com que a escola consiga sinalizar situações de fragilidade de forma "menos invasiva". O mesmo acontece quando os alunos mostram mais dificuldades nas aulas. Para os apoiar, entre o estudo individualizado e o apoio nas aulas, destaca-se um protocolo com a Universidade Católica em que alunos do superior, em regime de voluntariado, ajudam os mais novos. Cristina Sousa destaca ainda a equipa de psicologia e de educação especial.

A escola não era um centro de referência para crianças com necessidades especiais (faltam técnicos especializados, como terapeutas da fala), mas os pais parecem reconhecer o ambiente de cuidado que a escola oferece. "Acabamos por ter muitos alunos com necessidades especiais, somos uma das primeiras escolas que os pais escolhem", diz Cristina Sousa, depois de visitarmos uma sala mais pequena, decorada com desenhos e motivos alusivos ao Halloween, onde um aluno estuda, acompanhado por duas professoras de educação especial. Num canto da escola, encontramos a horta da Torrinha, um rectângulo de terra dedicada aos alunos com necessidades especiais.

Ainda assim, não se consegue ignorar a degradação. Além dos azulejos em falta e da tinta a descascar, a "escola é fria". Algumas das mesas e armários são do tempo do Colégio Brotero, edificado em 1933, e que depois deu lugar à Básica Francisco Torrinha. Agora, convivem lado a lado com os novos projectores, quadros interactivos e computadores. Na biblioteca conseguiram reabilitar o fresco da antiga capela, e algumas salas foram sendo intervencionadas, aos poucos, conforme as necessidades maiores. No entanto, faltam obras de fundo. "O edifício está velhinho, tem poucas condições. O ministério abandonou bastante esta escola", lamenta a professora de Português Cristina Mendes, para ressalvar: "O valor desta escola está na massa humana."

Escolas e alunos estrangeiros, a variável que falta nos rankings



Opinião
Luísa Loura

A divulgação dos resultados dos exames nacionais do 3.º ciclo e do secundário é uma oportunidade de ouro para captar sinais sobre o trabalho das escolas e identificar padrões regionais que revelem a diversidade territorial. Desta vez, a coincidência com a publicação dos resultados do PISA 2025 (o estudo da OCDE sobre as competências dos alunos de 15 anos) e o recente afluxo de população estrangeira trazem-me novos ângulos de leitura.

Começo por uma breve reflexão sobre os prós e contras da divulgação dos enunciados, prática seguida em Portugal, ao contrário do PISA, onde a maioria dos itens permanece confidencial. Vejo duas grandes vantagens no nosso modelo. Primeiro, os enunciados e os critérios de classificação são um recurso educativo importante para professores e alunos, sobretudo quando mudam os programas curriculares – algo frequente em Portugal. Segundo, favorecem a transparência e o escrutínio público: permitem avaliar o alinhamento das perguntas com o currículo, a adequação da dificuldade e eventuais ambiguidades ou enviesamentos. A desvantagem é dificultarem a comparação rigorosa do nível de conhecimentos ao longo do tempo.

Essa comparação exige itens-âncora, mantidos entre ciclos, como sucede no PISA. Sem o fator de confundimento da pandemia, os sinais de perda de aprendizagem talvez tivessem provocado uma reação mais célere: os maus resultados de 2022 foram sobretudo atribuídos ao ensino remoto e ao encerramento das escolas, embora parte dos défices viesse de trás. Ainda assim, defendo a manutenção do modelo vigente nos exames do 3.º ciclo e do secundário. As provas Moda, no 4.º e no 6.º ano, e o PISA parecem-me suficientes para monitorizar a evolução das aprendizagens e agir quando os resultados começarem a baixar.

Outro paralelismo entre os exames nacionais de 2025 e o PISA está nas diferenças regionais. Como o PISA abrange alunos de 15 anos, na transição entre o 9.º e o 10.º ano, é possível comparar os padrões territoriais.

• Há um padrão consistente: Norte e Centro tendem a ocupar as posições superiores, enquanto Alentejo e Península de Setúbal surgem geralmente no fim. A correspondência é particularmente forte a Matemática.

• A Grande Lisboa fica perto do topo, mas atrás do Norte ou do Centro.

Desempenho nos exames

Média: Português Matemática

	Português	Matemática
Secundário		
Norte	11,8	13,6
Centro	11,2	13,2
Grande Lisboa	11,1	13,1
Pen. de Setúbal	10	12,6
Alentejo	10	12,6
Algarve	10,4	12,8
RA Madeira	11,7	13,2
RA Açores	11,1	12,8
9.º ano		
Norte	2,86	3,03
Centro	2,77	2,96
Grande Lisboa	2,75	2,97
Pen. de Setúbal	2,54	2,83
Alentejo	2,57	2,90
Algarve	2,63	2,87
RA Madeira	2,78	2,96
RA Açores	2,49	2,82

Escolas de municípios com maior peso de população estrangeira ficam na metade inferior das tabelas

Médias nos Rankings:
... de Exames ... de Superação

Municípios	9.º ano (1.º / 1057.º)	Secundário (1.º / 563.º)
>30%	770 / 717	403 / 354
20% a 30%	673 / 672	310 / 349
10% a 20%	564 / 642	268 / 286
<10%	514 / 501	271 / 242

Fonte: cálculos de Luísa Loura PÚBLICO

• A Madeira destaca-se a Matemática: fica em segundo lugar no secundário e no 9.º ano e em terceiro no PISA.

• Em Ciências, o alinhamento é menor, como seria expectável dado o grupo mais restrito de alunos que escolhe estas disciplinas no secundário. O Norte lidera nos exames de Física e Química e de Biologia e Geologia; o Centro lidera no PISA.

• A maior divergência ocorre na Madeira: resultados relativamente baixos nos exames de Ciências, mas 490 pontos no PISA, em igualdade com o Norte.

Globalmente, os dados sugerem que as diferenças regionais são sistémicas: não resultam de uma única prova, mas reaparecem em anos escolares e instrumentos de avaliação distintos.

Há muito que sublinho a importância de articular as médias dos exames com o contexto da escola e dos alunos. O PÚBLICO também reconhece essa importância e destaca as escolas no topo do Ranking de Superação – aquelas cujas médias mais excedem o resultado de escolas em contextos semelhantes. Mas a realidade portuguesa mudou bruscamente e tem exigido um grande esforço de adaptação por parte das escolas: o peso da população estrangeira aumentou muito nos últimos cinco anos. Os dados disponíveis são municipais, mas o cruzamento com os rankings já aponta para a necessidade de incluir, como nova variável de contexto, a proporção de alunos estrangeiros em cada escola. As escolas situadas nos municípios com maior peso de população estrangeira concentram-se claramente na metade inferior das tabelas, tanto no 9.º ano como no secundário.

No secundário, as escolas dos municípios onde mais cresceu o peso da população estrangeira foram também as que mais desceram no ranking entre 2023 e 2025: cerca de 120 posições, sobretudo por troca com escolas de municípios onde esse aumento foi menor. Não se demonstra causalidade, mas há um sinal forte de que o contexto de população migrante deve integrar a leitura dos rankings.

Directora da Pordata/FFMS

RANKINGS O primeiro lugar no Ranking de Exames do 9.º ano é de um colég

"Não é um colégio elitista, mas é um colégio que quer criar elites"

Colégio de Nossa Senhora do Alto, em Faro, lidera nas notas dos exames do 9.º ano e está no top 10 de superação



Reportagem
Idálio Revez Texto
e Pedro V. Inácio Fotografia

O cónego chega ao colégio, vindo de uma missa. "Eu não sou o protagonista", diz, quando lhe é solicitado uma foto, dentro do palacete, que funciona como sala de visitas da instituição. Ao aproximar-se de um grupo de pais, a aguardar a saída dos filhos das aulas, é cumprimentado com reverência. Sorri, retribui cumprimentos, e deixa no ar a imagem de "humildade" que proclama. Os valores das propinas, informa, variam entre os 330 euros e os 488 euros. "Temos pais que pagam mais, outros pagam menos, conforme os rendimentos – e um ou outro não paga nada."

Porque é que o Colégio de Nossa Senhora do Alto, em Faro, que nesta edição do ranking de escolas do PÚBLICO-Católica Porto SBE alcança a média mais alta nos exames do 9.º ano, não é mais conhecido? "Conhecido é, nós é que não fazemos publicidade. Somos discretos", responde o cónego César Chantre, 74 anos, fazendo uma declaração de princípios desta instituição, pertencente à Diocese do Algarve: "Não é um colégio elitista, não é um colégio de famílias, mas é um colégio que quer criar elites."

Professores e alunos, revela o director, são escolhidos pelo critério da "qualidade", e alguns dos docentes, sublinha, já lá estão há mais de 20 anos.

Numa parede, perto da secretaria do complexo escolar, destaca-se uma frase, bem visível, que poderia funcionar como *slogan* publicitário: "Uma escola com história." A história desta casa vem do tempo em que as "boas famílias" (como, então, se dizia) entregavam as filhas à guarda das religiosas que ali viviam. Mudaram-se os tempos, mas também o papel da Igreja na sociedade.

As palavras "humildade e discrição", ao longo da conversa que o reverendo tem com o PÚBLICO, soam como se estivéssemos a ouvir uma das suas homílias, falando sobre a importância do ensino na formação de uma sociedade mais justa. "Este colégio existe não para dar lucro, mas para colaborar na formação das crianças, adolescentes e jovens."

A directora pedagógica, Lara Moura, destaca a importância do ensino da Matemática e Português como sendo as traves mestras que "suportam todas as outras disciplinas". Chantre complementa: "Somos grandes defensores da língua portuguesa, que é a identidade do povo – e quem diz isto é um cabo-verdiano."

O ensino do Inglês, Francês e Espanhol segue as directivas emanadas pelo Ministério da Educação, mas é na língua de Camões que se formam as elites que a escola pretende criar.

Já outros colégios existentes na região, ainda que sigam os currículos portugueses, estão mais virados para os modelos formatados em Londres.



César Chantre e a directora pedagógica Lara Moura

Menos de 300 alunos junto a um palacete

O palacete, onde nasceu o colégio, surge no meio de uma propriedade de 13 hectares, com vista para a ria Formosa. A entrada do edifício é imponente. As altas colunas de mármore e obras de arte, no interior, reflectem a ostentação do poder do industrial que o mandou construir, na primeira metade do século XX. César Chantre mostra relutância em deixar-se fotografar nesse ambiente palaciano. O foco da escola, diz, está na formação dos alunos. "O segredo do sucesso deste colégio está no corpo docente e na cumplicidade com os pais."

Por isso, sugere que a directora pedagógica, Lara Moura, uma das professoras com mais de 20 anos de casa, o acompanhe no retrato.

O histórico edifício começou por ser a residência do comerciante e industrial Júdice Fialho e foi comprado pela Diocese do Algarve em 1954. Deixou de funcionar como escola há umas décadas. É usado como refeitório, serviços de apoio à actividade escolar, gabinete do director e residência de três freiras salesianas.

As aulas, actualmente, são ministradas num outro edifício, ali perto, mais consentâneo com as exigências pedagógicas da actualidade.

Mas o imóvel, cuja arquitectura se inspira nos solares palacianos de França, continua a pontuar a arquitectura da capital algarvia. Abre-se a porta, surge o retrato do bispo fundador do colégio, D.

> **O Estado tem vindo a aliciar os professores a sair do ensino privado para o público**
>
> **César Chantre**
> Director do colégio

A melhor nota

Colégio de Nossa Senhora do Alto
Faro

9.º ano

Média nos exames	4,26
N.º total de provas 2025	50
Valor esperado	3,57
Lugar no Ranking de Superação	7
Taxa de retenção no 9.º ano	0%
Tipo de escola	Privada

Francisco Rendeiro, em plano de destaque. "Esta é a nossa sala de visitas", diz César Chantre. O cónego, também capelão-chefe da GNR, defende a abertura da escola à sociedade. "É um colégio que recebe toda a gente, desde que venham por bem", diz.

Despesas de manutenção altas

A maioria dos 289 alunos ali matriculados, do pré-escolar ao 3.º ciclo, são filhos de quadros superiores. O corpo docente é formado por 23 professores do quadro, mais 16 em regime de acumulação de funções com o ensino público.

A qualidade do ensino, explica Chantre, "implica uma formação integral, que tem que ver com o tripé: formação intelectual, espiritual e física". Dos três pilares, conclui, "se um falha, cai a educação".

O imóvel, onde inicialmente funcionou o colégio, levou 11 anos a ser construído. Do ponto de vista arquitectónico, marcou uma época. Mas, por outro lado, reflecte, também, a afirmação de poder do seu antigo dono contra a câmara. "Não se avista da cidade de Faro, intenção do proprietário que dela o esconde, por não lhe ter sido facilitada a construção da sua residência no tecido urbano", refere uma nota histórica, inserida no regulamento interno do estabelecimento.

Até à década de 1970, a quinta ainda tinha vacaria, pocilgas, horta e pomares, para alimentar a comunidade eclesiástica que ali vivia, dedicada ou ensino e ao culto.

Com o crescimento urbanístico, o palacete acabou por ficar rodeado de prédios, tornando-se a cobiça dos investidores turísticos e imobiliários, na disputa pela ocupação da última grande mancha verde da capital algarvia. Os custos de manutenção da propriedade e do palacete, refere o sacerdote, são uma preocupação. Questionado sobre se uma das saídas para a sustentabilidade da instituição poderia passar por uma parceria com um grupo hoteleiro, responde: "É possível que se possa evoluir nesse sentido."

Outra preocupação: "O Estado tem vindo a aliciar os professores a sair do ensino privado para o público", queixa-se o responsável desta escola, que não só é a que tem melhor média no 9.º ano, como, no ranking do PÚBLICO, é das que mais superam o que o que seria de esperar dadas as suas características. "Em Portugal, parece que tratamos a escola privada como o parente pobre."

Nem exames nem PISA contam a história toda. Mas a educação não os pode dispensar

Opinião

Rodrigo Queiroz e Melo

Os rankings das escolas são o momento em que dispomos de informação pública e organizada sobre as aprendizagens dos alunos. Uma escola é muito mais do que os resultados dos seus alunos nos exames; educar é desenvolver competências sociais, promover a autonomia e formar cidadãos. Mas sem aprendizagem formal não há escola; há ocupação de tempos livres. A publicitação destes resultados incentiva cada escola a perceber o que corre bem e o que precisa de mudar. As circunstâncias sociais e familiares dos alunos podem explicar dificuldades, mas não justificam que se desista da aprendizagem, baixando exigência e expetativas. Os rankings não dão todas as respostas, mas ajudam a fazer as perguntas certas.

Olhando para os deste ano, não encontro diferenças relevantes para anos anteriores. E daqui resulta uma pergunta: porque é que as médias dos exames nacionais não mostram uma queda em linha com os resultados do PISA? Vale a pena aproveitar para pensarmos sobre os diferentes modos de avaliação externa de alunos. O PISA é uma prova internacional que avalia conhecimentos e competências de jovens de 15 anos, permitindo comparações entre países e entre diferentes anos; os exames nacionais avaliam conhecimentos e competências dos alunos em anos específicos, certificando um percurso (final do básico e final do secundário) e ordenando-os com vista ao acesso ao superior. Porque têm objetivos diferentes, usam metodologias diferentes. O PISA usa itens confidenciais, repetidos nos diferentes anos, o que permite comparar os resultados diacronicamente. Os exames nacionais usam itens novos todos os anos (porque os enunciados são públicos, os itens não podem ser reutilizados), pelo que os resultados só devem ser usados sincronicamente. Dito de outra forma: quando os itens são os mesmos, os resultados de diferentes anos são comparáveis; quando os itens variam sempre, isso já não é possível. No caso dos exames nacionais, o que é pedido a quem elabora as provas é que os resultados não variem muito.

Esta diferença faz com que os resultados dos exames nacionais se possam manter estáveis enquanto os do PISA descem. E é tão errado desvalorizar os exames porque não confirmam a tendência do PISA, como desvalorizar o PISA por não confirmar a estabilidade dos exames. São instrumentos diferentes que nos dão informação diferente. Mas toda ela importante.

A descida no PISA deve preocupar o país e, em especial, os responsáveis pela educação. Mas reduzir o nosso conhecimento sobre resultados diacrónicos aos de um instrumento internacional e amostral exige prudência. Não compreendemos inteiramente nem as razões da quebra internacional, nem as razões da quebra portuguesa. Precisamos de mais dados, mais regulares e mais comparáveis. Ou seja, precisamos de mais provas com itens não públicos. Mas a tentativa do Governo de criar provas comparáveis no básico mostra como é difícil a sociedade aceitar as regras necessárias para termos instrumentos comparáveis. A existência de provas não públicas no 4.º, 6.º e 9.º anos tinha como objetivo termos resultados, comparáveis diacronicamente, de todos os alunos, de todo o ensino básico. A divulgação dos itens (confidenciais) por um professor no ano passado comprometeu este objetivo. Porque ninguém achou isto particularmente grave, imagino que não haverá qualquer incentivo para o Governo voltar a tentar. É espantoso a passividade com que o mundo da educação aceitou esta quebra da mais elementar ética profissional, mas o mal está feito.

Uma aferição universal, não pública, aplicada a todos os alunos era muito importante. Permitia acompanhar as aprendizagens, identificar dificuldades e avaliar as políticas. Complementaria os exames e outras avaliações, oferecendo a referência que nos falta. Nem os exames nem o PISA contam a história toda. Mas a educação não os pode dispensar.

Director executivo da Associação dos Estabelecimentos do Ensino Particular e Cooperativo

NELSON GARRIDO



Conservatório do Porto

Ensino artístico continua a dar cartas no básico e no secundário

José Volta e Pinto

Pais de alunos são mais escolarizados e contexto mais favorável. Rotinas de trabalho e de organização marcam este tipo de ensino

Conservatórios e escolas de dança têm estado, ano após ano, nos primeiros lugares, e este ano não é excepção: três estabelecimentos públicos de contextos favoráveis lideram o Ranking de Superação do 9.º ano do básico, incluindo duas escolas de música. No secundário, as escolas artísticas não figuram no ranking do PÚBLICO-Católica Porto SBE. Cerca de 98% dos exames realizados nestes estabelecimentos são de alunos autopropostos, que os critérios utilizados pelo PÚBLICO excluem da avaliação. Mas façamos o exercício: se as escolas artísticas fossem incluídas nos rankings do secundário, onde ficariam? Pela média dos exames nas oito disciplinas consideradas, a pública artística mais bem colocada seria o Conservatório de Música do Porto, em 73.º lugar, em 562 escolas (e 22.º entre escolas públicas). Seguir-se-iam o Conservatório Calouste Gulbenkian, em Braga (85.º), e o Conservatório de Dança de Lisboa (109.º). No Ranking de Superação, a escola portuense ascenderia ao 47.º lugar.

O perfil dos alunos ajuda a perceber o ponto de partida. No 9.º ano, só 6,2% dos alunos do Conservatório do Porto têm apoio da acção social escolar, e em Braga e Lisboa são 6,5% e 9,8%, respectivamente. A mediana nacional é de 31,4%, quase cinco vezes mais do que no Porto e em Braga. Além disso, os pais destes alunos têm dos valores mais altos de habilitação nas escolas do país, com uma média de cerca de 15 anos de escolaridade, o equivalente a uma licenciatura. E os alunos chegam ao 9.º e 12.º anos com algumas das médias de idades mais baixas a nível nacional – um sinal de que quase não há retenções pelo caminho.

No Conservatório do Porto, o director, Marco Pereira, realça a participação activa dos pais na vida académica dos alunos e na comunidade escolar. O responsável vê a boa classificação nos rankings como um mero indicador que valida o trabalho realizado durante o ano, mas sublinha ao PÚBLICO que o essencial é mesmo "um projecto educativo que trabalha multivalências".

Aqui, desde muito cedo, que quem entra no conservatório adquire "rotinas de trabalho e de organização do estudo muito particulares, multitarefas", continua. E tem de trabalhar em equipa. "Uma orquestra é uma espécie de uma microssociedade, porque tem alunos provenientes de vários municípios, mas também de vários estratos sociais e nacionalidades. Mas, naquele momento, estão todos juntos e têm de aprender a respeitar-se uns aos outros, a escutar-se uns aos outros, a apoiarem-se." Na órbita desse trabalho colectivo, Marco Pereira assinala igualmente a disciplina necessária para equilibrar o currículo comum com a componente artística. "Os alunos habituam-se a ter de estudar determinado tempo por semana."

Independentemente dos resultados, não tem dúvidas dos benefícios do ensino da música na formação académica dos alunos. "É preciso acreditar nas artes, investir na cultura para termos uma sociedade mais culta, mais instruída e preparada."



International Schools Partnership

ISP em Portugal: três escolas, uma visão global da educação



Mantendo a sua identidade, os colégios Vasco da Gama, St. Dominic's e Monte Maior beneficiam da integração nesta rede internacional de escolas privadas, reforçando a sua capacidade de formar jovens curiosos e confiantes.

Na St. Dominic's International School, os alunos assumem o papel de delegados de diferentes países numa simulação do modelo das Nações Unidas. No Colégio Monte Maior, participam no programa A Empresa, da Junior Achievement Portugal, e descobrem o que significa criar e desenvolver uma empresa, desde a ideia até ao produto. No Colégio Vasco da Gama, um estudante participou nas Olimpíadas Internacionais de Filosofia e foi medalhado com Prata pela sua capacidade de pensamento crítico, argumentação e reflexão autónoma.

Em comum, estas três escolas partilham a visão para a educação promovida pela International Schools Partnership (ISP): os alunos estão no centro da aprendizagem e, além da aquisição de conhecimentos, devem ser desafiados a desenvolver a curiosidade, a confiança e as competências que vão acompanhá-los na sua vida, seja ela académica, profissional ou pessoal.

"Fazer parte da rede trouxe novas perspectivas, uma colaboração profissional valiosa e oportunidades entusiasmantes para os nossos alunos. Enriqueceu aquilo que já fazemos bem e reforçou a nossa capacidade de preparar os jovens para serem alunos confiantes, curiosos, compassivos e com uma visão internacional", explica o director da St. Dominic's International School, Stephen Blackburn.

Aprender globalmente

A ISP é uma rede internacional de escolas privadas que nasceu em 2013 e reúne 121 escolas, em 26 países, abrangendo já cerca de 118 mil alunos. O Colégio Monte Maior, localizado em Loures, entrou em 2024. A St. Dominic's International School, em São Domingos de Rana, e o Colégio Vasco da Gama, em Meleças (Belas), juntaram-se em 2025.

As três escolas partilham uma convicção: o sucesso educativo não se mede apenas pelas classificações, mas também pela capacidade de cada criança e jovem reconhecer o seu potencial, lidar com a incerteza, colaborar com os outros e construir o seu próprio caminho de modo autónomo.

A rede ISP acrescenta uma dimensão internacional a esta visão, através da colaboração entre profissionais, da partilha de práticas e de oportunidades de aprendizagem para alunos e professores.

Ao integrarem a rede ISP, os três colégios beneficiam de oportunidades internacionais, da colaboração entre escolas e da partilha de boas práticas educativas, mantendo a sua identidade e tradição. Adoptaram a filosofia Learning.First, em que se coloca "a aprendizagem no centro de todas as decisões educativas", afirma Isa Ribeiro, directora interina do Colégio Monte Maior. Participam no programa YoungVoices em que são voz activa num TEDx (que levou, por exemplo, uma aluna do Colégio Vasco da Gama e outra do Colégio Monte Maior até Málaga) e são inspirados por profissionais de sucesso no Future Pathways. Na St. Dominic's assumem a sua aprendizagem através do IB Personal Project e transformam uma ideia em realidade.

"O nosso papel é proporcionar experiências e desafios que lhes permitam descobrir as suas capacidades, aprender com os erros e reconhecer que o conhecimento ganha ainda mais valor quando é colocado em prática", resume Renata Hilário, directora pedagógica do Colégio Vasco da Gama.

Conheça as nossas escolas em Portugal e descubra a melhor opção para a sua família.

Colégio Vasco da Gama

Formação integral numa escola com história

No Colégio Vasco da Gama, a exigência e o rigor seguem lado a lado com a formação integral de cada estudante durante todo o seu percurso. Esta é a "singularidade" desta escola, fundada em 1959, afirma a directora pedagógica Renata Hilário. Situada em Meleças (Belas), é "uma escola com raízes e uma cultura pedagógica própria, que valoriza a relação humana e o acompanhamento individual", que valoriza "a confiança, a autonomia e o respeito pelo ritmo de aprendizagem de cada aluno". Nos primeiros anos escolares, os alunos beneficiam dos programas próprios e do método fonovisual.

No 2.º e 3.º ciclos, a coadjuvância na disciplina de Matemática permite que dois professores trabalhem de forma articulada uma mesma turma, reforçando assim o acompanhamento mais próximo dos alunos na aquisição das aprendizagens. A partir do 3.º ciclo, através do projecto iClass, lançado em 2016, cada estudante dispõe de um computador no ambiente de aula para estimular a pesquisa, a colaboração e a resolução de problemas em ambiente de autonomia – o que "não significa aprender sozinho, mas adquirir progressivamente a capacidade de tomar decisões, gerir o próprio trabalho e saber quando procurar ajuda", esclarece Renata Hilário.

O Colégio valoriza ainda o desenvolvimento emocional e social, através de iniciativas como o voluntariado ou o projecto MAC que trabalha o desenvolvimento de competências como a gestão de emoções, a comunicação e a capacidade de lidar com a frustração dos alunos no ensino secundário. A aposta é numa formação que ultrapassa os resultados escolares. E oferece actividades extracurriculares (como equitação, ténis, natação) que permitem "explorar interesses, descobrir talentos e desenvolver competências para além do contexto académico", refere a responsável, resumindo: "Procuramos que cada aluno possa descobrir aquilo que o motiva e encontrar espaços onde se sinta desafiado a crescer."

Localização
Meleças, Belas

Níveis de ensino
Da Educação Pré-escolar (3 anos) até ao Ensino Secundário

Modelo Pedagógico
Currículo nacional português



Renata Hilário, Directora Pedagógica do Colégio Vasco da Gama



St. Dominic´s International School

Encontrar a sua voz entre 40 nacionalidades

A St. Dominic's International School distingue-se por combinar a "excelência académica com um forte foco no desenvolvimento integral de cada aluno", explica Stephen Blackburn. O histórico pedagógico da instituição ajuda a explicar esta realidade: em 1994, adoptou o programa International Baccalaureate (IB), que valoriza o pensamento crítico, a investigação e a reflexão ao longo do percurso educativo. Os estudantes são incentivados desde o pré-escolar a serem curiosos, a fazerem perguntas, a relacionarem diferentes áreas de conhecimento e a descobrirem as respostas em conjunto. Nos ciclos seguintes (o Middle Years Programme), são desafiados a aplicarem o que aprendem em situações novas que não lhes são familiares. Disso é exemplo o Grade 10 Personal Project, um projecto pessoal a que se dedicam durante meses em pesquisa, reflexão e o desenvolvimento de soluções. "É habitualmente onde os estudantes descobrem o quão capazes são ao serem os donos da sua aprendizagem", descreve o responsável. Quando chegam a esta fase de confiança no seu pensamento independente, entram no Diploma Programme e são desafiados a usar, de modo ético e responsável, o que aprendem.

Estes percursos são completados com outras actividades. No âmbito das artes, ganham confiança em si mesmos produzindo e levando a cena peças teatrais ou espectáculos musicais. Com o desporto, aprendem sobre espírito de equipa, resiliência e liderança.

Com cerca de 40 nacionalidades e mais de 20 línguas maternas representadas, a diversidade faz parte deste quotidiano escolar onde o ambiente se mantém próximo e "cada aluno se sente visto, apoiado e capaz de aceder com sucesso à aprendizagem", completa o director. "O que faz da St. Dominic's especial é o equilíbrio que alcançamos. Somos uma escola internacional, com uma comunidade diversa global, mas também unida e acolhedora."

Localização
São Domingos de Rana

Níveis de ensino
Da Educação Pré-escolar (3 anos) até ao Ensino Secundário

Modelo Pedagógico
Escola internacional que oferece o percurso educativo completo do IB (PYP, MYP e DP), dos 3 aos 18 anos



Stephen Blackburn, Director do St. Dominic's International School



Colégio Monte Maior

A família do Monte ajuda a construir identidades únicas

Conhecer cada aluno e proporcionar-lhe um ambiente seguro, acolhedor e de confiança é, para o Colégio Monte Maior, uma condição essencial para um excelente desempenho. A expressão "A Família do Monte", usada há muitos anos para definir a identidade desta instituição localizada em Loures, traduz uma aposta na proximidade com os estudantes e as famílias, sem abdicar da exigência académica.

"Muitos dos nossos alunos chegam ao Monte Maior ainda bebés e crescem connosco ao longo de anos decisivos das suas vidas", refere a directora interina, Isa Ribeiro. Nesse percurso, o colégio contribui para que construam a sua identidade, descubram os seus talentos, superem desafios e ganhem confiança.

A metodologia *Learning.First* permite uma aprendizagem activa na sala de aula. Os alunos trabalham em pares ou grupos, testam ideias, lidam com o erro e voltam a tentar. Identificam as suas fragilidades, reconhecem os seus progressos. E os professores vão fazendo um acompanhamento individual – que é uma ferramenta importante para detectar dificuldades atempadamente e não só: "Escutar os alunos é, para nós, o ponto de partida para criar as oportunidades de que precisam." Aqueles que manifestam um interesse particular numa área são desafiados para projectos que lhes permitam ir mais além. Também são incentivados a terem experiências internacionais ou a desenvolverem novas competências, nas assembleias de alunos ou através do desporto (nomeadamente natação, ginástica ou judo, em que o colégio tem atletas federados). Aprendem por um lado o espírito crítico e, por outro, a disciplina, resiliência, trabalhar em equipa, capacidade de aceitar vitórias e derrotas. "São aprendizagens para a vida e que completam o trabalho desenvolvido em sala de aula", conclui Isa Ribeiro.

Localização
Loures

Níveis de ensino
Do Berçário (6 meses) até ao Ensino Secundário

Modelo Pedagógico
Currículo nacional português



Isa Ribeiro, Directora Interina do Colégio Monte Maior

Dados globais da rede International Schools Partnerships (ISP)

11,5%
acima dos valores de referência: é esta a diferença média alcançada pelos alunos das escolas portuguesas da rede ISP nos Exames Nacionais do Ensino Secundário

93%
dos alunos das escolas portuguesas da rede ISP conseguiram entrar numa das suas três principais escolhas no ensino superior ou carreira profissional

40 MIL
estudantes participaram nas oportunidades internacionais da ISP no último ano lectivo

A ideia de que as escolas privadas inflacionam muito as notas não se confirma



Análise
Maria Conceição A. Silva

O PÚBLICO e a Católica Porto SBE calcularam um indicador de desalinhamento, comparando a posição de cada escola no ranking das classificações internas com a sua posição no Ranking de Exames para cada disciplina. As conclusões a que chegámos são contrárias a uma crença generalizada. As escolas privadas, em média, não são as que mais inflacionam as notas e tendem, na verdade, a fazer o oposto: a ser muito exigentes nas notas internas, tendendo, em média, a melhorar a sua posição no Ranking de Exames nacionais quando comparada com o ranking das classificações internas. Os maiores desalinhamentos, tal como aqui são medidos, encontramo-los em escolas de contextos desfavorecidos e com mais reprovações.

Também encontrámos padrões de (des)alinhamento diferentes entre distritos. Por exemplo, em Lisboa há uma tendência para muita exigência em notas internas, que prejudica necessariamente o acesso dos alunos da capital ao ensino superior. Em Lisboa, encontramos, para todas as disciplinas, em média, deflação de notas, enquanto no Porto há, em geral, inflação de notas.

Na versão digital dos rankings, o leitor pode encontrar, para cada escola, um indicador de desalinhamento, comparando a posição de cada escola no Ranking de Exames com a sua posição no ranking das classificações internas (Ex-In), para todas as disciplinas em que existe um número de exames suficiente para calcular rankings.

O desalinhamento varia com o contexto das escolas

Analisámos a diferença entre o Ranking de Exames e o ranking das classificações internas (Ex-In), tendo em conta o contexto das escolas (calculado segundo a metodologia do PÚBLICO-Católica Porto SBE). Excluímos as escolas privadas com contrato de associação e as escolas das ilhas, por apresentarem um número reduzido de observações. O gráfico 1 mostra os desalinhamentos médios por disciplina e por contexto para o ano de 2025.

No eixo dos yy, os valores representam a diferença média nos rankings. Ou seja, um valor positivo de 50 significa que a posição no Ranking de Exames é 50 posições pior do que no ranking das classificações internas (de notar que um valor maior no ranking é pior para a escola). Isto é um sinal de inflação de notas: ou seja, as classificações internas da escola colocam-na numa posição do ranking que é melhor do que a posição da escola no Ranking de Exames nacionais. Um valor negativo significa exatamente o oposto: -50 significará uma melhoria na posição do Ranking de Exames de 50 posições quando comparada com o ranking das classificações internas, ou seja, deflação de notas.

No gráfico, é notório que, nos contextos desfavorecidos, todos os valores médios são positivos, indicando que, em média, as escolas tendem a inflacionar as notas. Pelo contrário, no contexto favorecido, todos os valores médios são negativos, apontando para um padrão de maior exigência nas classificações internas (ou seja, deflação de notas).

Nas escolas privadas, apenas História (His) e Geografia A (Ga) apresentam, em média, valores positivos, que indicam inflação de notas. Nas restantes disciplinas, as privadas apresentam, em média, deflação de notas, mas com mudanças médias na posição dos rankings muito pequenas (menos de 15 posições), com exceção de Física e Química, que é a disciplina em que o padrão aponta para maior deflação de notas (com melhoria de mais de 30 posições no Ranking de Exames face às classificações internas).

Nas escolas de contextos favorecidos, Matemática (Mat) e Filosofia (Fil) apresentam o maior desalinhamento no sentido de maior exigência interna. Nos contextos desfavorecidos, Filosofia apresenta o maior valor médio de inflação das classificações, seguida de Economia A (EcA).

O desalinhamento também tem uma dimensão geográfica

A análise por distrito revela igualmente diferenças relevantes. A Região Autónoma dos Açores, Vila Real, Évora e Portalegre apresentam diferenças médias de ranking positivas em todas as disciplinas analisadas, apontando para classificações internas relativamente mais elevadas face aos resultados nos exames.

Lisboa destaca-se pelo padrão oposto: é o único distrito em que todos os valores médios do indicador de (des)alinhamento são negativos. Bragança apresenta o maior valor médio positivo (inflação) em Português, enquanto Coimbra apresenta o maior valor negativo (deflação) em Física e Química (gráfico 2).



NELSON GARRIDO

> **Em Lisboa, encontramos, para todas as disciplinas, em média, deflação de notas, enquanto no Porto há, em geral, inflação de notas**

O desalinhamento escola a escola e disciplina a disciplina

Para cada escola, podemos conhecer o seu perfil de (des)alinhamento – esta informação é fornecida nas listas na edição online dos rankings, escola a escola. Considere-se, por exemplo, a escola A (gráfico 3), que apresenta grandes disparidades entre a posição no Ranking de Exames e a posição no ranking das classificações internas a várias disciplinas. Neste caso, observamos piores resultados nas classificações internas de História, Português, Matemática e Física e Química. A escola encontra-se entre as 100 melhores nos exames nacionais, mas, a Português, está entre as 100 piores quando consideramos as classificações internas. Estamos, portanto, perante um desalinhamento muito significativo, embora concentrado em apenas algumas disciplinas.

A escola B (gráfico 4), que apresenta um dos maiores desalinhamentos positivos a Português, mostra um padrão praticamente oposto ao da escola A. Nas classificações internas, encontra-se entre as 100 melhores do país, enquanto nos exames está entre as 100 piores. Nesta escola existe um padrão generalizado de classificações internas mais favoráveis do que os resultados nos exames, particularmente evidente em Português e Matemática, em que a diferença ultrapassa as 400 posições no ranking.

Estes exemplos mostram por que razão é importante analisar o desalinhamento escola a escola e disciplina a disciplina. E também revelam informação muito útil para cada escola, que pode intervir no sentido de alinhar exigência interna com a exigência nos exames.

Uma visão global do desalinhamento

Podemos retirar desta análise algumas conclusões gerais. Em primeiro lugar, as correlações entre os rankings das classificações internas e dos exames diferem substancialmente entre disciplinas (gráfico 5).

Tendo em conta que uma correlação de 1 seria um alinhamento perfeito entre o Ranking de Exames e o ranking das

em na escola

notas internas, o que o gráfico mostra é que, em Matemática, Física e Química e Biologia e Geologia, há uma maior associação entre a posição das escolas nos rankings das classificações internas e dos exames, logo, um maior alinhamento. Ainda assim, a dimensão destas correlações mostra que existe um desalinhamento considerável entre as duas ordenações.

Alinhamento e reprovações

No nosso indicador, considerámos alunos que reprovaram nos exames nacionais, e essa é uma das razões pelas quais o desalinhamento é maior nos contextos mais desfavorecidos, em que os alunos tendem a reprovar mais nos exames nacionais. De facto, quando analisamos as reprovações em exame nacional nas oito disciplinas com mais exames, percebemos que, em média, no contexto desfavorecido, a percentagem de reprovação é de 32,8%, enquanto no contexto favorecido é 25%. Nas privadas, esta percentagem diminui para 14,5% (gráfico 6).

Os valores do desalinhamento e das reprovações estão positivamente correlacionados, indicando que, quanto maior é o desalinhamento ou a inflação de notas, maior tende a ser a percentagem de reprovação. Por exemplo, para as disciplinas de Matemática e de Português a correlação é de 0,42 e de 0,45, respetivamente. Mostramos abaixo um gráfico que ilustra esta relação para Matemática (gráfico 7). Há escolas com taxas muito altas de reprovação nos exames que chegam a atingir os 100%. As escolas com maiores taxas de reprovação a Matemática são as que apresentam um desalinhamento positivo maior (algumas escolas descem mais de 300 lugares no Ranking de Exames quando comparado com o ranking das notas internas). Por outro lado, escolas com desalinhamento negativo (escolas mais exigentes com deflação de notas) apresentam taxas de reprovação a Matemática mais baixas (inferiores a 60%), ou seja, escolas com mais reprovações tenderão a ser mais generosas ao atribuir notas internas (eventualmente para dar, apesar de tudo, uma oportunidade adicional ao aluno).

Porque não usamos o indicador do MECI?

O Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) disponibiliza, no site InfoEscolas, um indicador de desalinhamento das classificações internas que procura responder à seguinte questão: "As notas internas atribuídas pela escola aos seus alunos estão alinhadas com as notas internas atribuídas pelas outras escolas do país a alunos com o mesmo perfil socioeconómico?" Este indicador veio substituir aquele que foi calculado até 2019 e que, em vez de comparar alunos com perfis socioeconómicos semelhantes, considerava alunos com resultados semelhantes nos exames.

Apesar de os dados fornecidos pelo MECI nos permitirem calcular este indicador de desalinhamento, não o fizemos pelas seguintes razões:

– o indicador de desalinhamento disponibilizado pelo MECI agrega desvios entre notas internas e notas esperadas a várias disciplinas. Como vimos acima esta agregação esconde desalinhamentos entre disciplinas e não reflete a realidade;

– os últimos valores disponíveis dizem respeito a 2023/24;

– na prática, o indicador que foi descontinuado em 2020 era mais adequado para avaliar o desalinhamento das classificações. Alunos com perfis socioeconómicos semelhantes podem, ainda assim, obter resultados muito diferentes nos exames.

O indicador de desalinhamento que aqui apresentamos não é calculado aluno a aluno, como acontece com os indicadores do MECI. Isto significa que a nossa medida será uma aproximação do desalinhamento, não o analisando de forma rigorosa para alunos no mesmo nível de desempenho nos exames nacionais. Ainda assim, há, sobretudo, uma mensagem que emerge destes resultados: falar simplesmente de escolas que "inflacionam" ou "deflacionam" notas pode esconder mais do que aquilo que revela. O desalinhamento não parece ser uma característica uniforme da escola. Pode variar significativamente entre disciplinas e, em alguns casos, ocorrer em sentidos opostos dentro da mesma escola. Por isso, indicadores agregados podem transmitir uma imagem enganadora.

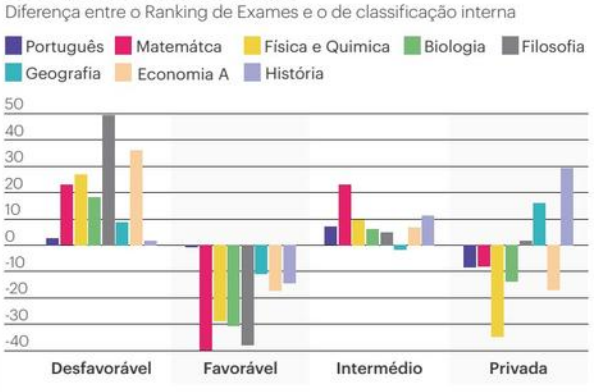
A análise por contexto e geográfica mostra ainda que o desalinhamento das classificações internas não ocorre da mesma forma em todos os contextos escolares ou regiões do país. A ideia de que as escolas privadas inflacionam muito as notas não é confirmada, e as escolas na área de Lisboa devem analisar os seus dados para poderem aumentar o alinhamento entre notas internas e notas de exame, pois os alunos da capital podem estar a ser prejudicados no acesso ao superior.

Professora catedrática da Católica Porto SBE

Notas de exames vs. notas internas

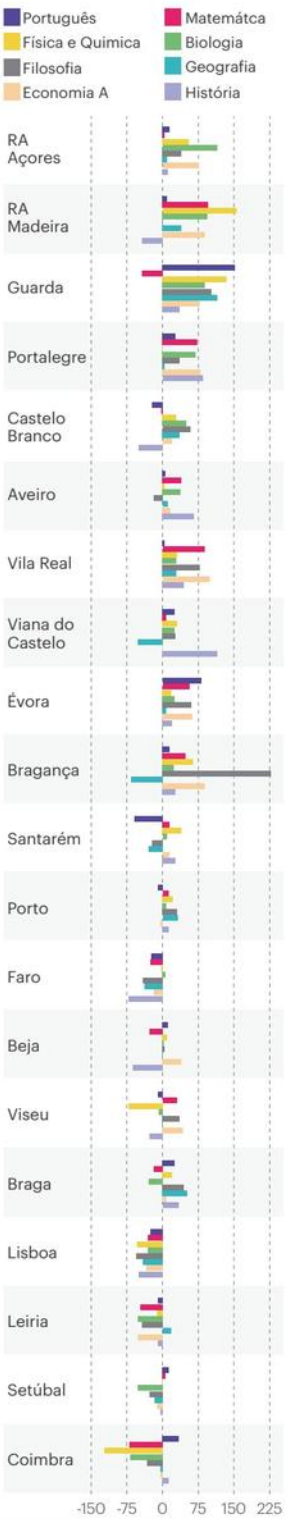
1. Desalinhamento por contexto

Diferença entre o Ranking de Exames e o de classificação interna

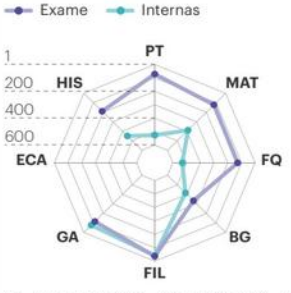


2. Desalinhamento por distrito

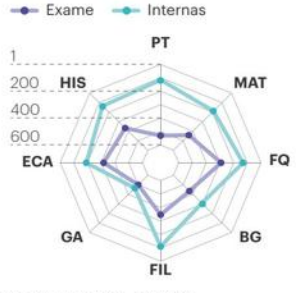
Diferença entre o Ranking de Exames e o de classificação interna



3. Perfil de desalinhamento da escola A



4. Perfil de desalinhamento da escola B



PT - Português; MAT - Matemática; FQ - Física e Química; BG - Biologia; FIL - Filosofia; GA - Geografia A; ECA - Economia A; HIST - História

5. Correlação entre rankings

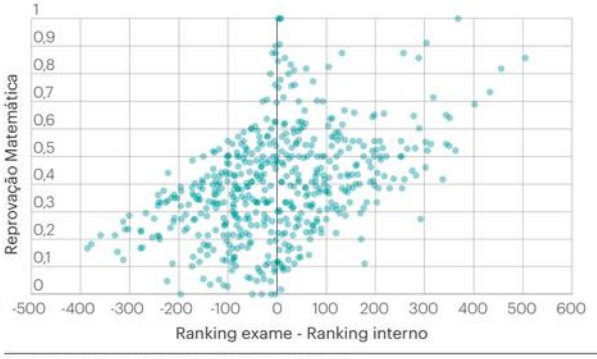
1 = Ranking de Exames igual ao Ranking de Notas Internas



6. Média de reprovações por contexto

		Média %
Desfavorável	27.408	32,80
Favorável	61.683	25,04
Intermédio	46.068	29,24
Privada	15.237	14,52
P. contrato	2879	21,54
R. A. Açores	3423	33,37
R. A. Madeira	3686	30,30
Total	160.384	26,87

7. Reprovações vs. desalinhamentos



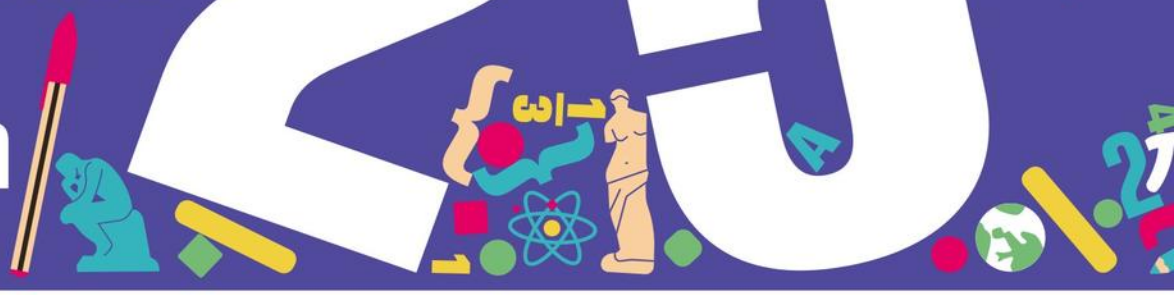
Fonte: cálculos da Católica Porto SBE a partir de dados da ENES/INE

PÚBLICO

RANKINGS

“A educação pública não está a ser oferecida de forma equitativa

25 anos de em revis



Andreia Sanches Texto
e Francisco Lopes Infografia

Pouco se sabia sobre como se saíam os alunos em exames nacionais, iguais para todos, nas diferentes escolas do país. A 27 de Agosto de 2001, o PÚBLICO divulgou o primeiro ranking de escolas feito com base nas classificações dos exames do ensino secundário. “Temos dois sistemas educativos: o do litoral e o do interior”, concluía, nessa primeira edição, Luís Valadares Tavares, antigo presidente do Comité de Educação da OCDE, lastimando os fracos desempenhos de muitas escolas arredadas dos grandes centros urbanos. E hoje? Vinte e cinco anos depois, olha para os subúrbios, sobretudo da capital, e é aí que centra atenções: vê uma “mancha” de maus resultados a alastrar-se que, “se não se fizer nada, põe em causa a coesão social”.

Nos primeiros anos de rankings havia muitas escolas do interior no fundo da tabela – Murça, Penamacor, Pampilhosa da Serra, por exemplo. “Várias conseguiram melhorar um bocadinho”, ultrapassando dificuldades. Enquanto algumas escolas de Loures, Moita, Amadora, Sintra foram ganhando presença na lista das que têm resultados mais fracos. “Temos um problema grave aí: a educação pública, que deve ser um elevador social, não está a ser oferecida de forma equitativa à população.”

Há outra mudança: mais de metade da lista das 50 escolas com médias mais altas nos exames, em 2001, 2002, 2003, era constituída por escolas públicas. Hoje são menos de 10%.

Num artigo interactivo publicado no *site* do PÚBLICO o leitor pode explorar o top 20 das melhores médias de exames dos últimos 25 anos de rankings. Convém, contudo, ter presente que os critérios para a sua elaboração foram mudando ao longo do tempo. Durante vários anos, todas as escolas eram incluídas, independentemente do número de alunos que realizavam exames. Mais tarde, passaram a existir limites mínimos de provas para integrar os rankings, levando algumas escolas a deixar de figurar nas tabelas. Também a metodologia para a seriação foi sendo ajustada. A partir de 2012, o PÚBLICO passou a calcular um “valor esperado” para cada escola, tendo em conta o respectivo contexto socioeconómico. Em 2024, os rankings do PÚBLICO passaram a ser ordenados com base nesse valor esperado, e não na média absoluta dos exames. O que mostra a fita do tempo é os rankings tal como existiram em cada momento. Ainda assim revela aspectos importantes.

Continuemos com Valadares Tavares: o catedrático emérito do Instituto Superior Técnico admite que a “sobrelotação das escolas, a maior heterogeneidade dos alunos” – até por via da imigração, que “era algo que não existia há 25 anos” da mesma forma – sejam explicações para os fracos desempenhos na Área Metropolitana de Lisboa. A diversidade, sublinha, “é uma riqueza para o país, mas é também um desafio”.

Como se enfrenta o desafio? O especialista em gestão estratégica e administração pública participou, em 2001, após os primeiros rankings, num estudo sobre os resultados dos diferentes concelhos. Concluiu que mesmo alguns, com contextos adversos, conseguiam sair-se bem. “O contexto socioeconómico influencia, mas não há determinismo.”

Acompanhou casos concretos. “Liderança: um director escolar que não se resigna com a mediocridade é um factor comum a todas essas escolas” que se distinguem.

Nuno Crato, ex-ministro da Educação, recusa a ideia de que seja uma inevitabilidade as escolas públicas desaparecerem da lista das melhores média – “Acredito que uma escola pública pode ser tão boa ou melhor do que uma privada.” Mas o matemático, catedrático emérito do Instituto Superior de Economia e Gestão, questiona a política educativa: “Será que está a responder a esta necessidade de qualidade e está a apoiar as escolas que lutam por maior qualidade de ensino ou, pelo contrário, está a introduzir um factor de facilidade? Quando temos pressões nas escolas para que todos os alunos passem [de ano], isso são pressões que apontam no sentido errado. Todos devem atingir a qualidade necessária de aprendizagem para passar, e essa é que era a grande pressão que devia ser feita por parte do ministério e das entidades públicas sobre as escolas.”

“Muitas famílias com um estatuto socioeconómico mais elevado estão a preferir orientar-se para as escolas privadas”, prossegue. “E isso é mau para nós todos, porque essas famílias são habitualmente aquelas que têm maior acesso à educação, que têm critérios [de exigência] mais elevados e que, portanto, poderiam ajudar a escola pública, através da sua influência, a melhorar.”

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas, não esconde o incómodo que comparar escolas públicas e privadas lhe causa: “A escola pública tem de receber todos, todos, todos os alunos; a escola privada selecciona o seu corpo discente.” Isso faz toda a diferença. Os professores dos colégios mais bem colocados não conseguiriam, seguramente, os mesmos resultados se fossem para uma das escolas do fim da tabela, analisa. E esta é uma das razões para que seja um crítico dos rankings tal como são feitos. Mas já lá vamos.

Regressemos por momentos a 2001. O PÚBLICO tinha sido um dos jornais que durante anos tinham pedido que as notas fossem divulgadas. “Se o Ministério da Educação possui informação sobre os resultados, escola a escola, nos exames do 12.º ano, não pode fazer dessa informação um exclusivo da sua burocra-

Escolas públicas e privadas no top 50 de cada ano



As 5 escolas que mais aparecem no top 20 nos últimos 25 anos

Escolas privadas	
Colégio Nossa Sr.ª do Rosário	25
Colégio Moderno	22
Colégio Luso-Francês	21
Colégio do Sagrado Coração de Maria	20
Colégio Valsassina	20
Escolas públicas	
ES Infanta D. Maria	8
Conservatório de Música de Calouste Gulbenkian	5
ES Aurélia de Sousa	5
ES de José Gomes Ferreira	4
ES D. Filipa de Lencastre	3

Fonte: PÚBLICO

JOSÉ CARVALHEIRO



cia interna. Foi também esse o entendimento da Comissão de Acesso aos Documentos Administrativos da Administração (CADA)", escrevia José Manuel Fernandes, então director do jornal, num editorial de 27 de Agosto de 2001.

Com o parecer da CADA na mão, o então ministro da Educação Júlio Pedrosa (era António Guterres primeiro-ministro) disponibilizou as bases dos resultados, em bruto. E ao longo destes 25 anos, os rankings foram sendo feitos e actualizados pelos órgãos de comunicação social, nalguns casos (como no PÚBLICO) em parceria com universidades, excepto em 2002, num Governo liderado por Durão Barroso. O então ministro da Educação, David Justino, promoveu um ranking de escolas, encomendando-o a uma equipa de investigadores. Foi a única vez.

Resultados fora de horas

A partir de 2017, as bases de dados passaram a ser libertadas com maior desfasamento face à realidade que retratavam: sete, oito, dez meses depois de os alunos terem prestado provas. Mas nunca o atraso tinha sido de 15 meses como este ano – as notas do ano passado só chegaram aos órgãos de comunicação social já no fim do mês de Setembro, com um embargo até hoje, 30 de Outubro. O ministro Fernando Alexandre justificou-se com os problemas nos exames de Junho e Julho, que concentraram todas as atenções das equipas do ministério. A justificação ignora que a informação costuma ser facultada bem antes de Junho.

Nuno Crato não compreende. "Para que isto tenha eficácia, é preciso que seja divulgado atempadamente, porque senão o que se está a divulgar não é a escola de agora, é a escola que era há um ano e meio."

A verdade é que os rankings nunca deixaram de ser polémicos e estas listas acabam por trazer consigo um sentimento de injustiça e de "alguma tristeza" junto de professores que, em contextos desafiantes, dão o melhor de si, continua Filinto Lima. O director do Agrupamento de Escolas D. Pedro I, em Canidelo, reclama: "Para essas escolas, devia haver mais recursos. Não estou a dizer que não existam, mas deveriam ser reforçados."

Valadares Tavares vai mais longe: "Não é nada difícil ao ministério identificar bolsas de mediocridade, criar uma *task force* para essas escolas" que se saem sistematicamente mal, assinar "um contrato-programa" com "um projecto de mudança" que diga, por exemplo, que a escola xis "daqui a três anos vai deixar de estar no quartel inferior". "Pergunte-se ao director o que é preciso para isso", continua , "é um apoio adicional de permanência de professores na escola" em vez de eles estarem sempre a mudar? É formação docente? E, se for o caso, mude-se a equipa dirigente, defende. "Em Espanha, algumas comunidades autónomas seguiram essa metodologia. Itália fez isso. Dinamarca, também." Em Portugal não, porque "não há uma cultura do Estado de fazer elevar os níveis de qualidade".

Em hora de balanço, a pergunta impõe-se: os rankings serviram para alguma coisa? Fazem sentido? Tanto Crato como Tavares não têm dúvidas de que sim. Os grandes estudos internacionais em que o país começara a participar e a divulgação dos resultados das escolas em 2001 "tornaram claro para a população" que era preciso melhorar a educação, diz Crato.

Mesmo Filinto Lima não propõe acabar com os rankings – ou, como lhes chama, "uma falsa tabela classificativa", que deixa muito do trabalho das escolas de fora. Mas tem várias ideias sobre o que era preciso analisar para saber "que escolas fazem melhor o seu trabalho". Por exemplo: "Quais os níveis de assiduidade dos alunos e qual o impacto das explicações – o factor explicações tem um impacto tremendo" no agravamento das desigualdades; "o percurso dos alunos quando seguem para o ensino superior – há uns anos, um estudo mostrava que os que vêm das escolas públicas acabam os cursos em menos tempo e com melhores notas." E ainda: "Qual o impacto das aulas perdidas por causa da escassez de professores – a região de Lisboa e da península de Setúbal", onde estão muitas escolas com piores resultados, "são precisamente as regiões com mais falta de professores".

A armadilha dos rankings



Opinião
Carlos Louro

É paradoxal que, neste tempo tão complexo de rutura política e tecnológica do mundo que conhecemos, a explicação e a compreensão das coisas tendam a seguir o caminho do simplismo e do pensamento binário.

Para que serve a escola, que importância tem e como é medida a sua qualidade são perguntas difíceis com respostas que não se confinam à ordenação no ranking de cada estabelecimento de ensino em função do desempenho dos alunos nos exames e provas nacionais.

É o ecossistema escolar inteiro que produz efeitos no modo como se processa o desenvolvimento e é construída a humanidade de cada um dos alunos: no convívio diário e ao tomarem consciência das diferenças, nas frustrações e ao encontrarem o vigor necessário para as vencer, na compreensão da organização social e ao chocarem com as suas assimetrias, na descoberta permanente de emoções novas – a espantarem-se com a ciência e as invenções, a comoverem-se com a arte, a compreenderem um facto, a interpretarem uma ideia nova, a serem surpreendidos por uma explicação que os reconstrói, a ganharem linguagem, a aprenderem a comunicar.

O crescimento de cada aluno que habita a escola vive na atenção, no olhar demorado de quem o conhece e, ainda assim, continua a descobri-lo.

A escola transforma lentamente.

A verdadeira escola não se contempla de fora, porque é intimidade e presença. Exige tempo. Demora perceber que há abraços que apertam e outros que fazem respirar melhor. A escola é presença intensa e não uma conquista efémera.

Neste nível subterrâneo da escola de múltiplas implicações e interações estão fixadas as escoras que sustentam o plano funcional visível, onde se desenvolve o processo de ensinar e aprender. Como em todos os sistemas complexos, a ação da escola é mais quântica do que binária.

A ordem das coisas determina, todavia, que a medida das aprendizagens seja necessária. E os exames, embora não meçam com muito rigor, são, em todo o caso, as aproximações de que dispomos. Como também são o PISA, o TIMMS, e até as provas Moda. E é também verdade que o PÚBLICO, onde escrevemos, tem o mérito de não reduzir a simplificações estatísticas as classificações dos exames, e usa crivos para apurar a qualidade das conclusões. Há muitos anos que é assim!

Estes dados agora disponibilizados trazem-nos um retrato em que são seriadas as escolas que tiveram exames e provas finais. Realizados num tempo ínfimo, quando considerado todo o tempo que cada aluno passa na escola, trazem-nos números com alguma importância.

Aproveitamos a oportunidade para os situar, não os menorizando, nesta pequena dimensão que ocupam.

O desafio que a publicação dos rankings suscita é a possibilidade de se fazer caminho, levando cada comunidade educativa ao encontro da escola que projeta. Um cenário onde se aplica o princípio subsidiário que prefere a ação local à ação central, não entregando a instâncias superiores o que pode ser feito pelas comunidades locais. O aprofundamento democrático determina a adoção de sistemas progressivos de descentralização de decisões, devendo a orientação da ação da administração do Estado apontar nesse sentido.

> **O que conta verdadeiramente é a apropriação que cada comunidade local faz dos desempenhos dos alunos**



O desenvolvimento progressista da escola deve ser, em nosso entender, um processo que, na formulação feliz do Papa Paulo VI, diz respeito "a todos os alunos e ao aluno todo", isto é, um processo não excludente e integrador. Rejeitamos a escola que deixa para trás os alunos mais frágeis e com dificuldades de aprendizagem; a escola sancionatória antiga, amputada de instrumentos ressocializantes e, por isso, cruel; a escola que não sabe, não pode ou não quer acolher os novos alunos imigrantes e a escola mínima que não potencia o desenvolvimento dos mais capazes. Desejamos consagrar uma escola dirigida a todos, que acolha todas as utopias e abra no horizonte de cada aluno todas as possibilidades.

Ir ao encontro da escola é permitir o cruzamento de pontos de vista, ainda que diferentes, e, sobretudo, em diálogo construtivo, promover uma reflexão que confronte cada escola com os instrumentos de análise que tem à disposição, incluindo a perspetiva do desempenho dos alunos nos exames.

Fazer caminho tem de aspirar ao reforço de uma cultura que nos aproxime, nos ajude a viver e a reconstruir uma comunidade onde a aprendizagem seja um alicerce mais seguro do que um conjunto fragmentado de informação avulsa adverso à fundação de propósitos, de ideias e de sentidos.

A armadilha dos rankings está na ilusão de que as médias dos resultados individuais nos exames e nas provas diferenciam as escolas coletivamente, segundo uma escala ordenada qualitativa. O que conta verdadeiramente é a apropriação que cada comunidade educativa local faz dos desempenhos dos alunos, um a um, singularmente, em função de critérios de contexto, para depois evoluir e transformar a escola num ecossistema melhor, capaz de influenciar a humanidade de cada aluno.

Presidente da ANDE — Associação Nacional de Dirigentes Escolares

RANKINGS

Como se saem as escolas nas provas do 4.º e do 6.º ano?

Provas Moda: escolas do Norte e Centro com melhores resultados

Top 5 das melhores médias a Português e Matemática em escolas públicas e privadas

◆Público ◆Privado ☐N.º de provas ■Média nos exames

4.º ano

◆ EB de Vildemoinhos, Viseu	48	70,06
◆ EB de Areias, Vale de Cambra	41	68,63
◆ EB de Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses	45	68,44
◆ EB de Igreja, Figueiras, Lousada	46	68,22
◆ EB de São Lourenço, Penafiel	30	68,07
◆ Externato Infantil Paraíso dos Pequeninos, St.ª M.ª da Feira	100	75,48
◆ Externato Menino Jesus, Coimbra	36	73,39
◆ Colégio Saint Daniel Brottier, Lisboa	46	71,67
◆ Externato O Poeta, Lisboa	39	70,67
◆ Escola Primária Nova Apostólica, Cascais	39	70,23

6.º ano

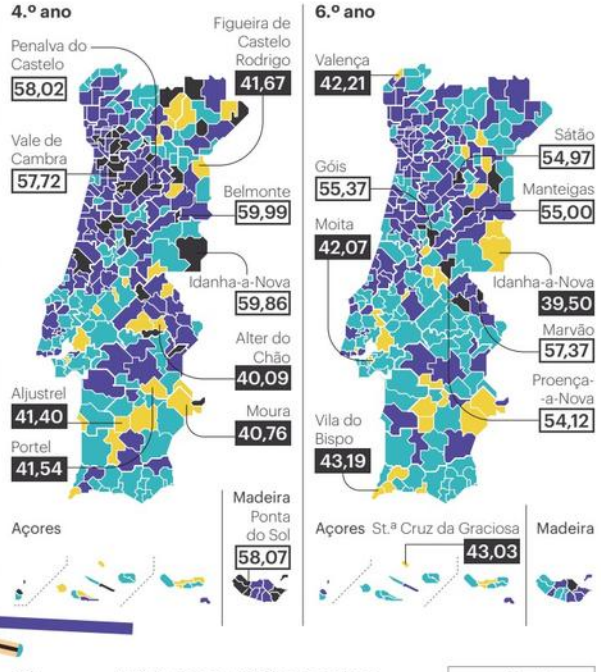
◆ Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, Braga	92	62,89
◆ EBS Quinta das Flores, Coimbra	154	60,17
◆ EB Vasco da Gama, Lisboa	108	57,30
◆ EB de Santa Cruz da Trapa, São Pedro do Sul	50	56,48
◆ Escola do Conservatório de Música do Porto, Porto	140	56,42
◆ Externato As Descobertas, Lisboa	42	64,40
◆ Colégio de Nossa Senhora da Bonança, Vila Nova de Gaia	144	64,25
◆ Escola de Música São Teotónio, Coimbra	54	63,30
◆ Colégio Moderno, Lisboa	250	62,76
◆ Colégio Novo da Maia — Pólo de Gaia, Gaia	32	62,50

Nota: escolas com pelo menos 30 provas realizadas no conjunto das duas disciplinas

As médias mais altas e mais baixas a Português e Matemática

Médias por concelho:

≤44,99 | 45-49,99 | 50-54,99 | ≥55 | n.d. — Mais baixas | Mais altas



Público *vs.* Privado

4.º ano

	N.º de provas	Média nos exames	Geral: Provas	Geral: Média
Português	72.777	Pública 50,5		
	11.760	Privada 57,1	84.537	51,4
Matemática	73.415	49,9		
	11.751	57,2	85.166	50,9
Português e Matemática	146.192	50,2		
	23.511	57,2	169.703	51,1

6.º ano

	N.º de provas	Média nos exames	Geral: Provas	Geral: Média
Português	78.290	Pública 47,8		
	10.590	Privada 54,7	88.880	48,6
Matemática	78.721	50,4		
	10.679	58,3	89.400	51,3
Português e Matemática	157.011	49,1		
	21.269	56,5	178.280	50

Nota: cálculos do PÚBLICO com base nos resultados da totalidade das provas realizadas em todas as escolas (com excepção das do estrangeiro), independentemente do número de alunos que as fizeram

Fonte: cálculos do PÚBLICO e da Católica Porto Business School — PÚBLICO

Apostar no bê-á-bá, reduzir turmas, trabalhar com TIC: o que fazem as escolas que se destacam nas Moda

Privadas destacam-se, mas escolas públicas do Norte e centro também chegam ao topo – algumas são as mesmas que já tinham melhores resultados quando havia exames do 4.º e 6.º anos há mais de dez anos

Cristiana Faria Moreira

De um lado, há "uma cultura de exigência"; do outro, a capacidade de perceber onde os alunos falham e de lhes dar resposta pronta. Pelo meio, há espaço para a tecnologia, para o trabalho em equipa e para a continuidade pedagógica, que ainda vai sendo possível graças a corpos docentes estáveis. Os resultados das provas de monitorização das aprendizagens (Moda) do 4.º e do 6.º anos rondaram, em 2025, os 50 pontos numa escala de 0 a 100 – um desempenho pouco animador no panorama nacional. Mas há escolas que superaram largamente essa fasquia. Como é que chegaram lá?

"Se os docentes não forem bons, não há a mínima hipótese", diz Nuno Moutinho, director do grupo Escola Global, de Santa Maria da Feira, ao qual pertence o Externato Infantil Paraíso dos Pequeninos, que fez o pleno: alcançou as médias mais altas do país nas três disciplinas a que os alunos do 4.º ano prestaram provas em 2025: 73,92 a Português, 77,10 a Matemática e 86,61 a Inglês.

À semelhança do que acontece noutros níveis de ensino, as escolas privadas destacam-se, com médias superiores às das públicas. Ainda assim, entre os melhores desempenhos, sobressaem também escolas públicas – algumas longe dos grandes centros urbanos. A Escola Básica de Vildemoinhos, do Agrupamento de Escolas Grão Vasco, em Viseu, obteve as melhores médias entre as públicas no 4.º ano: 66,08 pontos a Português, 74,04 a Matemática e 71,04 a Inglês. A classificação a Matemática foi, aliás, a quarta mais elevada do país entre as escolas analisadas pelo PÚBLICO.

O director do agrupamento, Luís Nóbrega, diz que os resultados já tinham sido analisados e que a comparação com as provas de aferição, então feitas no 2.º ano, permitiu identificar "alguma evolução em todas as escolas" do agrupamento.

Em 2025, o Ministério da Educação voltou a introduzir provas de avaliação das aprendizagens no final do 1.º e do 2.º ciclos, embora os resultados não tenham peso na nota final dos alunos. No 6.º ano, o melhor desempenho global pertence ao Externato As Descobertas, em Lisboa, com médias de 62,14 pontos em Português, 66,67 em Matemática e 61,90 em História e Geografia de Portugal. Entre as escolas públicas, a Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, em Braga, alcançou os melhores resultados.

As médias confirmam a vantagem das escolas privadas: no 4.º ano, estas alcançaram 57,15 pontos na média conjunta de Português e Matemática; as públicas ficaram-se pelos 50,17 pontos. No 6.º ano, as privadas obti-

veram 56,52 pontos, face aos 49,07 das públicas. Também a distribuição das escolas com melhores resultados confirma essa diferença: no grupo das 20 com melhores resultados no 4.º ano, 14 são privadas e seis são públicas. No 6.º ano, a Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian é a única escola pública entre as 20 primeiras.

Exigência e apoio a quem precisa

O que distingue as escolas que alcançaram os melhores resultados? No Externato Infantil Paraíso dos Pequeninos, um dos "segredos" está na continuidade do percurso escolar. "A esmagadora maioria dos nossos alunos entra na creche e faz o percurso todo cá", diz Nuno Moutinho. "Gostamos de dizer que o nosso projecto se chama Escola Global, precisamente porque tenta estimular todas as dimensões que o ser humano tem. Eles têm muitas actividades que não são apenas o currículo", explica ainda o director.

Entre essas actividades, há projectos nas áreas STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática) e do Inglês desde o pré-escolar. E a tecnologia também entra cedo: cada aluno recebe um computador aos quatro anos, mas a utilização dos meios digitais, sublinha o director, é orientada por objectivos pedagógicos. "Os docentes sabem para que é que o computador deve ser usado e só o usam para os fins para que deve ser usado. Os alunos vêem o computador como uma ferramenta igual a qualquer outra." A propina que pagam mensalmente, e que vai dos 470 euros no pré-escolar aos 600 euros no secundário, cobre muitos destes materiais e actividades, incluindo exames Cambridge, realizados ao longo do percurso escolar.

Aliada às actividades, está uma cultura de "exigência e rigor". "Acho que as pessoas embarcaram muito nesta ideia de que o que interessa é que os alunos sejam felizes e mais nada. Também é importante os alunos saberem a matéria e os conteúdos."

No Externato Infantil Paraíso dos Pequeninos e no Colégio das Terras de Santa Maria – que pertence também ao grupo Escola Global e no qual os alunos do 6.º ano se saíram também bem nas provas, alcançando uma média de 59,16 a Português e de 63,50 a Matemática –, há ainda uma outra regra: há trabalhos de casa todos os dias "numa carga certa" para reforçar o que foi aprendido na escola. Os testes são exigentes e têm critérios de correcção desde o 1.º ciclo para que os alunos percebam melhor em que matérias estão a falhar. "Se um aluno está com dificuldades de aprendizagem no 1.º ciclo, pode ser retirado da sala para trabalhar em pequenos grupos. Temos uma docente a dar apoio a cada ano. Também temos aulas de apoio nas disciplinas essenciais, por exemplo Português, Matemática e Inglês. E há alunos que estão muito acima da média da turma e precisam de trabalhar de outra maneira; essa equipa também os ajuda", afirma.



NELSON GARRIDO

No Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no 1.º ciclo, tem sido possível manter "um corpo docente estável", apesar das aposentações e das dificuldades de recrutamento dos últimos anos. Nalguns casos, o mesmo professor acompanha a turma do 1.º ao 4.º ano. (No Externato Infantil Paraíso dos Pequeninos, essa visão já é diferente: há professores mais "especializados" no 1.º e 2.º anos e outros no 3.º e 4.º anos porque "o perfil dos docentes é diferente".)

Nas provas do 6.º ano, os alunos da Escola Básica Grão Vasco obtiveram uma média de 54,9 a Português, 55,9 a Matemática e 53,8 a História. São bons resultados face às médias nacionais, que Luís Nóbrega espera que se mantenham no 3.º ciclo, havendo para tal um reforço das horas de Português e Matemática e desdobramento de turmas nestas disciplinas, para permitir um trabalho mais próximo e dar mais espaço à oralidade.

Este agrupamento de Viseu tem "diferentes contextos": é "do centro da cidade, urbano", e isso traz vantagens, por exemplo, no recrutamento de professores. Tem cerca de 2700 alunos do pré-escolar ao 3.º ciclo – 600 são estrangeiros de 36 países –, é escola de referência para alunos surdos e cegos e acolhe ainda crianças que estão institucionalizadas. Cerca de 30% dos alunos beneficiam de acção social escolar (ASE).

Por tudo isto, foi importante a entrada no agrupamento de uma educadora social, que acompanha famílias em situação de maior vulnerabilidade, uma terapeuta da fala e, mais recentemente, uma mediadora linguística e cultural.

As provas Moda substituíram as provas de aferição que eram realizadas no 2.º, 5.º e 8.º anos. São feitas em formato digital

E os pais? Luís Nóbrega diz que há uma relação "de muita proximidade" com as associações de pais, mas, no geral, gostava que os progenitores se envolvessem mais na escola e no processo de desenvolvimento de competências dos filhos; Nuno Moutinho sublinha, por sua vez, que nem sempre é fácil gerir as expectativas dos pais, que hoje questionam mais a autoridade e o papel do professor, o que obriga a um "diálogo permanente".

Escolas já se destacavam nos exames do 4.º e do 6.º

As diferenças entre escolas públicas e privadas logo nos anos iniciais da aprendizagem já eram visíveis quando, em 2013, se realizaram exames nacionais no 4.º e no 6.º anos (diferentes das actuais provas, uma vez que tinham peso na nota final dos alunos às disciplinas): na análise feita então pelo PÚBLICO às escolas com pelo menos 50 provas no 6.º ano, não surgiam escolas públicas entre os primeiros 20 resultados – as primeiras a surgir eram a Escola Secundária Artística do Conservatório de Música de Calouste Gulbenkian de Braga, a Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, em Coimbra, e a Escola Básica Vasco da Gama, em Lisboa, precisamente as que se repetem agora. No 4.º ano, cenário semelhante: a Escola Básica de Vildemoinhos era a segunda pública com melhores resultados, entre as que tinham, pelo menos, 50 provas realizadas.

Olhemos para o território. No 4.º ano, os resultados superaram a média nacional em 137 concelhos; no 6.º ano, em 143. E há vários concelhos do Norte e Centro que apresentam resultados elevados: no 4.º ano, Vale de Cambra, Paços de Ferreira, Lousada e Santa Maria da Feira destacam-se entre os que, no topo, têm mais escolas; no 6.º ano, surgem Coimbra, Viseu, Guimarães e Braga, por exemplo. Na Madeira, também se registam bons resultados entre os alunos do 4.º ano na Ponta do Sol e em Santa Cruz e, no 6.º ano, em Santana.

Os resultados mais baixos concentram-se em concelhos da Grande Lisboa, do Alentejo e do Algarve, bem como em algumas zonas das regiões autónomas. No 4.º ano, surgem Moura, Aljustrel e Portel; no 6.º ano, a lista inclui Moita, Albufeira, Amadora e Ribeira Grande, nos Açores.

Nas áreas metropolitanas há diferenças acentuadas: Lisboa, Cascais e Oeiras apresentam resultados mais elevados, enquanto Sintra, Amadora, Loures e Odivelas ficam abaixo da média nacional. Na capital, várias escolas privadas surgem entre as que obtêm melhores resultados, mas quase não há escolas públicas lisboetas no topo – uma tendência que se repete no 6.º ano.

O desempenho, porém, pode mudar bastante entre ciclos. Idanha-a-Nova, por exemplo, passa de uma das médias mais elevadas do país no 4.º ano – 59,86 pontos – para a mais baixa no 6.º ano, com 39,50 pontos. O que é que explica esta queda nos resultados?

"Temos um problema na transição de ciclos", reconhece Paulo Frias, director do Agrupamento de Escolas José Silvestre Ribeiro – o único do concelho. Em primeiro lugar, são grupos de alunos diferentes, com "perfis sociais e escolares muito diferentes": no 4.º ano, apenas 9,8% dos 51 alunos que fizeram provas Moda beneficiavam de apoios ASE, ao passo que entre os 55 que fizeram as do 6.º ano essa percentagem dispara para os 52,7%. Entre estes alunos do 6.º ano, poucos têm mães com ensino superior e há mais estudantes com necessidades específicas. Quase metade não tinha computador em casa, o que pode ter impacto na produção escrita, já que estas provas são feitas em formato digital.

Mas há mais factores que podem contribuir para este fosso nos resultados: os alunos deixam a monodocência e passam a lidar com várias disciplinas, diferentes professores e, muitas vezes, uma nova escola. Para alguns alunos, essa mudança obriga a percorrer 40 quilómetros de viagem, uma hora de autocarro, para cá e para lá todos os dias, sublinha o director. Depois, têm também chegado ao agrupamento muitos alunos dos PALOP nos últimos anos, que trazem dificuldades na compreensão e interpretação do português europeu, aos quais a escola não tem conseguido chegar. →

Como analisámos os resultados?

O Ministério da Educação disponibilizou, pela primeira vez, os resultados das provas Moda por escola. O PÚBLICO e a Católica Porto SBE calcularam a média ponderada das classificações de Português e Matemática, considerando apenas escolas com pelo menos 30 provas nas duas disciplinas: 2189 das 3641 escolas com provas no 4.º ano e 1059 das 1139 no 6.º. Não elaborámos um ranking por considerarmos que, sobretudo nestes ciclos, as notas devem ser usadas pelas escolas para melhorar práticas — e também porque não têm o impacto das classificações obtidas no secundário, por exemplo, no acesso ao superior. Além disso, o ministério não forneceu dados que permitam fazer um enquadramento dos resultados face às características socioeconómicas dos alunos. Por isso, identificámos apenas as escolas entre as 10% com melhores resultados.

Há, além disso, o factor pandemia: os alunos do 6.º ano entraram no 1.º ano em 2019/20 e tiveram as aulas presenciais interrompidas no 1.º e no 2.º anos, quando aprendiam a ler e a escrever.

Este agrupamento integra o Programa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), que se destina a apoiar as escolas situadas em contextos de maior vulnerabilidade social e económica. E é o crédito horário previsto no programa que permite, por exemplo, que no 7.º ano haja dois professores nas aulas de Português. "A prevenção tem de ser feita no início de ciclo para ver se conseguimos fazer a diferença."

Mas há mais medidas a serem implementadas no agrupamento: "Trabalhamos com grupos pequenos de alunos para ver se conseguimos chegar mais próximo deles. Vamos mudar a sala de aula – que se tem focado mais nos conteúdos do que na compreensão. Estamos também a ser acompanhados numa acção educativa, precisamente sobre a leitura e compreensão, no 1.º ciclo e no 5.º ano, pela Inspecção-Geral de Educação, que nos está a ajudar a mudar práticas", reflecte o director.

A leitura continua a preocupar

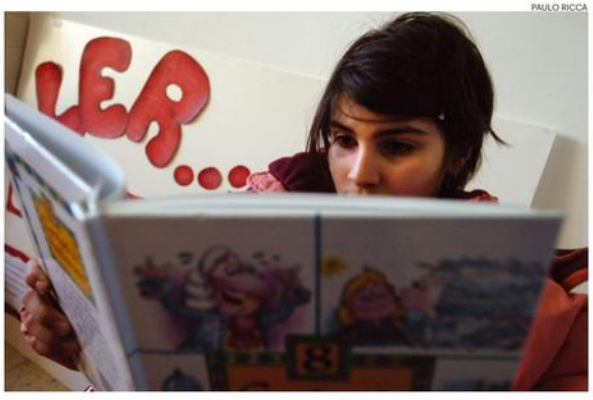
Nas escolas com melhores resultados, as médias a Matemática tendem a ser superiores às de Português. E a leitura é uma das áreas em que as dificuldades se revelam mais evidentes: no 4.º ano, as maiores fragilidades detectadas na prova de Português estão "na interpretação e integração de informações textuais em contextos diferentes e à estruturação de um texto coeso", e, no 6.º, os alunos demonstram mais fragilidades em estabelecer relações lógicas entre informações de diferentes textos.

Mesmo na Matemática, os alunos nem sempre conseguem mobilizar os conhecimentos quando as tarefas exigem mais do que a aplicação directa de regras ou procedimentos, nota o relatório nacional das provas Moda, divulgado no ano passado.

É uma dificuldade que as professoras do Colégio das Terras de Santa Maria também identificam: "Na Matemática, tudo o que exija muito pensamento, muito raciocínio, o que dá mais trabalho e não podem aplicar de forma imediata... Aí é que eles demonstram mais dificuldade", diz Ana Pinto, professora de Matemática.

Essa dificuldade em compreender o que se lê pode, assim, comprometer aprendizagens noutras disciplinas. Para Mónica Vieira, coordenadora-geral da Iniciativa Educação, os resultados das provas Moda devem ser analisados em conjunto com outros indicadores que apontam para dificuldades persistentes na leitura. E a intervenção deve começar aos primeiros sinais de dificuldade. "A leitura é a aprendizagem base e fundamental, fundacional, para todas as aprendizagens subsequentes."

PAULO RICCA



> **A nossa premissa é que nenhum aluno fica para trás**
>
> **Sílvia Barbosa**
> Professora do 1.º ciclo do Externato Infantil Paraíso dos Pequeninos

Mais do que aprender a descodificar palavras, é necessário que as crianças compreendam o que lêem e consigam mobilizar essa capacidade para aprender. "Temos de voltar a esta ideia de que aprender a ler é como uma escada. Se ainda não conseguimos subir o primeiro grau, não chegamos ao quarto ou ao quinto."

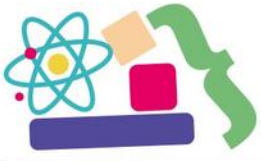
Aprender a ler exige treino e prática. Quando começam a sentir dificuldades, as crianças podem passar a evitar a leitura e, por isso, a praticá-la menos, aumentando a distância em relação aos colegas. A escola tem um papel central na prevenção deste ciclo, mas as famílias também podem contribuir: ler com os filhos, conversar sobre livros e outros assuntos, alargar o vocabulário e continuar a ler em voz alta mesmo depois de as crianças começarem a ler sozinhas são algumas das práticas que ajudam a desenvolver estas competências, diz Mónica Vieira.

Sara Dias, professora de Português no Colégio das Terras de Santa Maria, destaca a proximidade com os alunos como uma forma de conhecer os seus interesses e dificuldades – e de os motivar para a leitura. "Há sempre um livro que chega aos seus interesses."

Outro ponto: o *feedback*. "Não é só pô-los a escrever, mas é ir junto deles e explicar-lhes o que é que poderia ser diferente. Esta proximidade, este *feedback* constante, isto de haver uma preocupação em chegar ao interesse deles faz com que se crie aqui uma relação", diz a professora.

Mónica Cardoso, uma das professoras que acompanharam os alunos do Externato Infantil Paraíso dos Pequeninos que obtiveram as melhores médias em 2025 e que ali dá aulas há 28 anos, recusa a ideia de um sucesso individual: "Não sou eu que faço o milagre no 4.º ano. Desde as professoras de apoio à equipa de psicologia, aos professores de informática, das áreas STEM, eles ajudam-nos imenso, porque todos trabalhamos para o mesmo. Há aqui uma coisa que convém dizer: melhor ou pior, estamos sempre a lutar pelo aluno. Somos professoras um bocadinho chatas, porque estamos sempre ali, mas nós lutamos mesmo."

Essa persistência segue os alunos ao longo de todo o percurso no 1.º ciclo, sublinha Sílvia Barbosa, outra das professoras que os acompanharam no 3.º e no 4.º anos. Além da resiliência e da curiosidade natural das crianças, o sucesso resulta de um trabalho que começa muito antes do ano em que são avaliadas – "constrói-se desde o primeiro dia em que entram na escola". "Nos primeiros anos, o foco total está na literacia, na numeracia básica e na rotina de trabalho. Quando eles chegam ao 3.º e ao 4.º ano, a estratégia passa por elevar os níveis de exigência e autonomia, ensinando-os a pensar criticamente e a gerir o erro como parte da aprendizagem", diz a professora. "A nossa premissa é que nenhum aluno fica para trás."



Veja a lista de escolas que se saíram melhor nas provas Moda em publico.pt/ranking-escolas

Os ângulos mortos dos rankings

Opinião
Pedro Freitas

Ter instrumentos que meçam as aprendizagens dos alunos é essencial. Por isso, os rankings são uma fonte de informação relevante para escolas, pais e professores. Este ano mais ainda, porque passaram a existir resultados das provas Moda do 4.º e 6.º anos, mais comparáveis ao longo do tempo e que permitem a cada escola traçar uma tendência mais credível da evolução dos seus alunos.

Contudo, quem consultar os rankings deste ano perceberá que a informação não é igual para todos. Varia consoante o tipo de escola, a sua localização ou o percurso escolhido pelos alunos. São assimetrias que não devem perdurar.

Há hoje um esforço para ir além de uma ordenação simplista pela média e construir um "Ranking de Superação", que lê os resultados à luz do contexto socioeconómico de cada escola. Para isso, o PÚBLICO recorre a variáveis como a escolaridade dos pais, a percentagem de alunos com ação social escolar ou a idade dos alunos. Mas é possível fazê-lo para todas as escolas? Não. Esta informação não existe nem para as escolas das regiões autónomas nem para as privadas.

Independentemente da autonomia regional, é incompreensível que esta informação não seja divulgada para os Açores e a Madeira. São alunos do ensino público, em regiões onde a privação material e social está acima da média nacional. É de esperar que a composição social das escolas pese fortemente nos resultados, mas esse peso fica por medir.

No caso das escolas privadas, a ausência é igualmente incompreensível. Dir-se-á que muitas servem contextos favorecidos, mas a realidade tem nuances. Entre 2015/16 e 2024/25, o número de jovens nos cursos científico-humanísticos de escolas privadas sem contrato de associação, logo sem financiamento do Estado, aumentou 57%. Assim, a sua composição social é hoje, potencialmente, mais heterogénea. Estas escolas podem ainda, por decisão própria, ter turmas mais ou menos diversas socialmente.

Escolas privadas e públicas competem pela atração de alunos. Se competem, a informação pública sobre elas deve ser a mesma: por transparência, por equidade e para que todos possamos perceber o contributo de cada escola para o progresso dos alunos, tendo em conta o contexto em que opera. Espanta-me que, em décadas de rankings, o Ministério da Educação nunca tenha exigido estes dados às escolas privadas. Se é possível recolhê-los no público, nada deveria impedir que se recolham também no privado. Espanta-me igualmente que os pais não os exijam: conhecerão bem as escolas dos filhos, mas falta-lhes informação para as comparar com outras de contexto semelhante. Não há aqui qualquer crítica a estas escolas, muitas com um desempenho extraordinário. Mas, num sistema em que as escolas procuram atrair alunos pelo seu projeto e pelos seus resultados, a igualdade de informação é essencial.

O leitor notará também que o ranking inclui o ensino profissional, mas apenas com base na taxa de conclusão, e não em métricas de aprendizagem. Não é um detalhe. Mesmo nos dados mais detalhados do Ministério da Educação, não existe qualquer informação sobre notas ou níveis de aprendizagem destes alunos: depois do 9.º ano, há um vazio. Os indicadores não têm de ser iguais aos dos cursos científico-humanísticos, mas é preciso que existam. Este vazio é particularmente preocupante, porque muitos destes jovens entram no mercado de trabalho logo após o secundário e precisam de competências transversais sólidas, como o português ou o inglês, que lhes deem flexibilidade num mercado cada vez mais exposto à evolução tecnológica.

Os rankings são um instrumento útil. Para serem melhores, é preciso eliminar estes ângulos mortos: mais transparência nuns casos, uma medição efetiva das aprendizagens noutros. Só assim pais e alunos em circunstâncias semelhantes terão acesso à mesma informação.

Investigador na Universidade de Oxford

Profissional: 67% concluem o curso em três anos, mas no Algarve só metade o consegue

Cristiana Faria Moreira

Condições das escolas, ligação às empresas e orientação vocacional ajudam a explicar diferenças entre regiões

Chegar ao fim do curso em três anos continua a ser um desafio para muitos alunos do ensino secundário, sobretudo para os que ingressaram num curso profissional: em 2023/24, 67% dos estudantes que concluíram o profissional fizeram-no sem chumbos – abaixo dos 78% registados nos cursos científico-humanísticos. A taxa de conclusão no tempo esperado é um indicador importante, mas insuficiente para perceber o sucesso destes alunos, a qualidade da formação que receberam ou as oportunidades que se abrem depois da escola: há alunos que acabam por concluir o percurso nos meses seguintes e que, por isso, ficam de fora destas estatísticas, diz o presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (Anespo), Amadeu Dinis.

Num sistema sem exames nacionais que permitam comparar o desempenho dos alunos do ensino profissional – que representam hoje mais de um terço do total de estudantes do secundário – com as avaliações internas, as taxas de conclusão no tempo esperado são um dos poucos dados públicos disponíveis.

É a partir delas que o PÚBLICO volta a analisar os resultados das escolas, recorrendo a este indicador do Ministério da Educação que compara a proporção de alunos que concluem o curso em três anos com a que seria esperada para estudantes de perfil semelhante, tendo em conta a idade e os apoios da acção social escolar. A que mais se destaca pela diferença positiva face ao esperado é a Escola Básica e Secundária Dr.ª Judite Andrade, no Sardoal: 96% dos 28 alunos que concluíram cursos profissionais em 2023/24 (em áreas como Desporto, Gestão de Equipamentos Informáticos, Turismo e Multimédia) fizeram-no nos três anos previstos, sem chumbos – 36 pontos percentuais acima dos colegas com características semelhantes do resto do país.

Os dados remetem para os alunos que ingressaram no ensino secundário profissional em 2021/22, independentemente de terem concluído o 3.º ciclo no país – é uma diferença em relação ao indicador do ano anterior, que contabilizava apenas os que tinham concluído o 3.º ciclo no país.

A análise abrange 628 escolas, das quais 220 são privadas (grande parte dependente de financiamento público, sendo a frequência dos alunos gratuita), com pelo menos 15 alunos: em 89 escolas, menos de metade dos alunos conseguiu concluir o seu percurso num curso profissional nos três anos, enquanto apenas em 41 escolas mais de 90% dos estudantes conseguiram fazê-lo com sucesso.

Só quatro apresentam uma taxa de conclusão de 100%. O que fizeram os estudantes que não conseguiram concluir esse percurso nos três anos? Dezassete por cento continuavam inscritos no ensino profissional, 3% inscreveram-se noutra modalidade de ensino secundário e 13% acabaram por abandonar os estudos. Porém, por si só, os números não permitem determinar se estas diferenças resultam do perfil dos estudantes ou das condições de funcionamento dos cursos, uma vez que não dispomos dos dados de contexto destes alunos.

Escolas secundárias e escolas profissionais

Em 357 das 628 escolas que o PÚBLICO incluiu na análise, a diferença entre a percentagem de alunos que ali concluíram o ensino profissional em três anos e a percentagem dos alunos com perfil semelhante que concluíram nesse tempo no resto do país é positiva ou nula. Ou seja, estes alunos estão em linha ou superaram o contexto dos seus pares.

Entre as 100 escolas que mais superam os resultados, 52 são secundárias públicas. Mas estas também estão sobrerrepresentadas no extremo oposto: dos 271 estabelecimentos onde a conclusão no tempo previsto fica aquém do esperado, 184 são secundárias. E embora existam muito mais escolas secundárias com oferta de cursos profissionais do que escolas profissionais, Inês Gregório, professora no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, considera que importa distinguir as duas realidades: as escolas profissionais foram concebidas especificamente para esta via de ensino, enquanto as secundárias só começaram a disponibilizá-la em 2005. E essa diferença ajuda a explicar os resultados: "O que vamos percebendo, estando no terreno e ouvindo o *feedback* tanto de alunos como de professores e de empresas, é que o ensino profissional funciona muito bem no contexto da escola profissional e funciona menos bem quando se desenvolve nas escolas secundárias." E isso acontece porque as secundárias estão mais orientadas para os cursos científico-humanísticos, ao nível das infra-estruturas, dos equipamentos e da formação dos professores.

Uma outra *nuance*: apesar de os alunos nas vias profissionais representarem mais de um terço dos estudantes que frequentam o secundário, estas continuam, por vezes, a ser encaradas como um destino para os que têm várias retenções ou problemas de indisciplina. "Houve um bocadinho um desvirtuar do objectivo principal do ensino profissional. As escolas profissionais têm, muitas delas, mais de 30 anos de tradição. Têm mais estrutura, pessoas com a formação certa, muitos contactos com empresas e, se calhar, estes são os principais factores – nem são tanto os alunos – que as distinguem", destaca a investigadora.

O presidente da Anespo tende a concordar, e atribui também estas diferenças à maior autonomia das escolas privadas. "É muito difícil em algumas áreas arranjar formadores e são as próprias empresas que nos ajudam a resolver estes problemas. Isto na escola pública é muito difícil de acontecer. Estão sujeitos a outras regras a que nós não estamos."

É no Norte que se regista a taxa de conclusão no tempo esperado mais elevada – 73%. No Alentejo e no Centro, os valores ficam nos 72%. Nestas três regiões, os alunos superam os resultados que seriam esperados tendo em conta os seus pares. Por outro lado, a Grande Lisboa e a península de Setúbal ficaram sete pontos abaixo do esperado. Nestas regiões, só 57% dos alunos concluíram os cursos profissionais em três anos, face a 64% entre os colegas com um perfil semelhante no conjunto nacional. Mas é no Algarve que os alunos têm mais dificuldade em concluir este percurso com sucesso: apenas 52% terminaram o curso no prazo previsto, 13 pontos percentuais abaixo dos colegas com perfil semelhante no país.

O presidente da Anespo espera que algumas medidas que estão em curso ajudem a reduzir a proporção de alunos que não conseguem concluir o curso no tempo esperado. Entre elas está a revisão do Catálogo Nacional de Qualificações, que, acredita, permitirá aproximar a formação das necessidades dos estudantes e das saídas profissionais. Além disso, pede um reforço da orientação vocacional, já que "muita desta informação não chega às famílias nem aos jovens".

O top 5 das escolas do ensino profissional

◆ Pública ◆ Privada — N.º de alunos da amostra — % dos que concluíram o ensino profissional em três anos — □ % dos alunos do país com um perfil semelhante que concluíram o curso em três anos

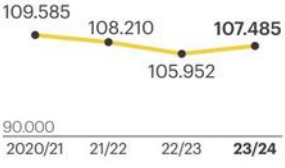
1.º	◆ EBS Dr.ª Judite Andrade, Sardoal	28	**96,4**	60,9
2.º	◆ Colégio de S. Teotónio, Coimbra	18	**100**	67,8
3.º	◆ ES de S. Lourenço, Portalegre	44	**97,7**	68,3
4.º	◆ EBS de Mora, Mora	24	**87,5**	58,7
5.º	◆ Escola Profissional da Serra da Estrela, Seia	27	**92,6**	64

Alunos que concluíram o curso profissional nos três anos

Em 2023/2024

*Acção Social Escolar

Evolução dos alunos matriculados em cursos profissionais



Alunos por nacionalidade



Alunos por género



Os cinco cursos com mais inscritos

Por número de alunos matriculados, em 2023/2024



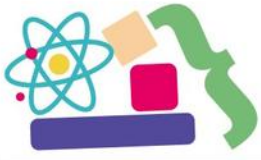
		% no país
Ciências Informáticas	18.720	17
Desporto	11.754	11
Audiovisuais e Prod. dos Media	9817	9
Hotelaria e Restauração	9217	9
Turismo e Lazer	6958	6

Alunos que concluíram no tempo esperado por região

Em 2023/2024

	% de alunos com um perfil semelhante que concluíram o curso em três anos	
Norte	73	69
Centro	72	67
Oeste e Vale do Tejo	69	67
Grande Lisboa	57	64
Península de Setúbal	57	64
Alentejo	72	65
Algarve	52	65

Fonte: DGEEC/MECI e PÚBLICO — PÚBLICO



Veja como se saem os alunos do ensino profissional em publico.pt/ranking-escolas

RANKINGS Lista do secundário

Escola	Tipo de Escola	Concelho	Provas	Média de exames em 2025	Valor esperado	Lugar no Ranking da Superação	Lugar no Ranking dos Exames	Habilitações dos pais (anos de escolaridade)	Habilitações das mães (anos de escolaridade)	Sem acção social escolar no 12.º (%)	Idade média no 12.º ano	Taxas de retenção no 12.º ano (%)
ES de Vouzela	D	Vouzela	94	13.66	11.06	1	50	8.54	10.42	73.0	17.30	5
Grande Colégio Universal	PRI	Porto	144	16.82	14.55	2	1					0
EBS de Anadia	I	Anadia	282	13.92	11.70	3	44	9.80	11.89	82.5	17.26	8
ES de Monção	I	Monção	221	14.08	11.91	4	38	9.14	11.76	76.7	17.19	3
Colégio Nossa Senhora do Rosário	PRI	Porto	415	16.53	14.54	5	2					0
ES de Pinhel	D	Pinhel	85	13.20	11.24	6	72	8.23	10.48	54.9	17.27	2
Colégio Efanor	PRI	Matosinhos	227	16.34	14.40	7	3					0
EBS de Penalva do Castelo	D	Penalva Castelo	92	13.01	11.09	8	87	7.75	10.35	70.6	17.24	18
Academia de Música de Santa Cecília	PRI	Lisboa	71	16.25	14.39	9	4					4
Colégio Nova Encosta	PRI	P. de Ferreira	116	16.18	14.32	10	5					0
EBS de Coronado e Castro	D	Trofa	61	13.02	11.17	11	85	8.86	10.26	75.0	17.19	0
EBS de Moimenta da Beira	I	Moimenta Beira	144	13.28	11.48	12	67	8.40	11.05	75.4	17.18	0
ES de Estarreja	D	Estarreja	247	13.19	11.41	13	74	9.33	10.23	79.2	17.25	5
ES de Barcelinhos	I	Barcelos	245	13.40	11.66	14	61	7.81	9.39	80.2	17.05	3
EBS À Beira Douro	D	Gondomar	82	13.04	11.32	15	83	8.31	10.43	71.4	17.14	14
ES Alves Martins	F	Viseu	1191	13.91	12.21	16	45	14.13	13.92	89.2	17.18	6
EBS Tomás de Borba	A	A. do Heroísmo	162	13.54	11.87	17	54					
EBS de Lousada Norte	D	Lousada	71	12.88	11.28	18	96	6.66	7.91	71.2	17.08	0
EBS de Paredes de Coura	I	Paredes Coura	84	13.53	11.92	19	55	8.14	11.07	75.8	17.09	0
ES de Alpendurada	D	M. de Canaveses	271	12.84	11.24	20	102	7.16	8.78	68.0	17.06	2
Colégio Novo da Maia	PRI	Maia	317	15.91	14.31	21	6					0
ES de Monserrate	I	V. do Castelo	462	13.32	11.79	22	66	10.09	11.10	79.0	17.16	6
ES de Arganil	D	Arganil	144	12.60	11.08	23	142	8.78	10.64	72.2	17.31	11
EBS de Arcozelo	D	Ponte de Lima	92	12.61	11.11	24	141	8.30	10.20	62.5	17.20	5
Colégio Santo André	CA	Mafra	278	14.24	12.76	25	35					10
EBS Josefa de Óbidos	D	Óbidos	110	12.63	11.15	26	136	8.74	11.07	71.4	17.47	6
EBS Dr. Ferreira da Silva	I	Oliv. de Azeméis	100	13.00	11.54	27	88	8.03	10.30	79.5	17.05	0
ES Arquitecto Oliveira Ferreira	D	V.N. de Gaia	102	12.56	11.12	28	152	9.08	10.29	70.3	17.32	0
EBS de Melgaço	D	Melgaço	96	12.67	11.24	29	128	10.75	12.09	58.8	17.26	3
ES da Trofa	I	Trofa	356	12.94	11.51	30	93	8.97	10.47	84.3	17.26	17
Colégio D. Diogo de Sousa	PRI	Braga	487	15.74	14.33	31	10					0
EBS D. Filipa de Lencastre	F	Lisboa	453	13.59	12.19	32	52	15.59	15.36	95.8	17.15	6
Colégio Moderno	PRI	Lisboa	366	15.79	14.39	33	8					5
EBS Pintor José de Brito	I	V. do Castelo	107	13.06	11.66	34	81	9.99	11.97	74.4	17.26	0
Colégio de S. Tomás	PRI	Lisboa	293	15.79	14.42	35	7					1
ES Dr. João Lopes de Morais	D	Mortágua	132	12.36	11.01	36	185	8.76	11.57	57.6	17.18	0
ES Marques de Castilho	D	Águeda	220	12.55	11.20	37	153	8.78	10.87	67.7	17.33	17
ES Eça de Queirós	F	Póvoa de Varzim	815	13.62	12.28	38	51	12.83	12.18	82.8	17.10	6
Sales. Lisboa - Col. Oficinas de São José	PRI	Lisboa	595	15.75	14.43	39	9					2
ES Tomaz Pelayo	F	Santo Tirso	248	13.50	12.19	40	56	10.13	10.83	91.0	17.12	1
Colégio da Rainha Stª Isabel	PRI	Coimbra	313	15.73	14.42	41	11					1
EBS de Lordelo	D	Paredes	104	12.52	11.22	42	158	7.20	8.96	63.6	17.14	9
ES de Amarante	D	Amarante	414	12.56	11.29	43	149	8.13	10.06	66.1	17.06	3
ES de Arouca	D	Arouca	315	12.44	11.21	44	167	7.95	10.16	60.0	17.16	2
ES Joaquim de Araújo, Guilhufe	D	Penafiel	134	12.23	11.00	45	211	7.83	8.90	56.8	17.34	14
EBS da Batalha	F	Batalha	220	13.32	12.09	46	65	10.00	12.10	87.8	17.12	2
ES Quinta das Palmeiras	F	Covilhã	347	13.44	12.25	47	59	13.49	13.87	82.1	17.12	2
ES de Barcelos	I	Barcelos	544	12.89	11.70	48	95	9.23	10.58	79.8	17.21	6
EBS de Airães	D	Felgueiras	66	12.52	11.34	49	157	7.23	8.21	70.6	17.12	0
ES de Nelas	I	Nelas	105	12.84	11.66	50	103	9.37	11.17	82.2	17.16	4
ES Garcia de Orta	F	Porto	486	13.42	12.26	51	60	14.99	14.65	89.6	17.13	10
EBS de Sobreira	D	Paredes	76	12.41	11.26	52	171	8.31	10.93	75.8	17.27	0
EBS de Vila Pouca de Aguiar - Sul	D	Vila P. de Aguiar	124	12.42	11.29	53	169	8.25	10.53	71.4	17.20	13
EBS Clara de Resende	F	Porto	295	13.34	12.22	54	64	14.47	14.14	78.4	17.19	8
ES Manuel da Fonseca	I	Sant. do Cacém	219	12.76	11.64	55	111	11.06	13.14	86.1	17.39	7
EBS Dr. Machado de Matos	D	Felgueiras	132	12.32	11.20	56	191	6.72	7.79	68.2	17.14	5
ES de Ponte de Lima	I	Ponte de Lima	456	12.61	11.51	57	138	9.03	10.48	73.7	17.17	4
EBS Dr. Vieira de Carvalho	I	Maia	137	12.83	11.73	58	106	11.29	12.28	76.8	17.30	7
ES Raul Proença	I	C. da Rainha	322	12.83	11.73	59	107	12.75	13.08	83.7	17.37	10
EBS de São Sebastião	D	Mértola	69	12.43	11.35	60	168	8.68	11.33	75.8	17.24	9
Colégio de São Miguel de Fátima	CA	Ourém	143	13.97	12.92	61	40					7
ES Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves	F	V.N. de Gaia	631	13.21	12.17	62	71	13.39	13.14	77.6	17.24	9
ES de Valpaços	D	Valpaços	131	12.36	11.32	63	188	9.18	11.22	68.2	17.27	7
ES Gaia Nascente	D	V.N. de Gaia	160	12.22	11.19	64	213	8.88	10.55	75.4	17.30	19
EBS de Arga e Lima, Lanheses	F	V. do Castelo	127	13.12	12.09	65	77	8.09	11.02	85.4	17.07	10
ES da Lixa	D	Felgueiras	212	12.12	11.10	66	233	7.93	9.99	63.9	17.04	3
ES Padre Benjamim Salgado	F	V.N. Famalicão	474	13.16	12.15	67	76	8.81	10.26	84.2	17.06	3
EBS de Campo	D	Valongo	143	12.29	11.28	68	198	9.78	10.35	70.9	17.20	2
ES de Vila Nova de Paiva	D	V. N. de Paiva	69	12.01	11.01	69	251	7.55	10.71	82.6	17.26	9
ES Infanta D. Maria	F	Coimbra	495	13.26	12.27	70	69	15.06	14.65	96.3	17.09	5
ES João Gonçalves Zarco	F	Matosinhos	533	13.18	12.19	71	75	12.47	12.47	81.6	17.20	11
ES de Resende	D	Resende	176	12.07	11.10	72	240	7.57	9.26	50.8	17.13	5
Colégio Bartolomeu Dias	PRI	Loures	68	15.25	14.28	73	14					
ES Frei Rosa Viterbo	I	Sátão	184	12.65	11.69	74	132	8.86	11.29	70.8	17.06	6
ES Alberto Sampaio	I	Braga	961	12.56	11.61	75	148	12.18	12.78	80.9	17.40	9
Colégio das Terras de Santa Maria	PRI	Sta. Maria Feira	88	15.47	14.52	76	12					5
ES do Cartaxo	D	Cartaxo	298	12.19	11.24	77	223	11.23	11.95	64.6	17.31	14
EBS de Idães	D	Felgueiras	108	12.18	11.23	78	224	6.99	8.49	64.9	17.00	0
EBS Martinho Árias	F	Soure	157	13.10	12.15	79	79	9.06	11.64	92.6	17.07	6
EBS de Cristelo	D	Paredes	106	11.97	11.03	80	264	6.29	7.45	58.3	17.06	0
ES de São Pedro do Sul	I	S. Pedro do Sul	188	12.53	11.60	81	156	9.80	11.28	83.3	17.32	1
EBS Henrique Sommer, Maceira	F	Leiria	119	12.93	12.00	82	94	11.61	12.26	78.0	17.12	10
ES Francisco Franco	M	Funchal	1290	13.05	12.13	83	82					
ES Rocha Peixoto	D	Póvoa de Varzim	528	12.19	11.27	84	222	9.46	10.52	74.0	17.20	19
EBS Vale D Este, Viatodos	I	Barcelos	117	12.56	11.65	85	150	8.06	9.68	94.4	17.22	6
EBS de Cabeceiras de Basto	D	Cabec. de Basto	246	12.27	11.37	86	200	7.61	9.72	50.7	17.08	3
EBS de Ourém	I	Ourém	317	12.51	11.62	87	161	9.17	11.25	79.0	17.20	8
EBS de Fajões	I	Oliv. de Azeméis	95	12.52	11.64	88	159	7.68	9.90	73.7	17.03	13
ES de Castro Daire	D	Castro Daire	189	12.15	11.27	89	229	7.70	10.04	60.7	17.21	5
EBS de Rebordosa	D	Paredes	109	12.16	11.28	90	225	6.99	8.75	73.3	17.19	3
ES de Paredes	F	Paredes	409	13.28	12.41	91	68	9.60	11.12	82.5	17.14	3
ES da Drª Laura Ayres, Quarteira	D	Loulé	305	12.11	11.25	92	236	10.13	11.55	77.0	17.50	25
ES de Marco de Canaveses	I	M. de Canaveses	512	12.53	11.69	93	155	7.66	9.43	74.1	17.11	5
ES de Felgueiras	I	Felgueiras	383	12.37	11.52	94	183	8.34	10.26	77.8	17.07	2
Colégio Luso-Francês	PRI	Porto	218	15.34	14.51	95	13					0
ES Alcaides de Faria	I	Barcelos	517	12.68	11.85	96	125	9.19	10.37	77.1	17.13	9
ES Tomás Cabreira	I	Faro	481	12.57	11.76	97	147	12.86	13.10	71.8	17.32	17
Colégio Valsassina	PRI	Lisboa	277	15.20	14.40	98	16					1
Colégio Campo de Flores	PRI	Almada	204	15.24	14.44	99	15					6
ES Henrique Medina	I	Esposende	461	12.41	11.61	100	172	10.45	11.04	76.4	17.18	10

Como fazemos os rankings e como ler esta lista, coluna a coluna

Que escolas entram no ranking do ensino secundário do PÚBLICO-Católica Porto SBE?
Escolas secundárias, públicas e privadas, onde se realizaram exames do ensino secundário em 2025.

O que está na coluna "tipo de escola"?
O contexto socioeconómico a que pertence a escola. O Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) fornece uma série de dados sobre os agrupamentos das escolas públicas, relativos ao ano lectivo 2023/24 (não são disponibilizados outros mais recentes). Optámos por estes indicadores para caracterizar as escolas: 1) a percentagem de alunos que, no agrupamento a que pertence cada escola, não recebem apoio no âmbito da acção social escolar (ASE) — este apoio só está disponível para famílias com rendimentos baixos; 2) a escolaridade média das mães e dos pais dos alunos (em número médio de anos de escolaridade) do 12.º ano, conforme o nível de ensino que está a ser analisado; 3) a idade média dos alunos (no 12.º ano). Foram, assim, definidos três tipos de contexto para as escolas públicas, a que demos os seguintes nomes:
• **Contexto desfavorável (D):** escolas que integram agrupamentos com valores mais desfavoráveis nas três variáveis de contexto (pais menos escolarizados, mais alunos abrangidos por apoios do Estado, idade média dos alunos mais elevada);
• **Contexto intermédio (I):** escolas com valores intermédios (menos jovens abrangidos pela acção social escolar do que no contexto anterior, pais mais escolarizados, idade média dos alunos mais baixa);
• **Contexto favorável (F):** escolas com valores mais favoráveis nas três variáveis.

Para as escolas das regiões autónomas e para as privadas, o MECI não disponibiliza dados de contexto socioeconómico semelhantes aos que fornece para o restante ensino público. Por esse motivo, explica Conceição Silva, a investigadora da Católica Porto SBE que colabora com o PÚBLICO na elaboração dos rankings, "e porque existem razões para agrupar estas escolas em grupos homogéneos do ponto de vista socioeconómico (as privadas são tipicamente escolas que captam alunos com o contexto socioeconómico mais elevado) ou do ponto de vista geográfico (a insularidade das ilhas)", distinguimos mais quatro tipos de contexto:
• **O contexto das escolas privadas sem contratos de associação (PRI);**
• **O contexto das escolas privadas com contratos de associação (CA)** — escolas particulares que estão a suprir falhas da rede pública e, por isso, recebem financiamento do Estado, pelo menos para algumas das suas turmas — os alunos abrangidos pelos contratos de associação não pagam propina; na prática, é como se frequentassem a rede pública;
• **O contexto das escolas localizadas nos Açores (A);**
• **O contexto das escolas localizadas na Madeira (M).**

O que é a média dos exames?
É a média dos exames feitos pelos alunos dos cursos científico-humanísticos na 1.ª fase das provas nacionais do secundário. São consideradas as oito disciplinas com mais inscritos: Português (12.º ano), Matemática A (12.º ano), Biologia e Geologia (11.º), Física e Química A (11.º), Geografia A (11.º), Filosofia (11.º), Economia A (11.º) e História (12.º). Só são ordenadas as escolas onde se realizaram, pelo menos, 56 exames (do leque destas oito disciplinas). A escala usada vai de zero a 20 valores.

O que é o "valor esperado"?
É a média de exame que seria expectável cada escola ter alcançado em 2025 tendo em conta o contexto a que pertence. Isto permite perceber que escolas mais superam o expectável e que escolas ficam mais longe das suas semelhantes. Este valor esperado faz um ajustamento tendo em conta a proporção de exames feitos em cada disciplina, em cada escola.

Assim, independentemente da forma como o contexto é definido (com base em dados socioeconómicos para o caso dos três contextos tradicionais, ou com base na classificação das privadas ou critérios geográficos, por ausência de outras variáveis), o valor esperado é sempre calculado da mesma forma: para cada disciplina é calculada a média ponderada das classificações de escolas no mesmo grupo de contexto; o valor esperado da escola resulta do cálculo de uma média ponderada das classificações médias de cada disciplina (ponderadas pelo número de exames da escola).

Para as escolas em que não temos as variáveis de contexto, a solução adoptada baseia-se na criação de um contexto de referência para cada grupo específico (privadas; privadas com contratos de associação; e escolas das ilhas). A criação de "uma espécie de contexto fictício e aproximado para todas as escolas que não têm dados de contexto" evita, segundo explica Conceição Silva, a exclusão de um conjunto significativo de escolas. Mantém um critério de comparação coerente, em que as escolas privadas são avaliadas face à média das privadas e as das regiões autónomas são comparadas entre si. Mas deve ser sublinhado que as médias dos "contextos" das ilhas e das privadas com contratos de associação contêm um número mais pequeno de escolas, sendo por isso mais voláteis e gerando valores esperados para o "contexto" menos confiáveis.

Continua na página 23

Escola	Tipo de Escola	Concelho	Provas	Média de exames em 2025	Valor esperado	**Lugar no Ranking da Superação**	Lugar no Ranking dos Exames	Habilitações dos pais (anos de escolaridade)	Habilitações das mães (anos de escolaridade)	Sem acção social escolar no 12.º (%)	Idade média no 12.º ano	Taxas de retenção no 12.º ano (%)
Colégio do Sagrado Coração de Maria	PRI	Lisboa	298	15.15	14.36	101	17					1
ES Aurélia de Sousa	F	Porto	258	13.02	12.26	102	86	12.72	12.99	86.8	17.29	7
ES António Inácio da Cruz	D	Grândola	211	11.77	11.01	103	310	9.43	11.80	73.7	17.33	7
EBS de Pinheiro	D	Penafiel	113	11.79	11.03	104	304	7.45	8.77	65.1	17.14	2
ES do Restelo	F	Lisboa	665	12.87	12.13	105	98	15.20	14.88	94.7	17.21	13
Colégio de S. Teotónio	PRI	Coimbra	101	15.12	14.39	106	20					0
St. Peter´s International School	PRI	Palmela	306	15.03	14.30	107	21					1
ES de Penafiel	I	Penafiel	970	12.40	11.67	108	174	10.09	10.61	72.7	17.11	0
ES Gabriel Pereira	F	Évora	379	13.04	12.31	109	84	12.91	13.45	87.6	17.28	18
Colégio de Stª Doroteia	PRI	Lisboa	276	15.14	14.41	110	18					1
EBS Josefa de Óbidos	F	Lisboa	89	12.77	12.05	111	110	11.11	12.00	81.8	17.23	27
EBS Quinta das Flores	F	Coimbra	418	12.96	12.24	112	89	13.80	13.86	88.6	17.20	5
ES de Esmoriz	I	Ovar	148	12.24	11.54	113	209	9.04	10.85	78.7	17.13	13
ES de Campo Maior	I	Campo Maior	119	12.36	11.66	114	187	9.85	11.63	74.4	17.14	2
ES D. António Taipa, Freamunde	D	P. de Ferreira	255	11.92	11.23	115	271	7.32	8.96	60.9	17.21	11
EBS Rainha Santa Isabel, Carreira	I	Leiria	69	12.00	11.30	116	254	7.92	10.57	84.6	17.21	10
Colégio Paulo VI de Gondomar	PRI	Gondomar	335	15.13	14.44	117	19					0
ES José Saramago	I	Mafra	871	12.38	11.69	118	176	12.78	12.71	79.4	17.38	13
EBS de Vila Nova de Cerveira	I	V. N. de Cerveira	148	12.27	11.59	119	202	10.67	12.01	78.8	17.21	8
ES Sá de Miranda	D	Braga	613	12.03	11.35	120	248	9.58	11.13	79.2	17.33	6
ES de Caldas das Taipas	D	Guimarães	489	11.89	11.21	121	279	7.74	9.54	78.2	17.16	5
ES da Maia	F	Maia	716	12.95	12.28	122	92	12.52	12.82	80.8	17.18	6
EBS Dr. Daniel de Matos	I	V.N. de Poiares	70	12.31	11.64	123	193	8.26	11.56	77.8	17.00	6
EBS José Falcão	I	Miran. do Corvo	102	12.37	11.70	124	182	9.64	11.64	80.4	17.20	7
Externato Vila Meã	CA	Amarante	200	13.25	12.59	125	70					3
ES Francisco de Holanda	I	Guimarães	869	12.24	11.59	126	207	8.92	10.54	83.7	17.11	6
EBS Vieira de Araújo	D	Vieira do Minho	134	11.92	11.27	127	270	7.93	10.19	70.2	17.28	12
ES do Fundão	F	Fundão	298	12.96	12.30	128	91	10.17	11.74	82.7	17.19	13
ES Dr. João de Araújo Correia	D	Peso da Régua	202	12.01	11.37	129	252	10.42	10.03	52.3	17.14	3
ES Rafael Bordalo Pinheiro	I	C. da Rainha	489	12.22	11.58	130	214	11.04	12.17	89.1	17.42	12
EBS Fernão do Pó	I	Bombarral	156	12.37	11.74	131	180	9.41	11.40	86.4	17.31	4
ES Adolfo Portela	F	Águeda	398	12.84	12.22	132	101	10.84	12.10	79.5	17.21	12
ES Carlos Amarante	F	Braga	1017	12.88	12.26	133	97	12.29	12.71	88.4	17.19	5
EBS Eng. Dionísio Augusto Cunha	F	Nelas	59	12.75	12.13	134	115	9.69	11.59	100.0	17.06	6
ES Vergílio Ferreira	F	Lisboa	698	12.76	12.15	135	112	14.76	14.46	92.1	17.26	14
ES de Miraflores, Algés	F	Oeiras	453	12.84	12.23	136	104	15.46	14.98	90.7	17.13	10
ES João de Deus	F	Faro	583	12.70	12.10	137	122	12.68	13.68	90.4	17.12	5
ES Homem Cristo	F	Aveiro	253	12.87	12.27	138	99	12.84	12.69	85.7	17.13	12
EBS de Castelo de Paiva	D	Castelo de Paiva	206	11.86	11.27	139	284	7.49	9.47	59.3	17.14	2
EBS de Lousada Oeste	D	Lousada	77	11.51	10.94	140	362	6.58	7.63	52.9	17.41	18
ES Afonso de Albuquerque	F	Guarda	359	12.84	12.27	141	105	12.49	13.04	100.0	17.19	3
EBS de Oliveira de Frades	I	Oliv. de Frades	130	12.30	11.73	142	197	8.40	10.74	78.6	17.20	4
ES de Paços de Ferreira	D	P. de Ferreira	573	11.82	11.26	143	294	8.15	9.26	70.0	17.15	9
ES Dr. Mário Sacramento	F	Aveiro	531	12.69	12.14	144	123	13.91	13.42	89.6	17.15	2
EBS de Sever do Vouga	I	Sever do Vouga	140	12.16	11.61	145	226	9.16	11.47	83.6	17.18	9
Externato Ribadouro	PRI	Porto	974	14.92	14.37	146	24					2
ES Pinheiro e Rosa	F	Faro	374	12.75	12.20	147	114	11.28	12.68	81.0	17.25	13
Colégio de São João de Brito	PRI	Lisboa	286	14.97	14.43	148	22					1
ES da Lousã	I	Lousã	195	12.27	11.74	149	201	10.16	12.46	78.0	17.31	8
EBS Carolina Michaelis	I	Porto	340	12.06	11.53	150	244	12.79	13.06	66.0	17.34	8
Colégio São José do Ramalhão	PRI	Sintra	120	14.76	14.22	151	25					0
EBS de Búzio	F	Vale de Cambra	305	12.73	12.21	152	117	9.59	11.13	87.9	17.09	4
ES Dr. José Macedo Fragateiro	F	Ovar	252	12.76	12.24	153	113	10.55	11.73	85.7	17.10	6
ES de Santa Comba Dão	I	Sta. Comba Dão	132	12.16	11.64	154	227	8.85	10.56	80.3	17.18	3
ES Martins Sarmento	F	Guimarães	927	12.70	12.18	155	121	10.57	11.53	89.0	17.08	7
ES Cristina Torres	F	Figueira da Foz	308	12.61	12.10	156	139	10.30	11.98	99.2	17.05	4
EBS de Caminha	I	Caminha	223	12.12	11.62	157	234	10.34	11.95	68.4	17.08	0
EBS de Mondim de Basto	D	Mond. de Basto	80	11.86	11.36	158	285	7.62	9.79	55.3	17.05	0
ES Inês de Castro, Canidelo	I	V.N. de Gaia	392	12.07	11.58	159	239	10.90	11.58	84.5	17.34	9
Colégio Pedro Arrupe	PRI	Lisboa	337	14.94	14.45	160	23					5
ES de Senhora da Hora	D	Matosinhos	144	11.50	11.02	161	366	10.12	11.23	80.8	17.52	16
ES Dr. Augusto César da Silva Ferreira	I	Rio Maior	369	12.23	11.75	162	212	10.57	11.75	66.0	17.24	21
ES Camilo Castelo Branco	F	V.N. Famalicão	871	12.73	12.25	163	118	11.83	11.91	84.4	17.08	3
ES Camões	F	Lisboa	743	12.69	12.21	164	124	14.97	14.31	92.1	17.22	10
ES de Carregal do Sal	F	Carregal do Sal	106	12.82	12.35	165	108	10.07	10.90	88.1	17.12	10
ES Prof. Dr. Flávio F. Pinto Resende	D	Cinfães	199	11.80	11.34	166	303	6.89	9.13	58.7	17.13	0
ES Domingos Rebelo	A	Ponta Delgada	709	12.13	11.67	167	232					
ES Dr. João Manuel da Costa Delgado	I	Lourinhã	293	12.19	11.74	168	221	9.55	11.82	85.2	17.33	3
EBS Dr. Manuel Gomes Almeida	F	Espinho	382	12.66	12.21	169	130	10.59	11.65	86.4	17.15	5
ES Camilo Castelo Branco	F	Vila Real	334	12.60	12.17	170	143	11.88	12.75	87.1	17.15	8
Salesianos de Manique - Escola	CA	Cascais	398	13.06	12.63	171	80					0
ES de Rio Tinto	I	Gondomar	840	12.09	11.66	172	238	9.45	11.49	76.1	17.22	5
ES José Falcão	F	Coimbra	459	12.67	12.25	173	127	13.72	13.77	92.9	17.13	7
ES de Vila Verde	I	Vila Verde	519	12.06	11.65	174	242	9.30	10.30	68.5	17.13	6
EBS da Sé	F	Guarda	258	12.79	12.37	175	109	11.99	13.17	87.1	17.19	5
EBS de Nordeste	A	Nordeste	72	11.91	11.50	176	277					
ES Rainha Dona Amélia	F	Lisboa	334	12.60	12.20	177	144	14.86	14.51	93.5	17.23	14
EBS de Barroselas	F	V. do Castelo	63	12.63	12.23	178	137	11.44	11.39	74.2	17.06	0
EBS José Relvas	I	Alpiarça	70	11.86	11.46	179	287	9.02	11.06	67.9	17.14	0
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral	M	Santana	89	12.33	11.94	180	189					
ES da Lagoa	A	Lagoa (R.A.A)	185	12.05	11.66	181	245					
ES de Tondela	I	Tondela	337	12.02	11.64	182	249	9.69	11.61	81.7	17.39	12
EBS de Valdevez	I	Arc. Valdevez	278	11.98	11.59	183	262	8.60	10.52	77.1	17.12	7
ES Padre António Macedo	I	Sant. do Cacém	118	12.16	11.78	184	228	11.47	12.47	78.2	17.55	13
ES José Loureiro Botas, Vieira de Leiria	I	Marinha Grande	114	11.93	11.55	185	267	10.46	12.36	82.6	17.26	0
ES Dr. Francisco Fernandes Lopes	D	Olhão	443	11.81	11.44	186	298	9.66	11.16	77.0	17.36	14
ES Sebastião e Silva	F	Oeiras	748	12.57	12.20	187	146	14.92	14.61	89.5	17.29	13
ES Manuel de Arriaga	A	Horta	185	11.93	11.56	188	268					
ES de Valbom	D	Gondomar	136	11.53	11.16	189	355	8.43	10.54	60.6	17.33	3
EBS de Vale de Ovil	D	Baião	135	11.63	11.26	190	338	6.59	8.86	60.3	17.14	0
ES de Sertã	D	Sertã	188	11.67	11.30	191	330	9.81	11.60	69.1	17.26	4
ES Dr. Júlio Martins	I	Chaves	310	11.98	11.61	192	261	9.81	11.69	75.2	17.15	1
ES de Cacilhas-Tejo	I	Almada	499	12.07	11.70	193	241	12.67	12.47	82.3	17.36	13
ES de Lousada	D	Lousada	420	11.67	11.31	194	329	8.27	9.42	69.6	17.09	8
ES Amato Lusitano	F	Castelo Branco	342	12.66	12.30	195	131	12.81	13.28	89.6	17.34	6
EBS de Murça	D	Murça	78	11.62	11.26	196	341	8.86	10.53	56.7	17.17	7
EBS Soares Basto	F	Oliv. de Azeméis	208	12.71	12.35	197	120	9.42	10.76	88.4	17.11	1
EBS António Bento Franco, Ericeira	D	Mafra	153	11.47	11.12	198	377	12.46	12.67	72.7	17.47	25
ES de Santa Maria Maior	F	V. do Castelo	613	12.64	12.29	199	134	13.41	12.79	79.8	17.16	3
ES de Alfena	I	Valongo	171	11.66	11.33	200	334	8.77	10.44	83.5	17.09	3
ES Rainha Dona Leonor	F	Lisboa	590	12.61	12.28	201	140	14.84	14.62	96.3	17.22	8
ES de Benavente	I	Benavente	310	11.99	11.66	202	256	10.55	11.98	90.1	17.41	23
ES Domingos Sequeira	F	Leiria	688	12.66	12.34	203	129	12.60	13.31	85.0	17.19	10
EBS de São João da Pesqueira	D	S.J. Pesqueira	89	11.22	10.91	204	416	12.50	10.30	51.6	17.39	16
ES D. Afonso Henriques, Aves	D	Santo Tirso	303	11.47	11.17	205	376	8.62	10.52	72.0	17.22	3
EBS Pedro da Fonseca	I	Proença-a-Nova	68	11.98	11.68	206	260	9.17	11.95	75.0	17.22	16
ES Viriato, Abravases	I	Viseu	284	11.96	11.67	207	266	10.45	12.04	79.6	17.27	14
EBS Dr. Manuel Laranjeira	F	Espinho	395	12.49	12.21	208	162	10.62	12.19	81.7	17.16	3
EBS de Águas Santas	F	Maia	316	12.48	12.20	209	163	10.89	11.85	85.9	17.15	6
ES Lima-de-Faria	F	Cantanhede	374	12.52	12.24	210	160	11.52	12.79	89.8	17.20	4
Colégio João Paulo II	PRI	Braga	166	14.75	14.48	211	26					3
ES Augusto Cabrita	D	Barreiro	386	11.51	11.26	212	359	11.18	11.77	70.7	17.44	18
ES do Castêlo da Maia	F	Maia	357	12.23	11.98	213	210	10.51	11.88	83.3	17.15	11
ES São Pedro	F	Vila Real	485	12.37	12.11	214	184	12.59	13.28	88.5	17.14	4
ES de Gondomar	I	Gondomar	596	11.86	11.60	215	286	9.17	11.16	70.9	17.13	7
ES Vitorino Nemésio	A	Praia da Vitória	273	11.98	11.74	216	258					
ES Daniel Faria, Baltar	I	Paredes	100	11.92	11.67	217	273	8.14	11.06	79.7	17.12	4
ES de Caldas de Vizela	I	Vizela	264	11.67	11.43	218	331	8.22	9.55	82.4	17.05	9
ES José Régio	I	Vila do Conde	696	11.88	11.64	219	281	9.27	10.65	80.9	17.22	9
ES Henriques Nogueira	D	Torres Vedras	502	11.67	11.43	220	327	10.59	11.61	63.2	17.33	11
ES Júlio Dantas	D	Lagos	302	11.49	11.26	221	368	8.30	11.29	73.8	17.28	24
EBS Fernão de Magalhães	F	Chaves	134	12.38	12.15	222	179	11.08	12.16	71.8	17.11	3
EBS Sacadura Cabral	D	Celo. da Beira	99	11.30	11.08	223	404	8.63	10.27	77.5	17.30	3
ES Jerónimo Emiliano Andrade	A	A. do Heroísmo	296	11.93	11.71	224	269					
ES de Seia	I	Seia	262	11.97	11.75	225	265	9.48	11.76	80.6	17.16	9
ES du Bocage	F	Setúbal	489	12.46	12.25	226	166	14.83	14.45	94.5	17.25	13
ES da Quinta do Marquês	F	Oeiras	540	12.38	12.17	227	178	15.72	15.28	92.5	17.15	2
ES D. Afonso Sanches	I	Vila do Conde	212	11.80	11.60	228	301	9.39	10.32	77.7	17.14	6
EBS da Madalena	A	Madalena	90	11.70	11.51	229	322					
EBS de Padrão da Légua	F	Matosinhos	291	12.42	12.22	230	170	9.98	12.13	87.1	17.24	8
ES Antero de Quental	A	Ponta Delgada	450	11.85	11.65	231	288					
ES de Maximinos	D	Braga	132	11.42	11.24	232	384	9.58	11.25	65.1	17.55	29
Colégio Manuel Bernardes	PRI	Lisboa	250	14.55	14.37	233	28					7
ES Prof. J. Augusto Lucas, Linda-a-Velha	F	Oeiras	377	12.41	12.23	234	173	14.78	14.35	92.4	17.39	11
ES de Ponte da Barca	I	Ponte da Barca	152	11.75	11.58	235	312	9.85	11.24	73.4	17.14	2
EBS Gomes Teixeira	D	Armamar	92	11.30	11.13	236	402	8.42	10.55	55.6	17.22	0
Colégio do Ave	PRI	Guimarães	63	14.66	14.49	237	27					0
ES da Boa Nova, Leça da Palmeira	I	Matosinhos	501	11.72	11.56	238	317	10.45	11.75	74.1	17.22	15
EBS de Macedo de Cavaleiros	I	Mac. Cavaleiros	161	11.74	11.58	239	314	9.57	12.17	80.6	17.21	4
Colégio Minerva	PRI	Barreiro	105	14.09	13.94	240	37					3
EBS da Sé	I	Lamego	122	11.84	11.69	241	290	8.88	11.29	73.1	17.12	8
EBS da Guia	F	Pombal	187	12.24	12.10	242	208	9.20	10.74	84.9	17.11	13
EBS D. Maria II	F	V. N. Barquinha	103	12.46	12.32	243	164	12.60	12.56	80.0	17.17	10
Colégio Nossa Senhora da Bonança	PRI	V.N. de Gaia	133	14.33	14.20	244	33					6
EBS Amadeu Gaudêncio	F	Nazaré	156	12.55	12.42	245	154	10.97	12.46	77.3	17.20	5
EBS de Ribeira de Pena	D	Ribeira de Pena	82	11.50	11.38	246	363	7.36	10.42	65.9	17.24	0
ES Dr. Ginestal Machado	I	Santarém	371	11.88	11.75	247	282	12.31	12.83	83.2	17.34	21
ES de Póvoa de Lanhoso	D	Póv. de Lanhoso	246	11.24	11.11	248	415	7.88	9.89	76.3	17.31	13
ES de Silves	I	Silves	412	11.78	11.66	249	309	9.76	11.64	82.8	17.38	16
ES de Castro Verde	I	Castro Verde	92	11.87	11.76	250	283	8.95	11.57	87.8	17.46	20
ES Abade de Baçal	I	Bragança	91	11.62	11.51	251	340	9.01	11.65	75.9	17.07	3
ES José Afonso	I	Loures	315	11.70	11.59	252	323	10.74	12.02	79.1	17.35	10
ES de Sabugal	D	Sabugal	86	11.34	11.23	253	397	9.29	11.77	71.9	17.25	3
EBS D. Afonso III	D	Vinhais	61	11.48	11.38	254	371	9.88	10.79	64.3	17.32	11
EBS Amélia Rey Colaço, Linda-a-Velha	F	Oeiras	216	12.32	12.23	255	192	13.92	13.88	86.2	17.31	11
Externato de Penafirme	CA	Torres Vedras	260	12.59	12.50	256	145					6
EBS de Montemor-o-Velho	F	Mont.-o-Velho	166	12.37	12.29	257	181	9.82	11.77	100.0	17.28	16
ES Augusto Gomes	I	Matosinhos	461	11.89	11.81	258	280	11.16	12.01	80.5	17.26	14
ES Emídio Navarro	F	Viseu	425	12.38	12.31	259	177	11.35	11.99	91.8	17.17	5
ES Abel Salazar, São Mamede de Infesta	D	Matosinhos	127	11.33	11.26	260	400	10.44	11.34	75.8	17.38	12
EBS Artur Gonçalves	F	Torres Novas	290	12.27	12.20	261	204	11.50	13.18	87.0	17.19	14
ES Dr.ª Felismina Alcântara	F	Mangualde	234	12.29	12.23	262	199	9.71	11.35	81.1	17.09	6
ES de Oliveira do Hospital	I	Oliv. do Hospital	230	11.81	11.75	263	297	9.01	11.26	88.9	17.26	11
ES João Silva Correia	F	S.J. da Madeira	246	12.20	12.14	264	219	10.85	11.79	75.7	17.07	1
Centro de Estudos de Fátima	CA	Ourém	225	12.64	12.58	265	133					7
ES Emídio Garcia	F	Bragança	401	12.31	12.26	266	194	11.36	13.14	88.3	17.18	4
ES de Valongo	I	Valongo	352	11.58	11.54	267	351	8.43	10.88	71.2	17.13	2
ES Marquesa de Alorna	F	Almeirim	266	12.33	12.29	268	190	10.41	11.88	83.8	17.23	10
EBS Fontes Pereira de Melo	D	Porto	185	11.46	11.42	269	380	11.81	11.75	71.3	17.51	16
ES Pedro Nunes	F	Lisboa	590	12.31	12.27	270	196	15.54	15.03	96.9	17.31	14
ES Francisco Rodrigues Lobo	F	Leiria	757	12.31	12.28	271	195	12.31	12.90	85.9	17.34	14
EBS Cunha Rivara	I	Arraiolos	72	11.50	11.48	272	365	9.18	11.48	87.9	17.39	24
EBS Santos Simões	D	Guimarães	184	11.25	11.23	273	414	8.79	10.61	69.6	17.15	1
ES Damião de Goes	I	Alenquer	645	11.61	11.59	274	345	10.67	12.02	85.2	17.32	19
ES de Oliveira do Bairro	F	Oliv. do Bairro	316	12.20	12.18	275	218	10.38	11.90	84.2	17.20	8
EBS da Ponta do Sol	M	Ponta do Sol	98	12.00	11.98	276	253					
ES Dr. Joaquim de Carvalho	F	Figueira da Foz	468	12.27	12.26	277	203	13.25	13.75	85.5	17.14	2
EBS Joaquim Inácio da Cruz Sobral	F	Sob. M. Agraço	125	12.02	12.02	278	250	9.97	11.47	100.0	17.31	6
ES da Ramada	F	Odivelas	605	12.13	12.13	279	230	13.38	13.72	89.0	17.28	17
EBS do Levante da Maia, Nog. da Maia	F	Maia	116	11.99	11.99	280	255	9.34	11.53	83.3	17.14	5
Colégio de Nossa Senhora da Paz	PRI	Porto	147	14.36	14.36	281	32					0
ES D. Manuel I	F	Beja	371	12.20	12.21	282	216	13.46	13.69	86.1	17.13	9
Salesianos do Estoril - Escola	PRI	Cascais	406	14.39	14.41	283	30					2
EBS de Santa Cruz	M	Santa Cruz	103	11.83	11.84	284	293					
ES Maria Lamas	I	Torres Novas	258	11.60	11.63	285	346	10.13	12.34	78.6	17.31	7
EBS Coelho e Castro	D	Sta. Maria Feira	260	11.35	11.37	286	396	7.83	9.90	69.9	17.21	4
EBS de Vila Flor	I	Vila Flor	69	11.27	11.30	287	408	8.94	11.20	69.6	17.09	13
EBS Dr. José Leite de Vasconcelos	D	Tarouca	101	11.33	11.36	288	399	7.33	9.97	43.6	17.18	13
ES Leal da Câmara, Rio de Mouro	D	Sintra	741	11.19	11.22	289	423	10.50	11.99	70.4	17.37	12
EBS Dr. João Brito Camacho	I	Almodôvar	59	11.80	11.84	290	302	8.67	10.53	94.3	17.20	11
ES José Estevão	F	Aveiro	632	12.25	12.30	291	205	12.83	12.98	100.0	17.14	0
ES Poeta António Aleixo	I	Portimão	651	11.68	11.73	292	325	11.87	12.92	73.1	17.28	9
EBS de Canelas	D	V.N. de Gaia	162	11.46	11.51	293	382	8.76	10.71	59.1	17.33	2
ES de Porto de Mós	I	Porto de Mós	244	11.59	11.65	294	349	9.88	11.61	89.5	17.35	16
EBS de Vilela	D	Paredes	75	10.94	11.00	295	457	6.99	8.75	73.3	17.19	0
Colégio de Nossa Senhora da Assunção	PRI	Anadia	156	14.25	14.31	296	34					3
EBS de Escariz	D	Arouca	109	11.13	11.20	297	427	7.34	9.26	55.9	17.09	0
ES de Pombal	F	Pombal	464	12.20	12.27	298	220	10.82	12.41	91.1	17.11	13
ES de Gouveia	I	Gouveia	156	11.39	11.47	299	390	9.30	11.69	78.2	17.13	4
EBS Dr. Manuel Fernandes	I	Abrantes	304	11.50	11.58	300	367	11.48	12.58	75.9	17.29	9

RANKINGS Lista do secundário

Escola	Tipo de Escola	Concelho	Provas	Média de exames em 2025	Valor esperado	**Lugar no Ranking de Superação**	Lugar no Ranking dos Exames	Habilitações dos pais (anos de escolaridade)	Habilitações das mães (anos de escolaridade)	Sem acção social escolar no 12.º (%)	Idade média no 12.º ano	Taxas de retenção no 12.º ano (%)
Externato João Alberto Faria	CA	Arruda Vinhos	412	12.71	12.79	301	119					12
EBS D. Martinho Vaz de Castelo Branco	F	V.F. de Xira	424	12.12	12.20	302	235	12.31	13.22	93.3	17.21	13
Colégio Marista de Carcavelos	PRI	Cascais	367	14.36	14.45	303	31					1
ES do Arco-Íris, Portela	F	Loures	497	12.06	12.16	304	243	13.99	13.79	83.3	17.34	18
ES Mouzinho da Silveira	I	Portalegre	375	11.65	11.75	305	337	11.56	13.00	80.7	17.29	9
ES Eng. Acácio Calazans Duarte	F	Marinha Grande	467	12.13	12.24	306	231	11.06	12.10	85.8	17.21	12
Colégio Didálvi	PRI	Barcelos	72	14.43	14.55	307	29					0
ES André de Gouveia	I	Évora	187	11.61	11.74	308	342	10.29	11.75	86.5	17.43	11
EBS D. Dinis	F	Santo Tirso	401	11.98	12.12	309	257	9.64	11.13	82.4	17.13	5
EBS Pedro Ferreiro	D	F. do Zêzere	68	11.27	11.41	310	409	7.26	10.46	64.7	17.32	0
ES Dr. Jorge Augusto Correia	D	Tavira	407	11.05	11.20	311	441	10.81	12.38	64.6	17.33	14
Colégio de Ermesinde - Escola Católica	PRI	Valongo	68	14.16	14.32	312	36					0
ES de Carvalhos	D	V.N. de Gaia	198	11.04	11.20	313	442	8.44	10.31	71.1	17.30	12
ES Diogo de Macedo, Olival	I	V.N. de Gaia	137	11.26	11.43	314	411	8.61	10.86	83.0	17.19	6
EBS de Michel Giacometti	I	Sesimbra	358	11.54	11.71	315	354	11.63	12.41	78.0	17.34	13
ES de São João do Estoril	F	Cascais	637	11.97	12.15	316	263	13.72	13.78	88.4	17.23	10
ES Dr. João Carlos Celestino Gomes	F	Ílhavo	130	12.09	12.27	317	237	10.43	11.73	86.0	17.25	11
ES Luís de Freitas Branco, Paço de Arcos	I	Oeiras	510	11.50	11.68	318	364	12.67	12.64	84.5	17.41	13
EBS de São Martinho do Porto	I	Alcobaça	113	11.30	11.49	319	405	10.33	11.55	84.8	17.30	3
EBS Padre José Augusto da Fonseca	I	Aguiar da Beira	109	11.47	11.66	320	374	8.79	11.24	75.0	17.13	4
EBS do Cadaval	I	Cadaval	143	11.72	11.92	321	320	9.01	11.55	79.3	17.24	21
ES de Loulé	I	Loulé	662	11.40	11.60	322	388	11.58	12.22	84.4	17.34	13
ES de Pinhal Novo	D	Palmela	606	10.98	11.19	323	452	11.41	12.34	64.2	17.42	22
ES de Caneças	I	Odivelas	748	11.39	11.60	324	389	10.91	12.52	84.7	17.33	22
EBS Carlos Gargaté	F	Almada	87	11.79	12.01	325	305	14.29	14.28			
EBS Padre António Morais da Fonseca	D	Murtosa	95	11.00	11.22	326	446	9.35	10.60	72.7	17.42	9
Colégio Vasco da Gama	PRI	Sintra	270	14.04	14.27	327	39					1
ES Stuart Carvalhais, Massamá	I	Sintra	466	11.49	11.73	328	369	12.51	13.26	84.7	17.41	20
ES de Vagos	I	Vagos	242	11.52	11.76	329	358	9.30	11.32	82.5	17.19	6
ES Conde de Monsaraz	D	Reg. Monsaraz	158	11.20	11.44	330	422	9.93	12.31	75.3	17.45	15
ES Jaime Moniz	M	Funchal	1008	11.67	11.92	331	328					
ES de Alcochete	F	Alcochete	496	11.82	12.07	332	296	13.62	13.26	96.6	17.28	7
EBS Alfredo da Silva	I	Barreiro	193	11.47	11.73	333	375	13.14	12.31	71.4	17.36	22
EBS D. Sancho II	D	Alijó	118	10.98	11.24	334	451	7.81	10.13	67.4	17.26	15
EBS Oliveira Júnior	I	S.J. da Madeira	339	11.15	11.41	335	425	10.61	12.12	63.9	17.14	6
Colégio do Minho	PRI	V. do Castelo	185	13.93	14.20	336	42					4
ES Sebastião da Gama	F	Setúbal	489	12.04	12.31	337	246	12.94	13.20	90.1	17.25	21
Colégio Camões	PRI	Gondomar	206	13.92	14.20	338	43					2
EBS José Gomes Ferreira	D	F. do Alentejo	58	11.21	11.49	339	420	10.00	11.46	69.6	17.35	13
ES Rainha Santa Isabel	I	Estremoz	253	11.48	11.76	340	373	9.98	11.83	80.3	17.27	8
ES de S. Lourenço	D	Portalegre	175	11.10	11.39	341	433	10.73	11.42	73.7	17.40	4
ES D. Maria II	I	Braga	605	11.27	11.57	342	410	10.19	11.55	84.3	17.31	12
ES Pedro Alexandrino, P. de Sto. Adrião	D	Odivelas	355	10.85	11.15	343	465	10.74	12.03	78.9	17.49	14
ES de Amares	F	Amares	213	11.98	12.29	344	259	13.39	11.86	77.7	17.03	9
ES Madeira Torres	F	Torres Vedras	615	11.81	12.13	345	299	12.60	12.44	90.3	17.17	11
ES de Aljustrel	I	Aljustrel	108	11.26	11.59	346	412	12.10	12.45	74.4	17.33	15
ES D. Sancho I	I	V.N. Famalicão	535	11.21	11.54	347	419	10.19	10.61	74.9	17.18	8
EBS Miguel Torga	F	Bragança	112	11.83	12.17	348	292	11.51	13.35	88.6	16.97	9
EBS Ibn Mucana, Alcabideche	I	Cascais	389	11.21	11.56	349	418	10.65	12.07	91.3	17.46	
EBS João Garcia Bacelar, Tocha	F	Cantanhede	64	11.74	12.09	350	315	8.69	9.99	90.5	17.10	0
EBS Dr. Ângelo Augusto Silva	M	Funchal	126	11.49	11.84	351	370					
Instituto Nun'Álvres - Santo Tirso	PRI	Santo Tirso	81	13.78	14.13	352	48					3
Colégio Miramar	CA	Mafra	258	12.46	12.82	353	165					5
ES Afonso Lopes Vieira	F	Leiria	381	11.81	12.17	354	300	10.27	11.75	84.2	17.20	5
ES Severim de Faria	F	Évora	404	11.74	12.10	355	316	12.54	13.25	90.6	17.21	0
ES da Amora	D	Seixal	357	10.83	11.21	356	471	9.20	11.17	78.4	17.50	30
ES Dr. José Afonso, Arrentela	F	Seixal	576	11.82	12.21	357	295	12.13	12.90	92.9	17.21	15
EBS Dr. Manuel Ribeiro Ferreira	D	Alvaiázere	87	10.72	11.12	358	481	8.52	10.99	67.9	17.32	11
ES Dr.ª Maria Cândida	F	Mira	123	11.79	12.18	359	306	10.57	12.08	89.7	17.24	9
ES Fernando Namora	F	Cond..-a-Nova	273	11.92	12.32	360	272	11.63	12.98	83.5	17.27	8
ES António Damásio	F	Lisboa	991	11.79	12.19	361	307	13.76	13.55	86.5	17.23	14
ES Dr. António Granjo	I	Chaves	105	11.42	11.82	362	386	9.66	11.43	76.3	17.22	7
ES Emídio Navarro	F	Almada	316	11.90	12.31	363	278	13.41	13.55	89.5	17.24	22
EBS de Celorico de Basto	D	Cel. de Basto	205	10.92	11.32	364	460	7.10	9.39	55.6	17.14	0
EBS de S. Bento	F	Vizela	197	11.72	12.14	365	318	8.22	10.06	87.8	17.10	0
ES de Mirandela	F	Mirandela	232	11.91	12.34	366	274	10.24	12.13	81.3	17.11	4
EBS de Penacova	D	Penacova	130	11.03	11.47	367	443	8.41	11.24	83.3	17.35	19
ES de Montemor-o-Novo	F	Mont.-o-Novo	186	11.66	12.10	368	333	10.21	11.89	90.4	17.21	3
ES Almeida Garrett	F	V.N. de Gaia	697	11.76	12.20	369	311	12.22	12.78	78.9	17.24	15
ES Jacôme Ratton	D	Tomar	271	10.84	11.28	370	468	9.06	11.49	75.0	17.30	18
ES D. Pedro V	I	Lisboa	426	11.03	11.48	371	444	11.92	12.47	83.8	17.69	34
Colégio de Lamas	PRI	Sta. M. da Feira	185	13.94	14.40	372	41					2
ES da Amadora	F	Amadora	749	11.61	12.08	373	343	12.63	13.16	82.8	17.28	12
ES Avelar Brotero	F	Coimbra	776	11.91	12.38	374	276	13.23	13.28	91.8	17.15	9
ES D. Inês de Castro	F	Alcobaça	440	11.85	12.32	375	289	9.84	12.06	87.0	17.27	7
EBS Gama Barros, Cacém	D	Sintra	272	10.73	11.22	376	480	10.91	11.35	72.0	17.31	17
EBS D. Lucinda Andrade	M	São Vicente	62	11.42	11.91	377	387					
ES Matias Aires, Agualva	D	Sintra	255	10.52	11.02	378	502	11.00	11.08	64.0	17.40	27
EBS da Calheta	A	Calheta (R.A.A.)	65	11.10	11.61	379	432					
ES Fernando Lopes Graça, Parede	F	Cascais	302	11.75	12.26	380	313	13.06	13.18	86.2	17.38	10
ES de Figueiró dos Vinhos	I	Fig. dos Vinhos	94	11.27	11.78	381	407	8.58	11.75	69.4	17.11	6
EBS de Pedrouços	D	Maia	120	10.90	11.41	382	461	9.01	10.49	60.4	17.36	2
ES Manuel Teixeira Gomes	D	Portimão	436	10.72	11.24	383	483	9.88	11.56	80.8	17.54	18
ES de Tábua	D	Tábua	98	10.78	11.29	384	475	8.26	10.66	76.9	17.18	8
EBS de Maçãо	I	Maçãо	64	11.00	11.52	385	445	8.91	11.04	87.8	17.24	10
EBS Armando Côrtes Rodrigues	A	V. F. do Campo	148	11.10	11.62	386	434					
ES Camilo Castelo Branco, Carnaxide	F	Oeiras	498	11.67	12.19	387	326	13.74	13.91	84.6	17.20	14
EBS de Machico	M	Machico	294	11.52	12.05	388	357					
EBS Frei Gonçalo de Azevedo	F	Cascais	269	11.63	12.16	389	339	10.27	11.64	90.0	17.29	13
ES Nuno Álvares	F	Castelo Branco	471	11.65	12.18	390	336	12.46	13.29	88.7	17.41	9
ES Sá da Bandeira	F	Santarém	720	11.59	12.13	391	348	12.47	13.11	83.8	17.29	11
ES da Ribeira Grande	A	Ribeira Grande	232	11.21	11.76	392	417					
Colégio da Trofa	PRI	Trofa	269	13.82	14.37	393	47					2
ES Braamcamp Freire, Pontinha	D	Odivelas	287	10.72	11.27	394	484	8.76	10.77	75.9	17.51	23
EBS Mestre Domingos Saraiva, Algueirão	D	Sintra	148	10.63	11.18	395	492	10.28	11.21	75.0	17.53	22
ES D. Sancho II	I	Elvas	327	11.11	11.66	396	430	9.94	11.65	81.5	17.25	11
ES Dr. António Carvalho Figueiredo	F	Loures	556	11.61	12.18	397	344	10.51	12.38	92.7	17.41	15
Colégio Integrado de Monte Maior	PRI	Loures	190	13.84	14.41	398	46					2
ES Campos de Melo	I	Covilhã	149	11.47	12.04	399	379	11.27	11.96	84.4	17.32	5
EBS de Albufeira	I	Albufeira	392	11.07	11.66	400	436	10.91	12.09	84.3	17.34	20

Escola	Tipo de Escola	Concelho	Provas	Média de exames em 2025	Valor esperado	**Lugar no Ranking de Superação**	Lugar no Ranking dos Exames	Habilitações dos pais (anos de escolaridade)	Habilitações das mães (anos de escolaridade)	Sem acção social escolar no 12.º (%)	Idade média no 12.º ano	Taxas de retenção no 12.º ano (%)
EBS da Cidadela	F	Cascais	159	11.48	12.07	401	372	13.60	13.30	88.0	17.30	2
ES de Palmela	F	Palmela	544	11.65	12.25	402	335	13.21	13.42	79.2	17.30	11
ES Gonçalo Anes Bandarra	F	Trancoso	106	11.72	12.32	403	319	10.36	11.81	79.5	17.03	5
ES Frei Heitor Pinto	I	Covilhã	217	11.06	11.66	404	438	9.66	11.62	81.6	17.36	7
EBS Dr. Serafim Leite	F	S.J. da Madeira	152	11.78	12.38	405	308	9.31	10.53	82.0	17.08	2
EBS de Alcains	I	Castelo Branco	97	10.94	11.54	406	458	8.68	11.73	77.8	17.19	11
ES Eça de Queirós	F	Lisboa	408	11.46	12.07	407	381	13.63	12.55	89.5	17.55	23
EBS de Carcavelos	F	Cascais	392	11.54	12.15	408	353	13.85	13.52	86.0	17.23	10
EBS Dr. Isidoro de Sousa	I	V. do Alentejo	97	10.97	11.59	409	454	8.88	11.16	75.0	17.13	15
ES Miguel Torga, Monte Abraão	D	Sintra	611	10.49	11.13	410	505	11.58	11.91	70.6	17.49	20
ES de Figueira Cast. Rodrigo	D	F. Cast. Rodrigo	56	10.85	11.49	411	466	8.47	11.29	53.8	17.38	8
ES António Gedeão, Cova da Piedade	I	Almada	133	10.96	11.60	412	456	11.50	12.10	83.7	17.51	21
ES D. João II	I	Setúbal	518	11.00	11.66	413	448	11.41	12.13	86.6	17.37	13
EBS de Santa Maria da Feira	F	Santa Maria da Feira	641	11.59	12.26	414	350	9.33	11.22	86.7	17.13	6
ES José Gomes Ferreira	F	Lisboa	696	11.56	12.23	415	352	13.72	13.97	83.4	17.27	13
EBS Professor João Fernandes Pratas	D	Benavente	157	10.56	11.24	416	495	10.54	12.09	69.2	17.50	29
EBS Padre Manuel Álvares	M	Ribeira Brava	131	10.85	11.54	417	463					
Colégio CEBES	PRI	Porto	215	13.50	14.18	418	57					1
EBS Professor Armando de Lucena	I	Mafra	73	10.46	11.16	419	508	9.89	11.59	89.5	17.68	16
EBS Anselmo de Andrade	I	Almada	266	10.97	11.68	420	453	13.03	13.35	83.7	17.47	26
Colégio Casa Mãe	PRI	Paredes	80	13.37	14.08	421	62					0
EBS de Miranda do Douro	I	Miran. do Douro	105	10.96	11.67	422	455	10.04	11.96	69.6	17.22	9
Externato Marista de Lisboa	PRI	Lisboa	384	13.72	14.44	423	49					1
ES Padre António Vieira	I	Lisboa	280	10.83	11.57	424	470	12.30	12.44	84.3	17.45	19
ES de Santa Maria do Olival	F	Tomar	338	11.53	12.27	425	356	11.48	12.73	84.6	17.13	6
ES de Albergaria-a-Velha	F	Alberg.-a-Velha	156	11.69	12.44	426	324	9.10	10.75	88.3	17.10	12
EBS Dr. Solano de Abreu	I	Abrantes	274	10.98	11.73	427	450	9.60	11.33	84.7	17.37	13
Col. Diocesano de N. S. Apresentação	CA	Vagos	156	12.20	12.96	428	217					10
EBS de Ermesinde	F	Valongo	526	11.42	12.18	429	385	10.09	11.58	88.3	17.12	11
ES da Moita	F	Moita	458	11.38	12.14	430	391	10.87	12.18	99.5	17.34	15
EBS do Cerco do Porto	D	Porto	102	10.45	11.22	431	510	7.98	9.88	63.6	17.33	5
ES D. Luísa de Gusmão	D	Lisboa	193	10.63	11.41	432	491	11.17	12.00	65.3	17.59	16
ES Ferreira Dias, Agualva	D	Sintra	290	10.73	11.50	433	479	10.32	11.22	79.3	17.67	36
EBS Pedro Álvares Cabral	I	Belmonte	78	10.77	11.55	434	476	10.09	11.16	70.0	17.10	20
EBS do Mogadouro	D	Mogadouro	79	10.71	11.49	435	485	8.81	11.56	64.5	17.16	3
ES Gil Eanes	F	Lagos	249	11.27	12.05	436	406	10.84	12.10	84.5	17.28	14
Colégio João de Barros	CA	Pombal	111	12.04	12.82	437	247					0
ES de Cascais	F	Cascais	388	11.47	12.26	438	378	14.54	14.15	82.9	17.31	13
ES de Fafe	I	Fafe	781	10.93	11.72	439	459	9.13	9.94	74.7	17.11	2
Instituto de Ciências Educativas	PRI	Odivelas	91	13.55	14.35	440	53					14
ES Filipa de Vilhena	F	Porto	437	11.36	12.17	441	393	13.09	13.30	85.6	17.27	5
EBS de Carrazeda de Ansiães	D	Carraz. Ansiães	59	10.54	11.35	442	500	6.97	10.09	55.9	17.03	0
ES Morgado de Mateus	F	Vila Real	206	11.37	12.21	443	392	10.03	11.64	83.9	17.20	21
ES Santo André	F	Barreiro	676	11.35	12.18	444	395	13.34	13.16	81.0	17.19	3
ES de Peniche	F	Peniche	333	11.44	12.28	445	383	9.69	11.27	100.0	17.31	11
ES António Sérgio	I	V.N. de Gaia	318	10.64	11.48	446	489	11.19	11.56	78.3	17.39	24
EBS Professor Reynaldo dos Santos	I	V. F. de Xira	385	10.64	11.48	447	488	12.06	12.89	84.0	17.38	14
EBS Prof. Dr. Francisco Freitas Branco	M	Porto Santo	75	10.82	11.68	448	472					
Externato Infante D. Henrique	PRI	Braga	153	13.45	14.31	449	58					2
EBS Aquilino Ribeiro, Leião	D	Oeiras	125	10.34	11.21	450	516	9.84	11.28	80.0	17.43	17
ES Júlio Dinis	F	Ovar	184	11.35	12.23	451	394	9.87	11.38	90.9	17.17	6
ES de Santa Maria	F	Sintra	926	11.32	12.22	452	401	11.88	12.91	86.8	17.26	21
EBS da Chamusca	I	Chamusca	75	10.67	11.57	453	487	8.71	10.78	86.4	17.27	0
ES Fernão Mendes Pinto, Pragal	I	Almada	284	10.82	11.72	454	473	13.23	12.66	77.3	17.40	16
ES Pinhal do Rei	F	Marinha Grande	99	11.12	12.04	455	428	10.88	11.75	86.8	17.16	5
ES D. Dinis	D	Lisboa	278	10.16	11.08	456	525	8.21	10.20	61.9	17.43	26
ES Latino Coelho	I	Lamego	273	10.89	11.81	457	462	11.68	11.52	64.7	17.13	11
ES de Coruche	F	Coruche	222	11.30	12.24	458	403	9.48	11.64	86.0	17.21	10
EBS de Alvide	I	Cascais	94	10.76	11.71	459	477	9.91	10.81	88.6	17.57	23
ES Dr. Manuel Candeias Gonçalves	I	Odemira	227	10.69	11.64	460	486	10.67	11.93	86.6	17.34	15
ES das Laranjeiras	A	Ponta Delgada	93	10.45	11.42	461	511					
ES João de Barros, Corroios	I	Seixal	582	10.72	11.69	462	482	11.82	12.86	82.8	17.38	7
ES do Forte da Casa	I	V. F. de Xira	263	10.57	11.54	463	494	9.39	11.40	85.8	17.44	21
ES de Casquilhos	D	Barreiro	343	10.35	11.33	464	515	11.82	12.01	61.5	17.66	27
EBS Lima de Freitas	I	Setúbal	282	10.56	11.55	465	497	10.66	11.80	89.7	17.47	24
ES Jorge Peixinho	F	Montijo	507	11.12	12.12	466	429	12.76	12.78	90.9	17.25	20
ES Daniel Sampaio, Sobreda	F	Almada	427	11.16	12.17	467	424	12.92	13.55	89.7	17.19	9
ES de Sacavém	D	Loures	138	10.05	11.06	468	534	9.95	10.84	57.4	17.57	38
ES de Serpa	I	Serpa	155	10.79	11.80	469	474	9.88	11.73	80.9	17.28	11
Externato Cooperativo da Benedita	CA	Alcobaça	258	11.66	12.70	470	332					7
ES de Albufeira	I	Albufeira	320	10.64	11.68	471	490	11.14	11.81	84.3	17.38	20
ES de Mem Martins	D	Sintra	631	10.14	11.19	472	528	11.11	11.69	63.1	17.60	28
ES Gago Coutinho	F	V.F. de Xira	855	11.13	12.18	473	426	11.46	12.63	88.1	17.25	11
ES da Mealhada	F	Mealhada	212	11.33	12.38	474	398	10.53	12.50	92.0	17.13	5
EBS de Santa Maria	A	Vila do Porto	100	10.56	11.62	475	498					
EBS de Lajes do Pico	A	Lajes do Pico	58	10.74	11.81	476	478					
EBS Rodrigues de Freitas	D	Porto	174	9.97	11.05	477	537	10.47	11.32	67.9	17.43	20
ES Diogo de Gouveia	F	Beja	248	11.20	12.28	478	421	10.70	12.61	87.9	17.27	15
ES D. Dinis	D	Coimbra	142	10.17	11.25	479	524	9.78	11.48	76.4	17.36	9
ES de Vendas Novas	F	Vendas Novas	269	11.05	12.13	480	440	10.19	12.04	92.0	17.32	6
EBS de Monte da Caparica	I	Almada	153	10.47	11.54	481	507	10.39	10.95	80.4	17.34	30
ES Romeu Correia, Feijó	F	Almada	300	11.09	12.17	482	435	12.53	12.82	88.5	17.43	31
Colégio de Nossa Senhora da Graça	CA	Odemira	84	11.51	12.61	483	361					9
ES D. Duarte	F	Coimbra	157	11.11	12.21	484	431	10.52	11.76	86.5	17.21	8
ES José Belchior Viegas	F	S. B. de Alportel	232	11.06	12.17	485	439	10.56	12.51	80.8	17.18	4
Colégio de Nossa Senhora da Esperança	PRI	Porto	89	13.12	14.23	486	78					18
ES Maria Amália Vaz de Carvalho	I	Lisboa	457	10.56	11.68	487	496	12.55	12.72	82.1	17.42	17
ES Fernando Namora	D	Amadora	274	10.15	11.28	488	527	9.78	11.48	76.9	17.50	24
ES Pública Hortênsia de Castro	I	Vila Viçosa	265	10.47	11.61	489	506	8.93	11.41	85.5	17.22	4
Colégio de Amorim	PRI	Póvoa de Varzim	119	13.19	14.33	490	73					2
EBS de São Roque do Pico	A	S. Roque do Pico	59	10.32	11.46	491	517					
EBS Dr. Pascoal José de Mello	F	Ansião	233	11.00	12.13	492	447	9.43	11.86	85.9	17.10	12
ES Poeta Al Berto	F	Sines	156	10.99	12.14	493	449	10.80	11.85	90.2	17.23	23
ES de Sampaio	I	Sesimbra	501	10.45	11.61	494	512	11.62	12.59	78.8	17.27	14
EBS de Muralhas do Minho	I	Valença	118	10.54	11.71	495	499	10.31	11.51	75.9	17.22	5
ES António Nobre	D	Porto	104	9.96	11.14	496	539	9.30	11.06	76.9	17.54	31
ES de Gafanha da Nazaré	I	Ílhavo	295	10.50	11.68	497	503	9.80	11.31	78.2	17.21	14
ES de Alcácer do Sal	I	Alcácer do Sal	144	10.59	11.77	498	493	8.93	11.58	85.1	17.36	10
EBS Dr. Mário Fonseca, Nogueira	D	Lousada	77	9.84	11.04	499	541	6.66	7.91	71.2	17.08	0
ES do Lumiar	D	Lisboa	226	10.03	11.24	500	536	11.05	10.87	64.4	17.41	19

Escola	Tipo de Escola	Concelho	Provas	Média de exames em 2025	Valor esperado	Lugar no Ranking de Superação	Lugar no Ranking dos Exames	Habilitações dos pais (anos de escolaridade)	Habilitações das mães (anos de escolaridade)	Sem acção social escolar no 12.º (%)	Idade média no 12.º ano	Taxas de retenção no 12.º ano (%)
Colégio La Salle	PRI	Barcelos	103	12.67	13.91	501	126					0
EBS da Bemposta	I	Portimão	84	10.27	11.54	502	519	10.92	12.75	75.6	17.40	4
ES da Azambuja	F	Azambuja	231	10.85	12.13	503	467	10.58	11.74	87.5	17.23	13
EBS Ferreira de Castro	F	Oliv. de Azeméis	325	11.07	12.35	504	437	9.43	11.03	83.5	17.11	1
ES do Entroncamento	F	Entroncamento	438	10.85	12.16	505	464	12.37	12.88	85.7	17.22	8
ES de Ponte de Sôr	I	Ponte de Sor	221	10.53	11.85	506	501	8.83	10.92	82.3	17.15	10
ES Padre António Martins de Oliveira	I	Lagoa	122	10.36	11.68	507	513	9.74	11.28	79.7	17.19	22
ES Alves Redol	I	Vila Franca de Xira	168	10.19	11.51	508	523	10.60	11.80	87.8	17.43	37
EBS Dr. Jaime Magalhães Lima, Esgueira	I	Aveiro	286	10.20	11.54	509	522	11.46	12.01	84.7	17.33	16
ES de São João da Talha	I	Loures	299	10.29	11.64	510	518	11.37	11.99	68.7	17.30	13
ES de Alcanena	F	Alcanena	210	10.83	12.19	511	469	9.58	11.80	83.0	17.13	0
EBS Matilde Rosa Araújo, Matarraque	D	Cascais	85	9.97	11.34	512	538	8.72	10.95	55.6	17.44	11
ES Manuel Cargaleiro, Amora	I	Seixal	499	10.15	11.53	513	526	11.76	12.15	74.4	17.37	14
ES Alfredo dos Reis Silveira, Cavadas	I	Seixal	319	10.07	11.46	514	531	10.56	12.04	91.1	17.42	21
Externato Frei Luís de Sousa	PRI	Almada	109	12.96	14.38	515	90					4
ES Alexandre Herculano	D	Porto	113	9.43	10.87	516	550	8.02	9.81	46.2	17.44	5
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas	M	Câmara Lobos	88	10.45	11.89	517	509					
Nobel - International School Algarve	PRI	Lagoa	70	12.56	14.01	518	151					11
ES Jaime Cortesão	D	Coimbra	63	9.79	11.25	519	543	7.76	10.36	75.0	17.63	38
EBS com Pré-escolar da Calheta	M	Calheta (R.A.M.)	189	10.50	11.97	520	504					
EBS Gonçalves Zarco	M	Funchal	97	10.36	11.85	521	514					
EBS de Mães d'Água, Falagueira	D	Amadora	91	9.63	11.12	522	546	8.55	9.77	80.0	17.80	10
EBS Passos Manuel	D	Lisboa	77	9.79	11.31	523	542	9.87	11.50	74.3	17.46	9
EBS de Salvaterra de Magos	I	Salv. de Magos	312	10.05	11.57	524	533	9.61	11.44	93.0	17.33	7
EBS Padre Alberto Neto, Queluz	I	Sintra	325	10.06	11.62	525	532	9.98	11.44	86.0	17.52	27
Colégio de Lourdes	PRI	Santo Tirso	67	12.85	14.43	526	100					0
EBS Prof. Ruy Luís Gomes	D	Almada	184	9.34	10.94	527	551	9.73	10.93	70.3	17.58	8
Colégio do Amor de Deus	PRI	Cascais	252	12.74	14.41	528	116					5
ES de Vila Real de Santo António	I	V. R. S. António	396	10.10	11.77	529	530	9.88	11.32	77.7	17.30	10
EBS Miguel Torga	D	Sabrosa	73	9.45	11.13	530	548	8.40	10.89	57.5	17.07	0
EBS de Alfândega da Fé	F	Alfândega da Fé	58	10.26	11.97	531	520	8.67	10.63	100.0	17.21	11
Colégio Guadalupe	PRI	Seixal	312	12.39	14.11	532	175					0
EBS Francisco Simões, Laranjeiro	D	Almada	60	9.73	11.54	533	544	8.80	10.68	76.3	17.21	16
Col. da Ass. Cult. e Rec. de Fornelos	PRI	Fafe	62	12.64	14.47	534	135					0
EBS D. João V, Damaia	D	Amadora	144	9.28	11.12	535	553	8.98	10.58	69.1	17.55	29
ES Poeta Joaquim Serra	F	Montijo	360	10.03	11.88	536	535	11.08	11.95	89.0	17.29	6
EBS da Graciosa	A	S. Cruz Graciosa	63	9.87	11.71	537	540					
EBS do Centro de Portugal	D	Vila de Rei	59	9.02	10.89	538	555	9.39	11.29	33.3	17.42	0
ES Seomara da Costa Primo	D	Amadora	366	9.44	11.30	539	549	9.23	10.42	70.7	17.46	17
Colégio Atlântico	PRI	Seixal	85	12.21	14.10	540	215					0
Colégio Júlio Dinis	PRI	Porto	289	12.36	14.26	541	186					1
EBS da Povoação	A	Povoação	72	9.72	11.63	542	545					
EBS Gil Vicente	D	Lisboa	114	8.88	10.85	543	558	9.61	11.15	72.7	17.61	18
Colégio do Castanheiro	PRI	Ponta Delgada	125	12.25	14.28	544	206					
ES de Odivelas	D	Odivelas	394	9.00	11.13	545	556	10.84	11.89	75.0	17.62	33
EBS de Santo António	I	Barreiro	160	9.61	11.75	546	547	8.54	10.97	100.0	17.43	19
ES de Moura	F	Moura	199	10.12	12.27	547	529	9.07	11.55	98.7	17.21	22
Colégio São José de Bairros	PRI	Lousada	70	11.83	14.02	548	291					2
Colégio Internato Claret	PRI	V.N. de Gaia	146	11.91	14.14	549	275					2
ES Dom Manuel Martins	D	Setúbal	175	8.68	10.97	550	559	9.90	11.33	79.7	17.77	30
EBS Rainha D. Leonor de Lencastre	I	Sintra	129	9.30	11.63	551	552	10.63	11.41	71.9	17.16	16
ES Dr. Bernardino Machado	I	Figueira da Foz	98	9.24	11.57	552	554	9.53	11.12	98.8	17.29	13
Escola Internacional de Torres Vedras	PRI	Torres Vedras	81	11.70	14.04	553	321					0
ES Fonseca Benevides	I	Lisboa	165	8.96	11.54	554	557	10.52	11.82	81.2	17.49	22
Escola INED - Nevogilde - Polo II	PRI	Porto	61	11.60	14.19	555	347					
Externato Carvalho Araújo	PRI	Braga	289	11.51	14.15	556	360					6
EBS Dr. Azevedo Neves, Damaia	D	Amadora	97	8.33	11.00	557	561	8.78	9.88	69.2	17.79	18
ES de Camarate	D	Loures	93	8.48	11.17	558	560	8.04	8.81	60.4	17.56	35
Escola da APEL	PRI	Funchal	324	11.25	14.04	559	413					
ES da Baixa da Banheira, Vale da Amoreira	D	Moita	72	7.73	10.65	560	563	9.14	10.09	44.2	17.93	44
ES José Cardoso Pires	D	Loures	100	8.00	11.25	561	562	8.99	10.09	68.6	17.84	53
Real Colégio de Portugal	PRI	Lisboa	84	10.25	14.26	562	521					8
EBS de Vale do Tamel, Lijó	I	Barcelos	19	14.72	11.79			8.06	10.09	71.4	17.10	0
EBS José Saramago, Poceirão	D	Palmela	8	12.28	9.72			5.93	7.95			
Colégio Horizonte	PRI	V.N. de Gaia	34	16.34	14.45							0
EBS Escalada	D	Pampilhosa da Serra	27	13.26	11.50			8.30	11.02	83.3	17.42	8
Colégio St. Paul's School	PRI	Coimbra	2	15.05	13.31							
EBS de Mira de Aire	I	Porto de Mós	41	13.26	11.77			9.88	11.61	89.5	17.35	
Colégio João Paulo II	PRI	Vila Real	18	16.07	14.65							
EBS Dr. Ramiro Salgado	D	Torre de Moncorvo	54	12.24	10.93			8.63	10.16	60.0	17.08	4
ES de Molelos	I	Tondela	42	12.91	11.69			9.17	10.63	78.3	17.11	7
Colégio Internacional de Vilamoura	PRI	Loulé	33	15.70	14.54							12
EBS Dr.ª Judite Andrade	I	Sardoal	51	12.47	11.50			9.11	11.27	81.3	17.25	6
EBS Dr. Hernâni Cidade	D	Redondo	53	12.22	11.40			9.19	11.20	70.8	17.21	13
Colégio Cedros	PRI	V.N. de Gaia	38	14.99	14.24							0
Colégio dos Plátanos	PRI	Sintra	37	15.22	14.49							0
EBS Padre António de Andrade	D	Oleiros	38	11.64	10.92			8.97	10.60	58.3	17.17	0
EBS de Vila Cova	I	Barcelos	48	12.63	12.02			7.36	9.03	83.8	17.08	0
EBS de Fornos de Algodres	F	Fornos de Algodres	44	12.18	11.70			9.00	10.62	85.2	17.07	7
Colégio Oriente	PRI	Lisboa	23	14.76	14.31							
Externato Senhora do Carmo	PRI	Lousada	50	14.42	14.02							0
EBS Mestre Martins Correia	D	Golegã	42	11.61	11.31			8.80	10.79	65.2	17.70	22
EBS de Ourique	D	Ourique	45	11.48	11.31			8.05	10.56	73.7	17.32	11
EBS de Terras de Bouro	D	Terras de Bouro	47	11.43	11.34			7.61	9.63	60.0	17.05	0
EBS de Monte da Ola	F	V. do Castelo	43	12.67	12.80			9.47	11.44	96.2	17.23	8
EBS Prof. Mendes dos Remédios	D	Nisa	54	10.95	11.09			8.37	11.12	63.6	17.45	0
EBS Tenente Coronel Adão Carrapatoso	I	Vila Nova de Foz Côa	48	11.59	11.75			10.23	10.70	72.0	17.12	0
EBS Dr. Bento da Cruz	D	Montalegre	55	10.98	11.36			7.09	9.23	53.2	17.21	4
ES de São Pedro da Cova	D	Gondomar	50	11.05	11.45			7.52	9.35	44.4	17.28	0
Didáxis - Riba de Ave	PRI	V.N. Famalicão	51	14.02	14.49							0
EBS Abel Botelho	D	Tabuaço	55	10.43	11.00			7.00	9.86	36.0	17.36	4
Centro de Educação Integral	PRI	S.J. da Madeira	40	13.65	14.24							6
Os Salesianos - Colégio de Évora	PRI	Évora	18	13.63	14.34							0
EBS de Mora	F	Mora	26	11.70	12.48			8.32	9.85	90.9	17.00	0
Externato de S. José	PRI	Lisboa	42	13.68	14.54							0
Externato Nossa Senhora do Rosário	PRI	Cascais	34	13.71	14.59							
EBS de Manteigas	I	Manteigas	46	10.59	11.54			9.37	11.97	83.3	17.25	0
EBS Luís de Camões	F	Constância	34	11.52	12.51			9.11	10.67	93.8	17.13	6
EBS de Meda	D	Meda	42	10.06	11.27			8.04	11.24	65.2	17.39	22
EBS de Velas	A	Velas	49	10.88	12.17							

Escola	Tipo de Escola	Concelho	Provas	Média de exames em 2025	Valor esperado	Lugar no Ranking de Superação	Lugar no Ranking dos Exames	Habilitações dos pais (anos de escolaridade)	Habilitações das mães (anos de escolaridade)	Sem acção social escolar no 12.º (%)	Idade média no 12.º ano	Taxas de retenção no 12.º ano (%)
EBS com Pré-escolar do Porto Moniz	M	Porto Moniz	36	10.56	11.86							
Instituto D. João V	CA	Pombal	50	11.38	12.74							0
EBS Padre José Agostinho Rodrigues	D	Alter do Chão	49	9.84	11.29			9.29	11.74	72.7	17.36	0
Colégio Arautos do Evangelho	PRI	Guimarães	7	11.43	12.99							
EBS Ribeiro Sanches	D	Penamacor	46	9.60	11.17			8.77	10.64	72.2	17.78	11
EBS do Baixo Barroso, Venda Nova	D	Montalegre	32	9.48	11.34			7.09	9.23	53.2	17.21	4
EBS das Flores	A	Santa Cruz das Flores	54	9.88	11.80							
Colégio de Albergaria	PRI	Albergaria-a-Velha	48	12.51	14.44							4
EB Integrada Mouzinho da Silveira	A	Corvo	7	9.21	11.17							
Instituto Duarte Lemos	PRI	Águeda	30	12.19	14.25							
Externato S. Miguel de Refojos	PRI	Cabeceiras de Basto	21	12.25	14.39							0
ES Marquês de Pombal	D	Lisboa	50	8.62	11.31			11.15	11.22	44.4	17.78	33
EBS José Silvestre Ribeiro	F	Idanha-a-Nova	40	9.18	12.07			11.51	11.88	74.1	17.15	0
EBS Dr. José Casimiro Matias	I	Almeida	55	8.97	11.87			8.73	11.44	71.4	17.14	0
Salesianos do Porto - Colégio	PRI	Porto	42	11.36	14.31							25
EBS Professor António da Natividade	D	Mesão Frio	51	8.17	11.18			6.85	9.22	65.0	17.00	0
Colégio José Álvaro Vidal	PRI	Vila Franca de Xira	49	10.88	14.09							0
Colégio Rainha D. Leonor	PRI	C. da Rainha	22	11.12	14.42							7
Instituto Pedro Hispano	CA	Soure	42	9.53	12.88							10
Colégio de Lamego	PRI	Lamego	46	10.45	14.01							6
Externato Flor do Campo	PRI	Odivelas	44	9.87	13.80							8
Colégio Dona Filipa	PRI	Amadora	45	8.50	13.91							9
Escola Selecta Amadeu Andrés	PRI	Lisboa	7	9.04	14.86							
Colégio Militar	PUB	Lisboa	143	13.36			63					0
CED Nossa Sra. Conceição (Casa Pia)	PUB	Lisboa	35	8.36								

Como fazemos os rankings e como ler esta lista, coluna a coluna

O que mede o Ranking de Superação?
É de acordo com o Ranking de Superação que as escolas aparecem ordenadas nestas páginas, da que mais supera o que seria esperado para a que menos supera, com base nos resultados obtidos nos exames. Há escolas que estão bem colocadas no Ranking de Exames mas pior no Ranking de Superação (ou vice-versa). A superação pode ser muito grande independentemente da nota média do exame obtida. No contexto desfavorável, por exemplo, temos escolas com valores de superação muito superiores aos de escolas privadas e isso coloca-as numa posição muito diferente da que ocupam no Ranking de Exames. No fim desta lista ordenada estão escolas às quais não foi atribuída qualquer posição no ranking por não terem um número mínimo de 56 provas ou por impossibilidade de as enquadrar num dado contexto.

E o Ranking de Exames?
Lista as escolas que têm pelo menos 56 provas só pela média dos exames.

Todos os alunos entram nestas contas?
Não. Só consideramos provas da 1.ª fase dos exames de 2025 e exames de alunos de cursos científico-humanísticos — para termos um universo de alunos o mais possível comparáveis entre si. Não são, assim, considerados os alunos de cursos profissionais e do ensino artístico especializado, nos quais não é necessário realizar exames para se obter aprovação nas disciplinas. Além disso: só consideramos exames realizados por alunos que, na base de dados ENES (fornecida pelo MECI), são identificados de uma de três formas: alunos "Admitidos a Exame" (AE), que prestam provas como alunos internos da escola (o exame vale 25% da nota final); alunos da escola que "Anularam a Matrícula" (AM) a uma dada disciplina e inscreveram-se no exame como autopropostos para tentar concluir essa disciplina, ficando nesse caso com uma classificação final igual à do exame; e provas de alunos "Reprovados por Frequência" (RF), que vão a exame porque reprovaram e pretendem concluir disciplinas também só com a nota do exame.

Não consideramos exames realizados para melhoria de nota, apenas provas para aprovação da disciplina. Exemplo: a nota de um aluno que numa disciplina faça exame para aprovação conta para a média atribuída à escola, mas se o mesmo aluno fizer também um exame de outra disciplina apenas para melhorar a nota, estando já aprovado, essa nota dessa disciplina não entra na média da escola. A opção evita que um aluno já aprovado e com exame feito no 11.º ano e que o repete no 12.º ano volte a contar para a média da escola. Por fim: há alunos internos que fazem mais do que os três exames obrigatórios (até 2019 eram quatro os obrigatórios) para terem mais uma prova que lhes sirva de ingresso ao ensino superior; esses alunos fazem esse exame "extra" não para aprovação, mas para acesso ao superior; essas notas também não entram na média da escola, já as das provas dos exames obrigatórios desses alunos são contabilizadas. **Andreia Sanches**

Ficha Técnica **Tratamento estatístico:** Pedro Vasques, Victor Ferreira, José Volta e Pinto (PÚBLICO), Maria Conceição Silva (Católica Porto SBE) **Base de dados:** Pedro Vasques **Desenvolvimento:** David Costa Mano e Nuno Moura
Fonte: cálculos efectuados pelo PÚBLICO e pela Católica Porto SBE com base nos dados fornecidos pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação



PRATICAR
A TEORIA

LIGAÇÕES QUE ABREM PORTAS

INSUBSTITUÍVEIS

CATÓLICA PORTO
SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Irreplaceable Humans

Na Católica Porto School of Business and Economics, que mudou de nome, mas mantém a mesma essência, praticar a teoria não é um chavão. É uma realidade materializada em projetos onde estudantes, docentes e empresas trabalham em conjunto para enfrentar desafios reais e gerar impacto positivo.
Porque aprender a fazer bem é insubstituível.

EQUIS ACCREDITED · ASSOCIATION AMBA ACCREDITED · AACSB ACCREDITED · FT EUROPEAN BUSINESS SCHOOLS 2025 RANKING

SAIBA MAIS